NO LITERÁRIO: «SASTRE — PARA UM TEATRO SELVAGEM»

Diário de Lisboa

Nós e o Mundo em MESA REDONDA
suplemento das sextas-feiras

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 1970 N.º 17 231 ANO 50.º PREÇO 1$50

MAIS ÁRORES EM PORTUGAL — As crianças da «Voz do Operário», á semelhança dos alunos dos diversos estabelecimentos de ensino do País, comemoraram hoje o «Dia da Árvore» da unica maneira positiva: plantando. (Ler na pág. 21).

NÃO É UM CONCURSO

DESTA VEZ SOMOS O ACONTECIMENTO

Temos vindo a dizer que a nova iniciativa deste Jornal se destina aos seus leitores. A frase, reconhecemo-lo, é ambígua, já que todas as iniciativas dum jornal se destinam aos seus leitores. O que pretendíamos dizer é que a iniciativa com que o «Diário de Lisboa» abre a primeira fase da celebração do seu cinquentenário não é um concurso: dirige-se a todos os leitores do Jornal sem que lhes exija qualquer atitude ou actuação específica. Para se habilitar ao maior prémio de toda a história da Imprensa portuguesa e aos outros magníficos prémios instituídos para este efeito, apenas se lhe pede que seja leitor habitual do «Diário de Lisboa». — **(Cont. na últ. pág.)**

O embaixador suíço no Rio poderá ser libertado até ao fim desta semana

RIO DE JANEIRO, 10 — (F. P. e R.) — Aumentaram hoje as esperanças de que o embaixador da Suiça, Giovanni Enrico Bucher, possa ser libertado pelos seus raptores até ao fim desta semana.

Numa carta publicada ontem, Bucher afirma que tem estado a ser convenientemente tratado. A carta, escrita em francês pelo próprio punho do diplomata, foi encontrada num templo maronita em Tijuca, juntamente com uma nota dos raptores, cujo conteudo não foi revelado, e ontem á noite o Governo proibiu mesmo a publicação do texto da carta.

PROIBIDA A PUBLICAÇÃO DA CARTA DE BUCHER?

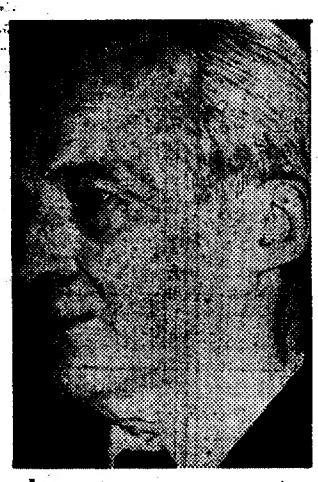
Julga-se que o Governo proibiu a publicação da carta de Bucher, que está colocado no Brasil desde 1966, porque num dos seus períodos afirma «não ter duvida que o Governo brasileiro fará o necessário para a minha libertação, tal como tem feito em casos anteriores». Esta afirmação refere-se aparentemente á libertação de 69 presos políticos feita pelo Governo em pouco mais de um ano, para negociar a liberdade de três diplomatas anteriormente raptados.

Assim, o Governo brasileiro acha que não deve ser Bucher a indicar-lhe o que há-de fazer, proibindo, em consequência, a publicação da carta.

O Governo publicou ontem á tarde um lacónico comunicado em que aceita o diálogo com os raptores do embaixador Giovanni Bucher.

O comunicado só foi publicado depois de passados dois dias sobre o rapto do embaixador, numa altura em que circulam com insistência rumores acerca da oposição, que se estaria a formar entre os oficiais «duros» do Exército, contra a troca proposta pelos revolucionários. A escolha do

(Continua na 22.ª página)



LUIS LELOIR, que hoje recebe das mãos do rei da Suécia o Prémio Nobel da Química. O prémio foi atribuido ao professor argentino pelos seus trabalhos de descoberta do nucleótidos do açucar na biosintese dos hidratos de carbono. Outras personalidades galardoadas também receberão hoje os respectivos prémios. (Ler na página 23)

EDWARD HEATH, o solteirão do n.º 10 da Downing Street, parece muito satisfeito entre as «Savoy Dancers» durante uma festa de Natal em que o primeiro-ministro de Sua Majestade Britanica era o convidado de honra.

Meio milhão de ferroviários em greve nos EUA

WASHINGTON, 10 — (F. P. e R.) — Contradizendo as recomendações do Congresso, que acabava de lhes conceder um aumento de 13,5 por cento, e a do presidente Nixon, que lhe tinha pedido para não fazerem greve, meio milhão de ferroviários americanos abandonaram o trabalho á meia-noite de ontem.

A Câmara dos Representantes aprovou ontem á noite, ao mesmo tempo que o Senado, um aumento imediato de 13,5 por cento para os 500 000 ferroviários americanos em troca do que o seu sindicato adiaria para 1 de Março a ordem de greve dada para a meia-noite de ontem (6 horas em Lisboa).

C. L. Dennis, presidente do Sindicato dos Ferroviários, declarou que, a despeito dos esforços do Congresso, a ordem de greve seria mantida. O presidente Nixon, entretanto, está pronto a assinar, se necessário, uma ordem proibindo a suspensão do trabalho.

O presidente Nixon assinou a lei já passava das 2 horas da madrugada, mas a partir da meia-noite os ferroviários tinham começado a abandonar o trabalho, sobretudo nas costa atlântica, devido á diferença de horas em relação á costa do Pacífico.

HOJE 36 PAGS.

VISADO PELA CENSURA

COMUNICAÇÃO DO MINISTRO RUI PATRÍCIO

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, fará esta noite, ás 22 horas, uma comunicação através da E. N. e da R. T. P.

Um deputado falou da situação dos cantoneiros

«São confrangedoramente baixas as remunerações mensais do pessoal cantoneiro, a 228 dos quais respeitam salários de 40$00 diários (1200$00 mensais) que na tradicional agricultura se não vencem já» — afirmou, esta tarde, na Assembleia Nacional, o deputado Alberto Alarcão.

O deputado Alberto Alarcão, um dos seis inscritos para usar da palavra, no período antes da ordem do dia, referiu-se detalhadamente á situação dos 2869 cabos e cantoneiros da Junta Autónoma de Estradas e a aspectos de infraestrutura rodoviária do País. Referindo a próxima construção de 480 quilómetros de autoestradas, o deputado pediu que uma solução seja encarada para o caso da estrada de Torres Vedras — sugerindo a construção da «via rápida do Oeste».

Outros deputados inscritos foram: Cancella de Abreu («Visita á Guiné»), Gabriel Gonçalves («Ordenamento agrícola»), Silva Mendes («Viagem ao Ultramar»), Serra Pereira («Novos limites de Abrantes»), e Ribeiro Veloso («Viagem ministerial a Moçambique»).

Na ordem do dia (generalidades sobre a propotas de lei de meios para 1971), intervieram os deputados Jorge Correia, Ricardor Horta, Oliveira Dias e Henrique Tenreiro.

Por seu turno, as comissões da Educação Nacional e da Economia prosseguiram os seus trabalhos sobre as propostas de leis referentes ao Cinema e ao Teatro e da autorização de receitas e despesas para 1971.

LEI DE IMPRENSA: O relator é o conselheiro Trigo de Negreiros

O conselheiro Trigo de Negreiros foi o procurador escolhido para relator do parecer que a Câmara Corporativa emitirá, no prazo de um mês, conjuntamente sobre o projecto e a proposta da lei da Imprensa, apresentados á Assembleia Nacional, e que posteriormente transitaram para aquela Câmara, como tem sido referido.

O L. N. E. C. ESTUDA O PORTO DE HUELVA

No Laboratório Nacional de Engenharia Civil, uma comissão espanhola, foi observar o modelo reduzido do porto de Huelva, construído no Serviço de Hidráulica daquele organismo de investigação, para estudo da obtenção e conservação de melhores fundos da barra do rio Odiel.

A comissão espanhola que era composta pelo presidente da Junta do Porto Autónomo de Huelva, director do mesmo porto espanhol, chefe de Costas e Porto do Sul e ainda por um engenheiro adjunto, foi recebida pelos chefe do serviço do L. N. E C. e director do Instituto Hidrográfico de Lisboa.

DE ONTEM PARA HOJE

COLÓQUIO DE VILA REAL

O ministro do Interior, dr. Gonçalves Rapazote, presidiu á sessão de encerramento do I Colóquio de Desenvolvimento do Distrito de Vila Real. Depois de o governador civil do distrito ter agradecido ao ministro a sua presença e de o secretário do colóquio ter lido as respectivas conclusões, aquele membro do Governo fez um discurso em que começou por definir o desenvolvimento (o «enriquecimento da comunicação humana tornado cada vez mais largo e mais profundo»). Após afirmar que «os nossos camponeses emigram, com passaporte ou sem ele, e as aldeias vão pagando o custo social do desenvolvimento», o ministro prosseguiu: «É corrente falar-se da crise do município mas eu creio que o concelho é ainda hoje a expressão mais natural do convívio dos cidadãos, das famílias e dos grupos e a pedra em que tem de assentar a administração local». Disse, depois, que da colaboração estreita com os gabinetes das Juntas Distritais e com as Juntas de Freguesia se deve esperar a resolução dos problemas que mais directamente interessam aos povos. E terminou com um apelo: «Vamos criar o modelo do nosso desenvolvimento, realizando uma comunidade cada vez mais larga, mais diferenciada e mais rica».

OFERTA

O Governo belga fez entrega á Biblioteca Nacional de uma edição de luxo de um manuscrito do século XII — o «Liber Floridus», de Lambert de Saint Omer. Encarregou-se da incumbência o conde Serge de Robiano, conselheiro da Embaixada da Bélgica em Portugal, tendo recebido, pela Biblioteca, o respectivo director, dr. Manuel Estevens.

TRUCIDADO

Em Pinhal Novo, foi trucidado por um comboio, tendo morte imediata o sr. Manuel Inácio Pessoa, solteiro, de 41 anos.

DESPISTE

Por se ter despistado a motorizada em que seguia, faleceu, em Mortágua, o sr. Benjamim Maurício, de 55 anos, negociante.

INCÊNDIO

De madrugada, declarou-se incêndio numa oficina de conserto de calçado da firma Salão das Andorinhas, da Rua de Santa Justa. Os prejuízos, não segurados, são vultosos. O fogo foi combatido por pessoal da 1.ª Companhia do B. S. B.

MACACO BÊBADO

Um macaco embriagado cometeu toda a casta de tropelias (tendo até mordido uma criança) e provocou grande alvoroço numa zona da Venda Nova, na Estrada das Fontainhas. Numa casa de pasto, o símio partiu todas as garrafas de uma grade de cervejas, bebeu sôfregamente o conteúdo e transformou o estabelecimento num pandemónio de desarrumação. Só ao cabo de duas horas de perseguição os bombeiros da Amadora e a G N. R. conseguiram detê-lo, levando-o para o hospital da Escola Superior de Medicina Veterinária.

HOMENAGEM

O eng.º Vilar Queirós, secretário provincial de Comunicações de Moçambique, foi homenageado com um jantar, na Casa de Moçambique.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *Os 90 deputados que ontem responderam á chamada começaram por ouvir a leitura de um ofício do Presidente do Conselho, no qual dava conta da recepção de um ofício em que o presidente da Câmara lhe comunicava a aprovação de uma moção «no sentido de a Assembleia Nacional se solidarizar com o Governo no esforço desenvolvido para incentivar a melhoria das nossas relações internacionais, e expressando um voto de frutuosos resultados para as negociações de Bruxelas com vista á aceleração do nosso processo de desenvolvimento».*

«Da moção darei conhecimento em reunião de Conselho de Ministros». — Terminava o ofício do prof. Marcello Caetano.

★ O «leader», deputado Almeida Cotta, abriu o período antes da ordem do dia com a leitura de um longo trabalho em que analisou a acção do Governo presidido pelo prof. dr. Marcello Caetano. «A pesada máquina do Estado moveu-se mais ágilmente» — disse a certa altura. Já havia afirmado que «na base do progresso real (...) temos de colocar a ordem». Mas a ordem, acrescentaria, é fundamentalmente um estado natural e não uma lagoa de água estagnada: «Um clima humano, ordeiro e pacífico só se mantém á custa do constante e laborioso trabalho dos Governos, não apenas exercido no sentido policial».

★ *O «leader» foi advertido, a certa altura, pelo presidente de que estava a ultrapassar a meia hora a que tinha direito. O deputado, prosseguindo, fez a defesa das ultimas iniciativas do Governo, afirmando que «poderemos encarar confiadamente o porvir». Lamentou que «haja ainda de se perder precioso tempo na luta contra a mentira e contra o boato, contra a subversão e a desordem».*

★ E acrescentou a certa altura o «leader» do Governo: «Não fora a profunda mágoa que nos deixou a atitude do Vaticano, a propósito da audiência concedida aos fautores das guerrilhas da Guiné, Angola e Moçambique, poderíamos marcar só com pedras brancas este período da nossa actividade diplomática».

★ *O deputado Casal Ribeiro leu uma declaração: na sessão de 3 do corrente não aprovara a proposta do deputado Oliveira Dias. Não porque não desejasse a melhoria das nossas relações internacionais ou fosse contra o Mercado Comum, ou contra a Europa. Votou porque não se sentia habilitado a pronunciar-se. Sempre tomou a responsabilidade das suas atitudes — disse — mas apenas disso.*

★ Ainda no período antes da ordem do dia falaram os deputados Leal de Oliveira, para louvar o Governo pela recente legislação sobre estupefacientes; Delfino Ribeiro, para se congratular pela recondução no cargo do governador de Macau; Eleutério de Aguiar, sobre problemas do Arquipélago da Madeira; Moura Ramos, que abordou o problema do pão sob a consigna «dar pão bom e barato ao povo», pondo em relevo deficiências do novo regime cerealífero; Augusto Correia, que se ocupou da falta de estradas no distrito de Coimbra, acentuando que, só no concelho de Pampilhosa da Serra, há 28 povoações isoladas.

★ *O deputado Eleutério de Aguiar, na sua intervenção, afirmou que ao País se apresentou, nesta legislação, uma «Assembleia Nova», acrescentando: «Para que o País mais fácilmente se pudesse aperceber desse facto, muito contribuiu a acção da Imprensa, que desde a primeira hora nos tem acompanhado. Faço esta simples referência por ser grata ao meu espírito e também porque estamos em vésperas de legislar sobre a sua actividade, que só poderá ser absolutamente responsável, se e quando verdadeiramente livre».*

★ Na ordem do dia, que continua a ser a discussão da Lei de Meios, falaram os deputados Teixeira Pinto, Joaquim Macedo e Leal de Oliveira.

★ *A Câmara ouviu com atenção as palavras do prof. Teixeira Pinto, que analisou o documento em discussão. Sobre o caminho da Europa nada dirá. Sobre as despesas militares não se deterá. Falou, por exemplo da «pressão inflacionista». «A inflação é um facto». E' um problema geral, um problema «com que temos de viver». Falou dos estímulos de consumos, dos aumentos de salários que influem nos preços, a partir de certo ponto. «Vale a pena intensificar a intervenção do Governo?» — pergunta a certa altura o orador. «Problema delicado». Terminou com um louvor ao ministro das Finanças e da Economia, depois de defender a necessidade de fiscalização das sociedades anónimas, como incentivo á mobilização de capitais.*

★ O ultimo orador falou já para um diminuto número de parlamentares. A sessão fora bastante longa. O almirante Henrique Tenreiro, inscrito, desistiu da palavra, ficando reservado para hoje.

MANUEL DE AZEVEDO

CONSTRUTORES PORTUGUESES EM BARCELONA

Seguiu esta manhã de avião para Barcelona um grupo de empresários portugueses de firmas construtoras de obras publicas, que vão visitar o complexo de auto-estradas daquela região espanhola e contactar com os métodos mais avançados da construção em técnica rodoviária que ali têm sido praticados.

A iniciativa deve-se á colaboração conjunta dos Bancos Português do Atlantico e Pinto & Sotto Mayor, instituições portuguesas componentes do Consórcio Luso-Hispano-Italiano que, recentemente, concorreu á construção e exploração da vasta rede de auto-estradas com que o Governo português pretende dotar o país.

Acompanharam o grupo de construtores os srs. eng.º José Escarameia e Pedro Borges da Gama, em representação dos Bancos Português do Atlantico e Pinto & Sotto Mayor, respectivamente.

canasta
pr. de Londres 11-B
e
boutique tartaruga
São a partir de hoje uma e a mesma organização. Numa maior área inauguramos também uma
maior exposição
na boutique tartaruga
Av. Julio Diniz 10-C
para a qual convidamos todos os nossos amigos

DIADEMA
Joalheiros
Agentes oficiais:
PATEK PHILIPPE
166, Rua do Ouro, 170 — Telef. 321362 — LISBOA

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

SECRETÁRIA
ADMINISTRAÇÃO
OFERECE-SE
Larga experiência como secret.-geral e administração, sabendo línguas.
Resposta a este jornal ao n.º 659

SNR. AUTOMOBILISTA
GANHE DINHEIRO! POUPE O SEU AUTOMOVEL: DEFENDA-O DOS INVERNOS! MANDANDO APLICAR NO CHASSIS E NA CHAPARIA INTERIOR A CAMADA PROTECTORA «PLASTICOAT»
Protecção total garantida por 5 anos
Não precisa mais parafinar nem pintar
Anti-ferrugem, anti-ruidos — Aumenta a vedação
CAMPANHA INVERNO de 1/11 a 1/4/71
Marque já a sua entrada
Preços: 650$00 550$00 450$00
COTAL — Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusiadas, 113-A
ESPECIALIZADOS HA 25 ANOS

O TRATADO BONN-VARSÓVIA

O GOVERNO DE ULBRICHT SERIA O ÚNICO SATISFEITO COM O SEU MALOGRO

«A República Federal da Alemanha e a República Popular da Polónia concordam em constatar que a fronteira existente, cujo traçado foi fixado no capítulo IX dos Acordos da Conferência de Potsdam de 2 de Agosto de 1945, constitui a fronteira ocidental da República da Polónia»: haverá assim tanto mérito nisto, seria assim tão difícil reconhecer uma evidência, que, há muitos anos se encontra já inscrita nos manuais escolares e nos atlas de todos os países (salvo na República Federal)?

É sempre difícil esquecermos textos que nos dão razão. Assim a letra do acordo de Potsdam: «A delimitação final da fronteira ocidental da Polónia deve ser feita no momento da regulamentação da paz.» Assim a carta do Atlântico de 1941, pela qual os futuros vencedores afirmavam que não se tratava de uma guerra de anexação, enquanto a U. R. S. S e a Polónia se atribuiram um quarto do território alemão, tal como o definia o duro tratado de Versalhes, tal como o definiam ainda os vencedores, quando tomaram conta da soberania do vencido, a 5 de Junho de 1945. Assim os Acordos de Paris de 23 de Outubro de 1954, que continuam teòricamente em vigor, e segundo os quais «as três potências (ocidentais) reservam-se os direitos e as responsabilidades anteriormente exercidas ou detidas por elas, no que se refere a Berlim e à Alemanha no seu conjunto».

Por ALFRED GROSSER

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

É sempre difícil passarmos por cima da injustiça que constitui uma desigualdade de tratamento. Sim, Hitler invadiu a Polónia, mas não foi o único que a invadiu. Em aplicação do tratado germano-soviético de 23 de Agosto de 1939, Estaline apoderou-se também de metade da Polónia mártir, tendo a U. R. S. S. acabado por ficar, finalmente, com o maior bocado da Polónia. Estaline contribuiu para exterminar a élite polaca, e, se não foi ele que aniquilou Varsóvia, foi ele que deteve o avanço das tropas soviéticas até se cumprir o aniquilamento da capital. Quem falá hoje disso? Nove milhões de alemães foram expulsos, o que permitiu a polonização completa das terras primeiramente atribuídas á simples administração da Polónia. Desde então, todo o desejo de regresso, toda a nostalgia, foram considerados, fora da Alemanha, como sentimentos guerreiros, e a política de integração económica e social praticada pelo Governo Federal como um caso mínimo. No entanto, de ano para ano, a reivindicação dos refugiados e expulsos da Palestina é cada vez mais escutada

As ilusões

É sempre difícil renunciar a ilusões. Nós, os franceses, sentimo-lo, durante muito tempo, a propósito da Argélia. Muitos alemães quiseram acreditar que os textos por eles citados tinham uma relação directa com a realidade, e, sobretudo, que as expulsões e a extensão da Polónia para Oeste eram, de certo modo, um facto comunista ao qual se opunha o «Ocidente». Ora, não só a reivindicação fora comum a todos os polacos, aos de Londres como aos de Lublin, como ainda cada um deles admitira que a Polónia tinha direito a vastos territórios como compensação ainda insuficiente para as incomensuráveis destruições humanas e materiais que ela sofrera e aos abandonos territoriais que ela consentira á U. R. S. S.

«Seria necessário efectuar — declarava Churchill, perante os Comuns, no dia 15 de Dezembro de 1944, a transferência de vários milhões de pessoas (polacos) de Leste para Oeste e Norte, assim como a expulsão dos alemães — porque foi isso que se propôs: expulsão total dos alemães — para fora do território adquirido pela Polónia, a Oeste e a Norte. A expulsão é, na verdade, até onde sabemos, o método mais satisfatório e mais duradouro. Não haverá misturas de populações, por causa das perturbações sem fim, como foi o caso da Alsácia-Lorena.»

Alguns dias antes, o general De Gaulle dissera ao seu interlocutor de Moscovo: «Não somos, portanto, absolutamente contrários ao que o marechal Estaline nos disse, há dias, sobre as fronteiras ocidentais da Polónia. Supomos que tal solução excluiria o acordo entre a Alemanha e a Polónia» — acordo que o presidente da República Francesa procurará favorecer, daí a 20 anos, e que só agora foi concluído.

(Continua na 6.ª página)

SÃO MELHORES AS PERSPECTIVAS DE INVESTIMENTO NA INDÚSTRIA

A situação provocada pela quebra dos investimentos na industria, verificada em 1968, deve melhorar nos anos de 1969 e 1970, de acordo com as perspectivas anunciadas no relatório sobre investimentos da Corporação da Industria, agora divulgado e baseado nos inquéritos realizados em Março de 1968 e Março de 1969, pelo Gabinete de Conjuntura e Análise Económica. Diz-se ali, efectivamente:

«O volume de investimentos realizados em 1968 pelo conjunto das unidades que compõem a amostra constante representa 93 % do valor dos investimentos realizados em 1967. Esta quebra de volume de investimento em 1968 é comum aos três tipos (de bens-consumo, intermédios e investimentos), mas foi particularmente saliente nas industrias de bens de investimento. O volume de investimentos realizado em 1968 pelos bens de consumo, intermédios e de investimento representa, respectivamente, 91 %, 99 % e 57 % do investimento realizado em 1967. Como nota saliente refere-se, mais uma vez, a quebra dos investimentos nas industrias de bens de investimento. Esta situação que tem sido verificada com certa frequência nos ultimos inquéritos, deverá modificar-se em 1969 e 1970. De facto, as perspectivas para aqueles dois anos são bastante favoráveis.»

O relatório assinala, depois, «que foram os distritos de Lisboa e Setubal aqueles que aumentaram os investimentos em 1968 relativamente a 1967. O distrito do Porto manteve-os, enquanto que os distritos de Aveiro, Braga, e restantes zonas do País diminuiram consideràvelmente o investimento. Em face destes resultados parece de concluir que foram ainda os pólos de desenvolvimentos industriais mais evoluídos aqueles que mantiveram ou aumentaram os investimentos, enquanto que nas restantes zonas do País o investimento sofreu uma quebra de tal forma acentuada que ultrapassou os acréscimos acima referidos. Estes resultados vieram acentuar ainda mais os desequilíbrios regionais do ponto de vista da distribuição espacial da industria portuguesa.

Considerando o volume de investimento realizado em 1967 e 1968 e, tomando como ponto de referência a estratificação dos investimentos por classes de despesa, observa-se que os escalões (acima de 100 mil contos, entre 50-100 mil contos e entre 10-20 mil contos) apresentam todos o mesmo numero de projectos, embora as verbas despendidas em 1967 sejam superiores nos dois primeiros escalões sucedendo o contrário em relação ao terceiro. Nos outros dois escalões considerados — escalões 20-50 mil contos e abaixo dos 10 mil contos — o numero de projectos em 1967 foi superior áquele verificado em 1968, mas as despesas por escalão foram semelhantes.»

Acentua-se mais adiante que em Março de 1968 as perspectivas quanto a investimento eram francamente melhores que um ano depois (Março de 1969). Foram sobretudo as indústrias dos bens intermédios e de consumo os principais responsáveis por esta situação, uma vez que as industrias dos bens de investimento melhoraram a sua posição de Março de 1968 para Março de 1969, ao contrário do que vinha acontecendo nos ultimos inquéritos.

Em relação ás industrias dos bens intermédios, onde as perspectivas são piores, os resultados obtidos resultam fundamentalmente da inexistência de grandes projectos nos ultimos dois anos considerados: 1969 e 1970.

Ao comparar as estimativas de investimentos para 1969 com as estimativas para 1970, o relatório acentua que «apenas os distritos de Lisboa e do Porto acusam melhores perspectivas para 1970. Nos restantes sucede precisamente o contrário. Em síntese poderá dizer-se então, que as perspectivas de investimento eram favoráveis em Lisboa e no Porto; desfavoráveis nos distritos de Setubal, Aveiro e outros e de sinal indefinido em Braga.»

Em conclusão, afirma-se no relatório: «Parece fundamental reter que *as perspectivas relativas a investimento para os anos de 1969 e 1970 — a partir dos inquéritos realizados pela Corporação da Industria, em Março de 1968 e Março de 1969 — eram favoráveis nas industrias tipográficas, curtumes, máquinas e transformadoras diversas, sucedendo precisamente o contrário nas industrias têxteis, produtos minerais não metálicos e metalurgicas de base.* Nos restantes casos a situação manteve-se estacionária ou melhorou num dos anos mas piorou no outro.

Por escalões de despesa constatamos que o volume de investimento previsto e estimado em Março de 1968 para esse ano e para 1969, supera a previsão e estimativa estabelecida um ano depois para 1969 e 1970 nos escalões acima dos 100 mil contos e abaixo dos 10 mil contos. Nos escalões intermédios sucede exactamente o contrário.»

RECTANGULOS da VIDA

O BOM LUGAR

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

O que nós lutamos a vida inteira por um bom lugar! Primeiro na escola, perto ou longe do mestre — como convém ao nosso desejo de saber ou à nossa vontade quase indomável de ignorar —, depois, no emprego, um lugar aqui ou ali, trabalhoso ou leve, bem pago ou assim-assim, brilhante ou discreto. Fulano, grande malandro, quis tirar-nos o lugar. Fulano conseguiu mesmo os seus intentos, e eis-nos perdidos, sem o desejado lugar ao sol, e temos que recomeçar a nossa busca. Um lugar ao sol, que maravilha, até a publicidade nos exibe esse lugar que é mesmo ao sol e à beira-mar ainda por cima. Há pessoas com vários bons lugares de pouco ou nenhum trabalho. Há pessoas assim. Os outros. Os tais.

Procuramos um bom lugar no autocarro, de preferência à janela. Lutamos um pouco pela janela mesmo no triste metropolitano sem paisagem. Ocupamos um dos melhores lugares — o melhor, se a sala estiver vazia — no consultório do médico ou do dentista, ficamos furiosos se alguém nos rouba o lugar na bicha do cinema. Aquele lugar era nosso, não viam? Aquele lugar pertencia-nos.

Moramos num local bonito, com ou sem árvores. Ou num sítio muito central ou extremamente tranquilo. Temos, enfim, um bom lugar para viver. Ou um lugar razoável, o que se pôde arranjar. Há pessoas com um bom lugar de Inverno e outro de Verão, são as queridas dos deuses. Algumas arranjam ainda por cima — são previdentes como tudo e receiam (com razão) a desatenção dos que ficam —, um bom lugar para depois de mortas, num pequeno e bonito «chalet» ou numa vivenda luxuosa, embora, claro está, sem janelas, a que se chamará um dia «a última morada», ou, menos poèticamente, «jazigo de família»

É esse o último bom lugar, embora os inquilinos nunca cheguem a saber se ele é tão bom como isso. Claro que há os que preferem um lugar nem bom nem mau, pensando em Lavoisier. Mas isso é outra história.

LIVRELCO

Encontro com o sr. dr. Magalhães Godinho que fará um colóquio sobre Introdução e História económica

SÁBADO, 12, ÀS 17 HORAS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

VIOLETTES AMERICAN SHOW

LIA UYA
vedeta internacional da canção

FOUR REBERTES
ACROBATAS e FANTASISTAS

LÍDIA RIBEIRO
com RAUL SILVA e ANTÓNIO LUÍS GOMES

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

RITA REAUMUR
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.
MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR Á 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS

NO CINEMA, ás 17 e 21.30 (M. 12 anos)
A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD

GLAYVA

Famoso licor feito à base de whiskies velhos seleccionados.

Importado directamente da origem pelo seu único agente em Portugal:

J. CÂNDIDO DA SILVA

LISBOA—Avenida de Berna, 42-A—Telefones: 760194-776340
PORTO—R. de S. Luís, 12 a 22—Telefones: P. P. C. 28251/2/3 e 37045
COIMBRA—Rua Dr. António José de Almeida, 273 a 277 — Telefone, 27477

RICARDO SALVAT DIRECTOR DE UM TEATRO

O encenador catalão Ricardo Salvat, que já trabalhou no nosso País, acaba de ser nomeado director do Teatro Nacional Calderón de la Barca, de Barcelona — anuncia o diário madrileno «A B C». A nomeação foi-lhe comunicada de viva voz pelo delegado provincial do Ministério de Informação e Turismo.

Ricardo Salvat, hoje um dos mais importantes homens de teatro da Península, inaugura a sua actuação no Calderón com um espectáculo em catalão: «La filla del mar», de Angel Guimera.

VIDA MUSICAL

TEMAS DE BEETHOVEN EM TRÊS BAILADOS

CALDAS DA RAINHA 10. — O Grupo de Bailado do Conjunto Cénico Caldense dá na próxima semana dois espectáculos, marcados para os dias 16 e 17 no Teatro Pinheiro Chagas, com coreografias sobre música de Beethoven. É ainda um desdobramento das celebrações do segundo bicentenário do nascimento do compositor, a que o C. C. C. aderiu de modo eloquente.

O grupo dançará três motivos: «Libertação» (música da abertura de «Egmont»), «Amor» (um «pas de deux» sugerido pelo «Concerto n.º 3 para piano e orquestra») e «Alegria» (sobre trechos da «8.ª Sinfonia».

A entrada — gratuita — faz-se com convites a requisitar na sede do Conjunto Cénico Caldense.

Tila e John Montés

Reveste-se de interesse o recital que o duo de pianistas Tila e John Montés darão amanhã, ás 18 e 30, no Auditório Dois, da Fundação Gulbenkian para encerramento da primeira série de «Concertos do Auditório Dois» na presente temporada.

Os dois artistas apresentarão um programa constituído por obras representativas do melhor repertório para dois pianos, obras essas que, no entanto, são pouco ouvidas entre nós.

Será dada a audição do «Concerto Patético», de Liszt, da «Fantasia em fá menor», e Schubert e das «Variações sobre um tema de Paganini», do grande compositor polaco contemporâneo Witold Lutoslawsky.

Em primeira audição absoluta será executada a obra «Atmosferas», de Alicia Terzian, dedicada á memória de Calouste Gulbenkian.

Folclore, baladas e «blues»

Dedicado ao folclore americano, o Centro Cultural Americano, á Avenida Duque de Loulé, 22-B, apresenta hoje, ás 18 e 30, no seu auditório, mais um programa de musica gravada com os temas seguintes: folclore religioso baladas dos viajantes e «blues». A entrada é livre.

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
(Maiores de 7 anos)

Temperatura confortável — 3.ª SEMANA

HOJE, ÀS 21.45 HORAS
PRIMEIRA NOITE POPULAR
A PREÇOS REDUZIDOS
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$00 e 50$00
(A mesma tabela das TARDES DOS SÁBADOS)

A DENÚNCIA SATÍRICA DE CALVO SOTELO
o inocente
UMA PEÇA ONDE A BRINCAR A BRINCAR, SE DIZEM COISAS MUITO SÉRIAS

Por isso o publico ri do princípio ao fim, mas sai a pensar como é difícil ser honesto e puro numa sociedade onde vale tudo para explorar o próximo.

Notabilíssimo desempenho da Companhia do T. M. M. com IGREJAS CAEIRO no protagonista.

Exposição da M. P. F. sobre Teatro Medieval

Destina-se especialmente a alunas do Ensino Liceal, que a percorrerão em visitas guiadas, a exposição sobre teatro medieval promovida pelo Comissariado Nacional da M. P. F. e inaugurada ontem á noite em São Carlos, durante uma breve cerimónia a que presidiu o ministro da Educação Nacional.

O certame, a cuja solene abertura estiveram também presentes o director-geral da Cultura e Espectáculos, o director do Teatro Nacional de S. Carlos e, na qualidade de anfitriã, a comissária nacional da referida organização feminina, ficará patente ao público pelo curto espaço de três dias. Prevê-se, no entanto, que seja repetido em Fevereiro no Palácio Foz.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

o livro do ano

NATAL
UMA JÓIA NUMA MULHER, TORNA-A AINDA MAIS JÓIA
OURIVESARIA JADE
Praça de Londres, 4-A

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MAIORES DE 17 ANOS

LURDES NORBERTO

+

GLICINIA QUARTIN

+

SINDE FILIPE

+

JOÃO GUEDES

=

Sexta-feira, 4 e um quarto

COMÉDIA do Grupo de Acção Teatral — ESTREIA AMANHÃ, às 21,45 horas no TEATRO VILLARET
KEIT WATERHOUSE e WILL SHALL escreveram-na — ARTUR RAMOS e ARMANDO CORTEZ traduziram-na — Dirigiu-a ARMANDO CORTEZ
num cenário de OCTÁVIO CLÉRIGO
(Subsídios da Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro) — BILHETES À VENDA

«A IGREJA DO MAR» DE FREDERICO DE FREITAS

Frederico de Freitas, compositor, é fundamentalmente um ecléctico. Está aí a prová-lo a sua obra, bastante vasta e traduzindo, no plano estético, uma evolução nada rectilínea. Nela encontramos grande diversidade de tendências e de técnicas, numa alternancia despreconceituosa e ductil — desde a revivescência de velhos estilos, muito ao pé da letra (*Missa Solene*, em que se torna saliente o influxo beethovenIano de mistura com laivos italianizantes) ao modernismo austero do *Quarteto Concertante*, passando pelo popularismo e as fortes pinceladas folclorizantes de partituras tão coloridas e cheias de vida como as do quadro sinfónico *Ribatejo* e dos bailados *Dança da Menina Tonta* e *Muro do Derreie*, este ultimo, porventura, o aspecto mais pessoal e representativo da produção do autor.

A Igreja do Mar — concebida á maneira de «conto lírico para a Rádio», depois adaptada á cena (Teatro de S. Carlos, 1960) e agora apresentada no Tivoli em versão de concerto — pode considerar-se, essencialmente, uma cantata ou oratória, com largas explanações de feição descritivista. A despeito de certas manchas de carácter mais ou menos impressionista, o seu estilo reveste-se, com frequência, de grande densidade polifónica, mantendo-se numa linhagem de base tradicionalista e em clima de uma tal ou qual severidade. O assunto provém de uma lenda que ainda circula entre a gente do mar na região de Troia, perto de Setubal. Aliás, não deixa de oferecer pontos de contacto com a lenda bretã da Catedral submersa, a que se reporta a ópera *Le Roi d'Ys*, de Lalo.

Tal como presentemente se nos afigura, *A Igreja do Mar* não pertence ao numero das mais interessantes obras de Frederico de Freitas. No plano musical, há que enaltecer sobretudo o profissionalismo do compositor, a mão-de-obra, nomeadamente quanto á escrita coral, que garante ao tecido sonoro notável transparência mesmo nas passagens em que o pendor dramático leva a sobreposições contrapontísticas desenvolvidas. Mas a realização é pouco imaginativa, o jogo de contrastes impõe-se insuficientemente, o discurso não tem o necessário relevo expressivo. E a partitura é bastante extensa. Daí uma inegável impressão de monotonia, de longura. Por outro lado, o elemento lendário não beneficia de uma transposição literária de bom nível. O texto (assinado por Pedro de Lemos) é de notória pobreza, quer de expressão verbal (a versificação chega a resvalar para o ridículo), quer de virtualidades poéticas.

A Igreja do Mar preencheu a segunda parte do 9.º Concerto Sinfónico da Emissora Nacional, que foi dirigido por Frederico de Freitas. A execução, que mobiliza efectivos bastante dilatados de intérpretes, decorreu de maneira amplamente satisfatória. Tanto a Orquestra Sinfónica da E. N. como o Coro do Teatro de S. Carlos se houveram com brio, numa boa demonstração de profissionalismo. O mesmo deve dizer-se dos seis cantores solistas: Helena Cláudio, José Lopes, Alvaro Malta (tendo a seu cargo uma parte de particular relevancia, a de narrador, de que se incumbiu com maleabilidade), Fernando Serafim (desta vez incomparàvelmente mais feliz do que na recente actuação na *Missa em si menor*, de Bach), Armando Guerreiro (agora fazendo-se ouvir menos do que é costume, mas o suficiente para ressaltar o seu bonito timbre) e Elsa Saque, que se distinguiu muito especialmente pela expressividade luminosa e a pureza da sua voz correndo com fluência.

Na 1.ª parte do concerto tocou-se a *Sinfonia n.º 88, em sol maior*, de Haydn. Versão correcta, sem duvida, porém, algo «pesada» ou tolhida na leveza essencial do seu estilo.

NUNO BARREIROS

CÍRCULO DE CULTURA TEATRAL DO PORTO

PORTO, 10. — Na sede do Círculo de Cultura Teatral, efectua-se, no próximo dia 16, ás 21 e 30, a assembleia geral ordinária para a eleição dos corpos gerentes para o ano de 1971. A direcção cessante organizou a seguinte lista para apresentar ao acto eleitoral: *assembleia geral* — dr. António Macedo (presidente), dr. Armando Bacelar (vice-presidente) e eng.º Carlos Sousa Baptista (secretário); *direcção* — Fernando Gaspar (presidente, arquitecto Célio Melo Costa (vice-presidente), Manuel Alves Rigor e Manuel Dias (secretários), António da Silva Jorge (tesoureiro), Maria Lia de Brito e Fernando Luís Correia da Silva (vogais); *conselho fiscal* — Afonso Pinto de Magalhães (presidente), eng.º António Guilherme Paulo Vallada (relator) e Joaquim Gomes Carneiro (vogal).

THE KING OF WHISKIES

SANDEMAN SCOTCH WHISKY

PRODUCED AND BOTTLED IN SCOTLAND

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

A «CIUDAD DE LOS MUCHACHOS» NO ORIENTE

Uma informação da Europa-Press, transcrita nos principais diários espanhóis, dá conta de que o famoso circo Ciudad de los Muchachos, actualmente em *tournée* pela França, irá no próximo ano ao Japão e ás Filipinas.

Para esta actuação vai ser criado um pequeno «coliseu» desmontável, á base de elementos prefabricados, obra orçamentada em 7 milhões de pesetas.

A RETROSPECTIVA DO CINEMA MUDO EM COIMBRA

COIMBRA, 10 — No Teatro de Gil Vicente decorre esta tarde a primeira sessão da Retrospectiva de Cinema Mudo Português, promovida pela Secção de Cinema e Fotografia do Centro Universitário de Coimbra.

Será exibido o filme «Os Fidalgos da Casa Mourisca». É livre a entrada.

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — Telef. 280919
A COMPANHIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
Apresenta hoje e todas as noites, às 22 horas
SOTOBA KOMACHI de YUKIO MISHIMA
tr. ORLANDO NEVES
e
BREVE SUMÁRIO DA HISTÓRIA DE DEUS
Encerrado às 2.as-feiras p/ descanso da companhia de GIL VICENTE
ADULTOS

No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pedro Alves, Suc., Rua Batalhoz.

Com a colaboração especial de MARIEMA

Pela 1.ª vez em revista MARIA DO CÉU GUERRA

* TEATRO VARIEDADES (adultos)
As 20.45 e 23 horas (Adultos)
GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO
apresentam a
SUPER REVISTA DE LUXO
«...E O ZÉ FAZ TUDO!»
UM ELENCO DE «ESTRELAS»
com a atracção nacional
DUO OURO NEGRO

LESLIE PHILLIPS · JAMES ROBERTSON JUSTICE · HARRY SECOMBE · ROBERT MORLEY · ANGELA SCOULAR

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

...vá com elas! no mais alegre cruzeiro as mais divertidas aventuras!

UM VENDAVAL DE ALEGRIA! EM 2.ª SEMANA

doctore accuratus cum illas

COLORIDO

Doutor... cuidado com elas!

ADULTOS

"doctor in trouble"

ARGUMENTO JACK DAVIES · PRODUTOR BETTY E. BOX · REALIZADOR RALPH THOMAS

RANK FILMES

DUAS ENCENAÇÕES DE AVILEZ NO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Augusto de Figueiredo e António Marques num momento de «Sotoba Komashi», o moderno «Nô» do suicida Yukio Mishima

O público está a acorrer com interesse ao Teatro Experimental de Cascais, onde todas as noites sobem à cena duas peças encenadas por Carlos Avilez para abertura da temporada. Notas positivas: a riqueza de imaginação de Avilez posta na sua versão do «*Breve sumário da história de Deus*», de Gil Vicente, e a poesia delicada e simples de «*Sotoba Komashi*», do japonês Yukio Mishima.

Trata-se de um espectáculo que respira força em representações e encenações diferentes. Através dele traz-se aos nossos dias todo o sentido crítico de um Gil Vicente que, na sua época, soube encarar e dissecar os problemas com tal lucidez que a sua actualidade se mantém ao longo dos séculos. Simultâneamente, uma pequena história, simples como o é todo o teatro Nô, narra-nos o sacrifício de um jovem poeta ao amor que ele vislumbra através do rosto envelhecido e feio de uma vagabunda de 99 anos.

Bolsa Escolar

África Huertas Lobo

Como em 12-IV-1966 e em 15-V-1968 vai ser entregue como preito de sentida homenagem à memória de Africa Claudina Huertas Donoso Lobo, uma doação de três mil escudos à Escola-Oficina N.º 1, no Largo da Graça, 58, em Lisboa, que como as precedentes é destinada à acção educativa daquela instituição.

IMUNOFLUORESCÊNCIA

— Tema de um curso que decorrerá na Escola de Medicina Tropical

Do próximo dia 14 até ao dia 19, na Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, decorrerá um curso sobre Imunofluorescência, promovido pelo Centro de Estudos de Medicina Tropical do Instituto de Alta Cultura.

A Imunofluorescência constitui um método de investigação biológica já largamente utilizado em muitos países mas pouco vulgarizado entre nós. Daí a grande oportunidade de um curso desta natureza, tanto mais que, além de outras vantagens, a Imunofluorescência permite o diagnóstico imediato de certas doenças que antigamente exigiam muitos dias para se identificarem, como sejam particularente certas afecções por vírus e muitas outras do domínio da medicina tropical.

O curso foi organizado pelo prof. João Fraga de Azevedo, director do Centro de Estudos de Medicina Tropical, e destina-se a médicos, veterinários, biólogos e agrónomos, sendo a sua frequência gratuita.

Actuam, como prelectores, físicos, químicos, médicos e biólogos da Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical, do Laboratório Nacional de Investigação Veterinária e do Núcleo de Química-Física Molecular do Instituto de Alta Cultura, contando-se ainda com a colaboração do prof. J. Pillot, da Faculdade de Medicina de Angers, e do dr. J. M. Aynaud, do Serviço de Virologia da Estação de Virologia e Imunologia de Thiverval — Grignon.

Estudos Clássicos

COIMBRA, 10 — Para cumprimento do programa de actividades da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, no primeiro período do corrente ano lectivo, o sr. dr. Jorge Alarcão faz num dos anfiteatros da Faculdade de Letras, no dia 16, ás 17 horas, uma conferência subordinada ao tema «As escavações de Conimbriga», que será ilustrada com projecções.

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
(Maiores de 12 anos)
O PROGRAMA DAS NAÇÕES
FESTIVAL MUNDIAL DE CIRCO 1970
UM ESPECTACULO SÓ POSSIVEL NO COLISEU

MARIA VITÓRIA
(ADULTOS)
• Hoje não há espectáculos para descanso da companhia
• AMANHÃ, 6.ª-FEIRA, ÀS 20.45 e 23 H. PROSSEGUE A BRILHANTE CARREIRA DA SENSACIONAL REVISTA
• PIMENTA NA LÍNGUA!...

CASA DA COMÉDIA
Marcações T. 677299
Hoje e todas as noites, às 22 h. e sáb. dom. e feriados sessões às 16 h.
ESPECTACULO VALLE INCLAN
Maiores 17 anos
Subsidiado pelo Fundo Teatro

Restaurante Luso
1.ª Categoria (utilidade turística)
Trav. da Queimada, 10 — Bairro Alto
LISBOA
AMBIENTE PROPICIO PARA O SEU ALMOÇO DE NEGÓCIOS DO ESTACIONAMENTO DO SEU AUTOMÓVEL NOS OCUPAREMOS.
ALMOÇOS REGIONAIS
AMANHÃ — PRATOS DO DIA:
Bacalhau à Luso
Cabrito assado à padeiro
Sala para banquetes — Reservas: 362889/328505

Maiores 17 anos
50 % DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de Lisboa
Subsídios da Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro Espect. do Grupo de Acção Teatral
HOJE, ás 21 horas e ás 23 horas
O PROCESSO de KAFKA
ESTREIA AMANHÃ ás 21.45 horas alternando com «O Processo»
SEXTA-FEIRA 4 E UM QUARTO

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA
DAS MELHORES MARCAS
AUTOMÁTICAS
DESDE
4.750$00
OFERTA DE DETERGENTES PARA UM ANO
... E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS
JOVICA
LISBOA { Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 4 77 69
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 53 45 36
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

ALCATIFAS
TECIDOS — TUFADAS FLOCADAS — AGULHADAS — PLÁSTICAS
TAPEÇARIAS
NÓLA
AV. DA REPÚBLICA, 20-A
Telef. 53 33 10

DE FIM DE SEMANA BILHETES

«QUADRA DO NATAL»

A C. P. informa-nos de que, na «Quadra do Natal», os bilhetes de «fim de semana» têm validade, na viagem de ida, a partir das 17 horas de quarta-feira, dia 23 de Dezembro.

A viagem de regresso, pode ser feita a partir das 12 horas do domingo seguinte e até às 24 horas de segunda-feira, dia 28

O TRATADO BONN-VARSÓVIA

(Continuação da 3.ª página)

As ilusões alemãs foram combatidas apenas por jornalistas, professores, dirigentes da Igreja protestante. Os partidos e os Governos alimentaram-nas por muitos anos. Na bela declaração que fez após a morte do general De Gaulle, Willy Brandt evocou, com admiração, uma frase do desaparecido, em que este considerava normal a aspiração do povo alemão á unidade «no interior das suas fronteiras actuais». Estaria ele esquecido de que, no dia seguinte ao da Conferência de Imprensa do general, de 25 de Março de 1959, o seu partido protestara violentamente contra essa frase, obrigando o chanceler Adenauer a apresentar uma censura a Paris?

Uma partida difícil

Mas as responsabilidades cristãs-democratas na fuga á verdade foram mais constantes e mais pesadas. Esta fuga tinha, contudo, uma justificação: só o tempo seria capaz de «despoletar» o explosivo da reivindicação. A integração dos expulsados tornava-se mais completa, e, sobretudo, o movimento demográfico diminuia o número daqueles que tinham habitado os territórios perdidos. Quando, em Outubro de 1969, Brandt formou o seu Governo, suprimindo a pasta dos refugiados, quis assinalar o termo de uma evolução.

E, também, o início de uma nova política. A fronteira Oder-Neisse é um pouco para ele o que a Argélia foi para o general De Gaulle: o problema que é preciso resolver, não porque ele o julgue vital, mas porque a fixação da política nacional nesse problema, o bloqueamento da política nacional por causa desse problema, impedem o Governo de praticar a política construtiva que este gostaria de praticar. A maior dificuldade de Brandt reside no facto de, em 1970, a aceitação do inevitável chocar muito mais os alemães do que a idêntica aceitação por parte dos franceses, em 1962.

O perigo é patente: uma vaga de amargura e de ressentimento a impedirem primeiro a ratificação, a contrariarem depois a política alemã á volta dessa mesma preocupação de que o Tratado de Varsóvia deveria libertá-la. Mas, apesar das aparências, a vitória de Strauss na Baviera não constitui um sinal demasiado desfavorável. O seu partido virou-se pràticamente para a direita, o que é um bem: daqui até 1973, os cristãos-democratas já não têm que recear a concorrência de um partido «nostálgico». Podem, pois, preocupar-se menos com a sua clientela irritada e mais com milhões de jovens eleitores que lhes vão ser disputados por socialistas e liberais, nas próximas eleições federais, e que, virados para o futuro, são sensíveis aos actos construtivos. Ora a assinatura de Varsóvia é um acto construtivo.

Em 1955, os sociais-democratas acabaram por admitir que a política europeia de Konrad Adenauer era a boa política, e que o seu combate em recuo já não fazia sentido. Não tinham razões para se lamentarem pelo facto de terem abandonado o seu combate em recuo. Mais cedo ou mais tarde, os cristãos-democratas acabarão por descobrir que só a aceitação da política do chanceler Brandt lhes permitirá apresentarem-se a uma massa de novos cidadãos como uma força de futuro.

Entretanto, a coligação governamental vai jogar uma partida difícil. Tudo deverá ser feito fora da Alemanha, para que o chanceler possa utilizar, com justiça, o melhor argumento possível face aos seus compatriotas, a saber que o único Governo que ficaria satisfeito com o malogro do Tratado seria o de Ulbricht.

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

FRENTE A FRENTE COM MUITAS PORTAS TRASEIRAS

Não, Seagren, isso que você fez, não se faz. Você foi simplesmente um traste. Você destruiu as ilusões da piquena, a qual jamais voltará a acreditar nos homens. Está a ver, está a ver: por um, pagam os outros. Por essas e outras há por aí tantas piquenas solitárias, de olhar tristonho e gestos lentos.

Não me apetece, porém agora, falar das pessoas desiludidas, mas sim das possuidoras de inabalável confiança. Como Maria João Pires, por exemplo, pianista desde os quatro anos (chega, chega!, Portugal inteiro já sabe isto) a música é a sua vida. Recusa-se a um certo tipo de vedetismo, de exibicionismo, na convicção certa, de que o seu lugar não é aí. O seu lugar é ao piano, onde a vimos ontem, talvez mais nervosa do que no dia do concurso, e onde esperamos vê-la mais vezes para todos nos convencermos que não será por falta de artistas portugueses que não se fazem bons programas na televisão portuguesa.

Seagren, eu sei, você agiu pelo muito amor que tinha á Medicina. Ser médico era o seu grande sonho, salvar os doentes, ser útil á humanidade. Há-de, porém reconhecer não ser mesmo nada correcto ajudar os enfermos e tramar os colegas. Particularmente quando se trata de uma colega como a doutora Kenter, ainda por cima apaixonada sua até ao ponto de querer abandonar o bisturi. O amor a uma grande causa, meu jovem clínico, não é compatível com o joguinho sujo. Nunca — e muito menos quando se pretende acobertá-lo com as necessidades do tal amor á grande causa.

Por falar em amor, recordo-me daquela emissão da TV Juvenil acontecida ontem na rubrica das «Conversas diversas» á responsabilidade de Maria Alberta Meneres. Visível, á vista desarmada, o interesse amorável com que Maria Alberta Meneres convive com os juvenileos, como os transforma em interlocutores válidos ali á frente de muitos milhares de telespectadores.

Ora a situação, tendo o seu encanto, tem os seus perigos, as suas armadilhas. Não me parece que seja útil a nenhum grau por exemplo, pedir a uma criança a definição de *poema*, e isto não por se tratar de um objecto de escabrosa definição, mas por se enquadrar nas funções dos adultos bem adultos, e só deles. Parece inútil perguntar a uma criança o que é um *poema*, como perguntar-lhe o que é o *amor*, como perguntar-lhe o que é a vida Será como perguntar a um habitante de Marte onde fica Freixo de Espada á Cinta: qualquer resposta que o ignorante marciano der será sempre irrelevante. E olhem que seria mais fácil ao marciano dar resposta mais responsável áquela pergunta do que uma criança da *Eugénio dos Santos* á pergunta da sua professora.

Alguns pormenores deverão ser rectificados no programa de Maria Alberta. E' indispensável criar-se um clima de conversa e não uma atmosfera de lição. Ela fala como se se estivesse a dirigir não a 5 jovens, mas a 50. Nenhum clima de intimidade foi criado — e para isso muito contribuiu o cenário dos pobres miúdos empoleirados nas peanhas, em poses ridículamente académicas.

Nem tu sabes, meu caro Seagren, quanto te lastimo. As tuas aldrabices, ainda por cima, não tinham nenhuma classe qualquer viratinha amador fazia aquilo. Gannon (o responsável do «Centro Médico») não teve sequer a mínima glória em te desmascarar. És um malandro, Seagren. Vais enfileirar na legião dos frustrados.

Legião bem maior do que se julga á primeira vista. Numa sociedade em que nada está projectado para a realização integral do homem, é inevitável que o homem, com um mínimo de consciência, sinta a sua personalidade em desequilíbrio.

Foi talvez o ponto mais sincero focado pelo escritor Luís Cajão aquele em que se apresentou como um escritor que vive do seu salário de assistente de produção na Emissora Nacional. Ganharia a conversa maior verdade e calor humano se tivesse enveredado pelo inquérito de uma situação que é a própria realidade de Luís Cajão. Acaso fez ele a obra sonhada? Acaso se julga um escritor que deu o máximo das suas potencialidades? Existem, no nosso país, condições para que o artista entregue ao seu povo a maior força do seu talento? Ora Mensurado nada quis saber a este respeito. Mensurado apenas pretendeu saber se Cajão ganhara dinheiro com os seus livros. Também, na entrevista da Amália, lhe perguntou se estava rica. Ignorará este inquiridor que há alguma coisa mais importante do que o dinheiro? Ignorará que os patacos da edição não são essenciais para o trabalho do escritor? Não são, pelo menos, a sua razão de ser?

De qualquer modo, fiquemos gratos a Luís Cajão pelas suas informações segundo as quais existem hoje revistas e jornais que pagam aos escritores, que lhe dão certas possibilidades. Os escritores também ficariam, com certeza, muito agradecidos se lhes dissessem que jornais são esses e que revistas.

Quanto ao mais, a conversa com Luís Cajão, foi um constante diálogo entre o «sim» e o «mas», num evidente esforço para fugir aos encartes do compromisso: na Hungria há muitas livrarias, mas o poder de compra da população pareceu-lhe baixo; não aprecia a música ligeira, mas já tem assistido a programas excepcionais; as baladas são um género musical muito pobre, mas a «pedra filosofal» é extraordinária; o exagero da produção estrangeira na Televisão traz o perigo da desnacionalização, mas lá fora acontece a mesma coisa, etc., etc.

A imagem que nos fica deste escritor e desta entrevista é precisamente a imagem que o televisor nos deu: um rosto mal adivinhado do denso fumo dos cigarros.

Pois Seagren, nada está perdido. Regenera-te, rapaz. Hás-de ser um bom médico hás-de tratar muitos doentes e ser muito feliz.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário, 16 e 05: «Fa-lua», programa infantil por Ana Maria; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pousa, pelo dr Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Resumo do Programa — Solistas ligeiros; 20 e 40: 15.º Episódio do Folhetim «Esplendor da Santidade»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Variedades em discos; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Lucia de Lemmermoor» (Donizetti); 18: Música do Século XX; 19: Tempo literário; 19 e 25: Folclore português — Canções populares em versões de concerto de Lopes Graça, pelo Coro da Academia de Amadores de Música, dirigido por Lopes Graça, 19 e 40: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental; 20: Música vocal 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara da Emissora Nacional sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 20: Quatro Estudos de Chopin, 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Recital de Piano por Fernanda Araújo Soares, 1.º prémio «ex-aequo»; «Cidade da Covilhã»; 22 e 06: António Janigro violoncelista; 22 e 20: Poemas sinfónicos: 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2—94,3 mc/s. — 94,3 mc/s. — Às 23: O pianista Malcolm Binns; 23 e 30: Intercâmbio musical — Festival de Bayreuth de 1970 (em gravações cedidas pela Rádio da Baviera); 1: Fecho

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Prefácil; 19 e 20: Contraste; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seumundo; 18 e 21: A nossa música; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto, 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca, 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: «Diário rural; 7 e 03. Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM: 22 e 02 Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectivas 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30 Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte da a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arouto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as Nações; 22 e 30 Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude

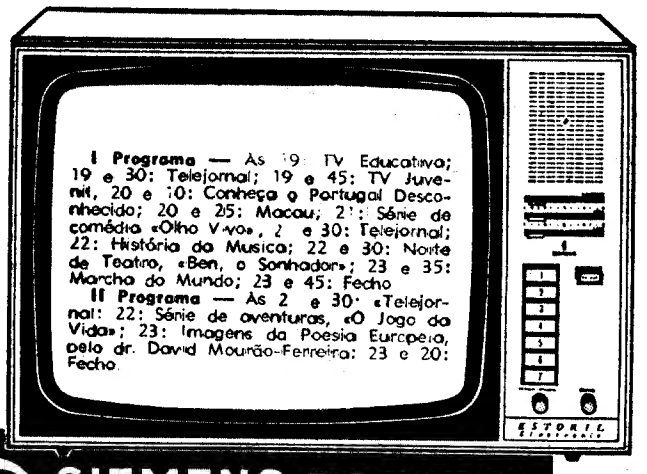
RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Cartaz musical de Espanha; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05. Esquema; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando: 21: Variedades; 2 e 30: A voz do padre Fanhais; 21 e 45: Ritmos em contraste: 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada: 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda médio—188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31/MARÇO/71

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Viver no Campo»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Minidecoração; 14 e 15: Logo à noite — Cartaz dos programas e 14 e 20. Fecho. *2.º período* — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa — Física moderna; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Série juvenil «Robin dos Bosques»; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 25: Em foco — Cheias de Lisboa; 21: Imagens da poesia europeia, pelo dr. David Mourão-Ferreira; 21 e 30:Telejornal, 3.ª edição; 22: Série do Oeste «Cimarron Strip»; 23 e 30: Marcha do Mundo e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição; 22: «Um dia com», Elmano Costa; 22 e 20: Concerto — Coral de Luísa Tody, de Setubal; 22 e 40:Série de aventuras «O Santo» e 23 e 30: Fecho.

O JULGAMENTO DO CASO DA HERANÇA SOMMER

Um incidente pouco vulgar dominou a 59.ª audiência do julgamento referente ao caso da herança Sommer que ontem se realizou, com a sala do tribunal refleta de publico.

O sr. dr. Sidónio Rito, patrono do industrial sr. António Champalimaud, mandara entregar ao juiz-presidente, sr. corregedor Bernardino de Sousa, um documento devidamente autenticado, como a lei determina, no qual substabelecia, temporàriamente, a sua missão, no seu colega sr. dr. Francisco de Sousa Tavares. Este causídico sentou-se na bancada ao lado do sr. dr. Proença de Carvalho, que, desde o início tem, juntamente com aquele primeiro advogado, procuração no processo, no sentido de intervir quando seja oportuno

Declarada aberta a sessão, acto contínuo, o sr. dr. Eridano de Abreu, que patrocina os interesses dos assistentes, pediu a palavra para dizer para a acta um requerimento. Começou por afirmar: «Continuam as surpresas neste processo. Depois da farsa da acusação particular encabeçada na ofendida Maria Helena que terminou da forma como os autos referem, aparece agora como mandatário do réu António o ilustre advogado dr Sousa Tavares, indicado como testemunha do réu Henrique, o qual, como aqui foi referido pelo declarante António Macedo, mais conhecido por António Vila Franca, foi advogado da firma Transformal, sendo o mesmo distinto causídico quem, em nome desta, e defendendo já, nessa altura, os interesses do réu revel, negociou o acordo de Março de 1960, como aliás se deduz das cartas junto aos autos que dirigiu ao réu e assistente Henrique Champalimaud».

E, mais adiante, reforçando o seu pensamento: «Esta circunstancia traz para o distinto advogado uma situação que, ao mesmo réu e assistente, se afigura embaraçosa. No caso presente, dá-se, até, a circunstancia deveras estranha de se encontrar presente nesta sala de audiências o ilustre advogado de António, dr. Proença de Carvalho que desde o principio do julgamento tem acompanhado o dr. Sidónio Rito. Estas anomalias a acrescentar a muitas outras que já constam do processo, levam os assistentes a pôr de sobreaviso o tribunal contra as manobras do fugitivo António, cujo alcance não é difícil prever. Seja, porém, como for, o certo é que o réu Henrique não prescinde de modo algum do depoimento da testemunha que arrolou, dr. Sousa Tavares, e, por isso, de harmonia com o artigo 634.º do Código Processo Civil, aplicável por força do disposto do parágrafo unico do artigo 1.º do Código de Processo Penal, requer que a mesma testemunha recolha á sala das demais e que fique a aguardar que seja chamada para depor na altura própria».

Nesta altura, o sr. dr. Sousa Tavares pediu licença para responder ao requerido, mas o colectivo não consentiu, dado que o documento da acusação particular foi considerado como uma questão prévia. Seguidamente, o presidente interrompeu os trabalhos para o tribunal deliberar.

Pouco depois, voltou á sala para ser tornada publica a decisão. O sr. corregedor Bernardino de Sousa, após ter declarado que havia sido recusada a palavra ao sr. dr Sousa Tavares, por não ter sido reconhecida legitimidade para dela fazer uso, ditou o despacho para a acta: «O advogado que apresentou substabelecimento com vista á defesa do réu revel foi arrolado pelo mesmo réu como sua testemunha, tendo sido também arrolado como testemunha do réu Henrique Champalimaud, havendo nessa qualidade recebido a respectiva notificação. Sendo assim, impende sobre o mesmo o dever de prestar depoimento como impõe o artigo 815.º do Código do Processo Penal. Esse cumprimento frustrar-se-ia com o exercício do patrocínio do réu revel Bastaria o exposto para obstar á intervenção do aludido advogado. Acrescenta ainda dos autos — elementos documentais, referências em audiência de julgamento — ressalta que a sua audição se pode tornar necessária».

O presidente, depois de invocar, ainda, outros motivos legais, salientou que o tribunal não admite a sua intervenção como advogado. E acrescentou: «Em consequência, ordena que imediatamente lhe seja restituído o aludido subestabelecimento. E como o sr. dr Sousa Tavares, com a sua actuação, provocou um incidente estranho ao normal andamento do processo, o tribunal condena-o em 500$00 de imposto de justiça, ao abrigo das disposições combinadas dos artigos 178.º e 185.º, ambos do Código das Custas Judiciais»

Encerrado o incidente, ocupou o lugar do sr dr. Sidónio Rito o sr dr. Proença de Carvalho, que envergou a toga, preparando-se para reatar o interrogatório do sr. Carlos Champalimaud, interrompido na sessão anterior pelo primeiro daqueles causídicos.

O sr. dr. Proença de Carvalho fez três instancias acerca da Companhia Geral de Construções, de Angola, dado que este causídico conhece toda a matéria constante dos 57 volumes e a vasíssima documentação apensa.

As instancias do sr. dr. Proença de Carvalho, a exemplo do que sucedia com o sr. dr. Sidónio Rito, também não agradaram ao sr. dr. Eridano de Abreu que dialogou com o seu colega da defesa. Como as respostas do depoente não agradassem ao sr. dr. Proença de Carvalho, houve mais troca de palavras, a ponto do sr. dr. Eridano de Abreu comentar: «Quem podia esclarecer bem era o seu cliente, para tanto bastava que V. Ex.ª lhe telefonasse»

O patrono do sr. António Champalimaud respondeu, com a sua finura habitual: «Até hoje, ainda não pedi a V. Ex.ª conselhos para orientar a minha defesa».

Interveio o juiz-presidente que, a propósito dos constantes esclarecimentos, da barafunda dos depoimentos depois serem ditados para a acta por causa de haver um réu ausente, lamentou que o sr. António Champalimaud, sendo uma pessoa qualificada, não esteja presente, dado que poderia aclarar tudo, sem necessidade de se perder tanto tempo a ditar para a acta.

ENGENHEIROS E ECONOMISTAS CATÓLICOS

Amanhã, às 21 e 30, na sala de conferências da U. C. I. D. T a direcção da Associação dos Engenheiros e Economistas Portugueses promove uma reunião geral sobre o tema «O plano e o futuro da economia portuguesa.» A exposição do tema será feita pelo dr. João Salgueiro.

ALFAMA E CARNIDE VÃO VER TEATRO

Estão marcados para depois de amanhã mais dois espectáculos do programa cultural do Município. O primeiro efectua-se á tarde, com início ás 15 e 30, na Sociedade Boa União (Alfama), onde será representada pelo Teatrinho Tico-Tico a peça musicada infantil «Era uma vez uma princesinha», sob a direcção de Rosa Mateus. O segundo consta da representação, á noite, pelo Grupo Cena Aberta, na Sociedade Dramática de Carnide, da peça em três actos «O assassino de Macário», interpretada por Carmen Judite, directora do conjunto, Magda Viterbo, Mário Neves e Carlos Costa.

FORMAÇÃO DE EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS

AGRICULTURA COMPETITIVA

objectivo do Curso hoje inaugurado na Tapada da Ajuda

Desenvolvimento económico-social e transformação da agricultura, gestão da empresa agrícola, comercialização, associativismo e legislação agrícola — são estes os temas a estudar no Curso de Formação Profissional para Empresários Agrícolas esta manhã inaugurado no Laboratório de Defesa Fitossanitária dos Produtos Armazenados (Tapada da Ajuda) pelo eng.º Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura.

O presente Curso (afirmou aquele membro do Governo) *«faz parte de toda uma vasta gama de acções que vem sendo desenvolvida pela Secretaria de Estado da Agricultura no ambito do III Plano de Fomento e, obedecendo a imperativo da Lei de Meios para o corrente ano, terá continuidade nos próximos anos e beneficiará das alterações que a experiência for aconselhando.»*

Das matérias a discutir foram preparados textos por especialistas, *«textos que se destinam a serem apreciados préviamente pelos agricultores em suas casas, sendo acompanhados no seu estudo, por monitores (em geral regentes agrícolas). Esses monitores receberam conveniente preparação para o efeito em Cursos efectuados em Julho e Outubro passados, obedecendo a critérios de especialização apontados ás finalidades que se desejavam atingir e ao meio em que teriam de trabalhar.»*

— *Trata-se, em suma, de encarar as complexas e delicadas opções de uma agricultura renovada e competitiva* — acentuou o eng.º Vasco Leónidas.

OS VEGETARIANOS COM LURDES RESENDE

A Associação Vegetariana Portuguesa homenageia esta noite com um jantar a cançonetista Maria de Lurdes Resende. «Voz de oiro da Rádio portuguesa e grande entusiasta dos ideais naturistas».

A refeição festiva está marcada para as 20 horas de hoje no restaurante «A Colmeia» à Rua da Emenda.

Preço por pessoa: 50$00.

Faça OS SEUS FILMES DE CINEMA EM SUA CASA

FLASH Cima

DE LUZ CONTÍNUA PARA CINEMA

MODELOS PARA LIGAR À CORRENTE E BATERIA

A VENDA NAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

IMPORTADORES: PROFOTO, LDA.

Rua de Santa Justa, 25 LISBOA

BOM APETITE

CASTANHEIRA

R. de Torre-Lumiar - 790168

ESPECIALIDADES DIARIAS

AOS SABADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 5 anos)

A COLMEIA

RESTAURANTE DIETÉTICO E MACROBIÓTICA

(VIDA LONGA)

SELF-SERVICE

ENCERRADO AOS DOMINGOS

RUA DA EMENDA, 110-2.º T 370500 (AO CAMÕES)

DOÇARIA REGIONAL CASEIRA

CAFÉ INCONFUNDIVEL NO

BAR RIBATEJO

PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

CHURRASCO

ABERTO ATÉ AS 3.30 H.

Rua dos Portes St.º Antão, 83

Telef 323059

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

Telheiros de Cima, 144

Telef 790211 (M/ 5 anos

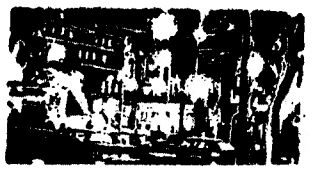
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS

c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

PREMIADO PELO SN

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ



ESTA ESTRANHA LISBOA

OS BAILARINOS DO AR

(CRÓNICA DE FICÇÃO PREMONITÓRIA)

A onda laranja é de há muito uma consoladora realidade. Já bem poucos saudosistas recordam mesmo os dias conturbados e sinuosos da onda verde, época de explosões, de palavras reverentes e luxuosas, nos salões e assembleias (estavam ainda os computadores na puerícia), de conflitos na via publica, expressões iracundas, próprias de gente subdesenvolvida, automobilistas com enfartes do miocárdio, arrumadores esfrangalhados e sensíveis á gorgeta...

As estátuas vivas que regem o trânsito, os bailarinos do ar, vemo-los agora dirigindo calmamente os helicópteros. do cimo dos seus obeliscos semelhantes ás antigas antas e menhires (como se atam as pontas do tempo nesta nossa época da simultaneidade, da envolvência!) Ah!, era tudo bem diferente, não há duvida, quando os automóveis enfurecidos se esmurraçavam nas horas de ponta ao longo dessas avenidas da Liberdade e de Republica, coalhadas de rugidos mecânicos, de apitos raivosos!.. Nesse tempo, os cavaleiros do ar, os chamados «sinaleiros», que se entretêm agora, nas abertas do serviço, a ouvir, em seus «transistors» de botoeira, a doce musica de Mozart, capricha-vam naqueles primores de linguagem que deram fama aos sequazes do Padre José Agostinho de Macedo. Nem era preciso, de resto, que um condutor tivesse cara de pedreiro-livre, bastava-lhe ser condutor e não compreender á primeira sinais incompreensíveis para levar roda de bruto. Se fosse motorista de táxi, então o caso fiava mais fino. E, supremo perigo, se usasse cabelo ou camisola de «teddy-boy» e garota pendurada ao pescoço, o menos que lhe acontecia, ao menor deslise, era ser chamado á pedra por andar naquelas «cowboyadas» e, se reagisse, como varão que se preza, ficava com a carta apreendida, ai não!, que custa muito passar o santo dia ao sol ardente ou debaixo de chuva, esbofeteado pelo vento. Era o tempo em que todos se vingavam uns nos outros e, como no «poker», a sequência asa-de-mosca, a mais ínfima de todas, batia em autoridade o jogo máximo, o «royal street flush». Coisa que raramente acontecia. Mas que ajudava a purgar a sociedade do engarrafamento. Uma pequena consolação para os vilões arvorados em maiorais do grande formigueiro humano, nas horas tristes e cansadas do ir-para-o-emprego ou do humilhado recolher a casa.

Felizmente que tudo isso mudou. Tinha de mudar, não é verdade?

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

NOTÍCIAS BREVES • NOTÍCIAS BREVES

■ Parece poder confirmar-se a próxima participação de Mafalda Sofia num espectáculo musicado a apresentar muito possívelmente no Teatro Monumental. Como noticiámos, Mafalda Sofia recebeu convite formal do empresário Vasco Morgado para ser atracção de uma das suas produções.

■ **António dos Santos, um dos pioneiros da balada (embora tenha sido, também, intérprete de fado humorístico) selecciona repertório para novo disco. O criador de «Senhora das brancas mãos», interpretará poemas de Mascarenhas Barreto e Vasconcelos de Carvalho.**

■ Discípulo da compositora Jeny Teles, Rui David, em face do agrado conquistado pelo primeiro disco, gravou agora o segundo (também editado pela etiqueta «RR», onde incluiu: «Chove na Rua» (Corina Freire-Victor Teixeira); «Fado não é Tristeza» (Jeny Teles - Hermenegildo de Figueiredo) «Lindo, Lindo» Helena Moreira Viana-Stélio Gil) e «O amor há-de nascer» (Jeny Teles-Maria Crisantina). Foi acompanhado por Raul Nery (guitarra), Júlio Gomes (viola) e Eugénio Pepe (orgão). O jovem cançonetista cumpriu um longo contrato como atracção da «boite» do Hotel Eva, em Faro. Nos seus projectos imediatos incluem-se actuações no Casino da Madeira e num programa de TV de S. Paulo.

■ **Já lhe chamam o «hino» do PBX. Efectivamente, foi o programa nocturno a lançar o êxito. Chama-se «She» e é o último «single» de Lyan Holland, (etiqueta «Pye»), em edição de Arnaldo Trindade.**

■ **O actor brasileiro Spina, agora atracção da «boite» luandense «Dom Quixote», actua alí com um grupo de bailarinas constituido por Salomé, Isabel, Moret e Milú, que trocaram temporáriamente os palcos do Parque Mayer, para colaborar nos «sketches» que Spina ensaiou.**

■ Práticamente desconhecido entre nós, o conjunto de Roger Sarbib é, no entanto, atracção para os turistas estrangeiros que procuram a Madeira. Privativo do Hotel Savoy do Funchal, o conjunto projecta uma vinda a Lisboa a fim de participar num programa de variedades a apresentar pela R. T. P. Com o conjunto de Roger Sarbib actuam o vocalista Tony Cruz e o Trio Vocal Feminino de Câmara de Lobos. No primeiro disco (para a etiqueta «Decca»), interpretam «Madeira love», «Bi-bi-bi-ri-dó», «Banana Boat Song», «A Casa da Mariquinhas», «Hello Brother», «Brotinho», «Ko-ki-pa», «Vivo em ti», «Menina piri-piri», «Negro soy», «Samba triste» e «Strangers in the night».

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Trinta bailarinas internacionais na revista «Alto lá com elas»

Encenada e dirigida por Camilo de Oliveira, a revista «Alto lá com elas» (derradeira produção de José Miguel) é original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, tem música de João Nobre e João de Vasconcelos, montagem de Manuel Lima, coreografia de Barry Seray, direcção musical de João de Vasconcelos e figurinos de Juan Soutullo (executados nos «Ateliers» Paiva).

No cartaz de «Alto lá com elas» (prestes a atingir o 4.º mês de representação) encontram-se Camilo de Oliveira, Ivone Silva, Io Apoloni, Tony de Matos, Linda Silva, Orlando Fernandes, Vitor Espadinha («compère»), Maria Tavares, Nina Flores, o Conjunto Sem Nome, Marília Gama, Lina Morgado (prémio «Beatriz Costa»), Maria do Céu e, também, 30 bailarinas internacionais. Hoje, duas sessões, respectivamente, pelas 20 e 45 e 23 horas.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Argentino Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira, Leonor Santos e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos ✲ **Consumo mínimo 50$00 ✲ Beco do Espírito Santo 1 ✲ Telef. 868200**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Melo-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mín. 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 860816**

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Candida da Conceição, Julieta Maria e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa ✲ **P. da Alegria 58 ✲ Tel. 367093 ✲ Encerra á segunda-feira**

GUITARRA DA MADRAGOA

Aberto todos os dias ✲ **Rua da Esperança, 174 ✲ Telef. 661915 ✲ Consumo mínimo 50$00**

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Fernando Silva, Manuel Dias e José Teixeira. Tocam: António Valentim e Francisco Gonçalves ✲ **Rua do Vigário, 60 ✲ Telefone 866811.**

FOLCLORE

elenco: Armindo Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 20 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves ✲ **Cons. mín. 120$00 ✲ Taxas incluídas ✲ Rua Nova da Trindade, 22-A ✲ Telef. 35007-323406 ✲ Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emília Reis, Luís Braga e Benvinda Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones 676655-67341**

A SEVERA

cantam: Florinda Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Paia da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» ✲ **Rua das Gáveas, 57 ✲ Telef. 34006 ✲ Encerra á quinta-feira**

MIL UM

cantam: Henrique Manuel, Maria Eva, Fátima do Rosário, Lourinda Gonçalves, José Gonçalves, Moisés Campelos, Artur dos Santos, Guida Maria e Vilia Maria. Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Travessa da Espera, 8 ✲ Telefone 35464 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

LUSO

elenco: Maria do Pé, Fernando Maurício, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Trav. da Queimada, 10-16 ✲ Tels. 362889-328503**

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Conceição Tavares e Lisete Maria. Tocam: Torquato Lopes e José Inácio ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. das Telpas, 14 ✲ Tel. 327256.**

A KAVERNA

cantam: Celeste Maria, Tino Santos, Renato Mota. Tocam: Armandino Maia e José Maria Carvalho ✲ **Cons. mín. 90$00 ✲ Travessa dos Fiéis de Deus, 37 ✲ Telef. 35593**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Odete Mendes, Dina Cardoso, Armando Miranda. Folclore pelo Conj. Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00 ✲ R. da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36960 e 30532 ✲ Encerra ás terças-feiras**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias ✲ **Cons. mín. 30$00 ✲ Rua das Trinas, 67 ✲ Telef. 669857 ✲ Encerra ao domingo**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Manuel Martins ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs. 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Lenor Macedo, João Cabral, Rossano Lima. Tocam: Acácio Gomes e Armando Ferreira ✲ **Encerra aos domingos ✲ Rua do Adiça, 9 ✲ Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva ✲ **Cons. mín. 40$00 ✲ Rua da Rosa 219 ✲ Telef. 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha, Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis ✲ **Encerra ao domingo ✲ Cons. mín. 35$00. Largo do Penelreiro, 7 (Alfama) ✲ Telefone 868505.**

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Maria Emília, Ana Madalena e Julieta Reis. Tocam: José Alves e Armando Silva ✲ **Encerra ás segundas-feiras ✲ Cons. mín. 40$00 ✲ Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) ✲ Telef. 213259.**

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

A FURNA
Rua Ferreira Lapa, 38-D (ó Av. Duque de Loulé ✲ Telefones 534466-561949. Música gravada. Ceias até ás 3 horas. Encerrado aos Domingos.

JOCKEY-BAR
Rua Nova de S. Mamede, 54 ✲ Telef. 654648 ✲ Ar condicionado ✲ Aberto todos os dias das 18 e 30 ás 03 e 30

ARCHOTE-CLUB
Discos ✲ Rua D. Filipa de Vilhena

NOCTURNO
Travessa Fiéis de Deus, 28 ✲ Telef. 370889 ✲ Poesia com Correia da Silva ✲ Encerra ás 3 e 30.

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 75 ✲ Telef 530171

SANZALA
Av. Marechal Carmona, 2 ✲ Campo Grande ✲ Telef. 770172 ✲ Encerra ás 3.30.

GALERIA REAL
Estrada de São Pedro ✲ SINTRA ✲ Telef. 981661. Encerra á meia-noite. Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A.

HIPOPÓTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ conj. Helder Reis ✲ Encerrado aos domingos.

BARBARELA
Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.

TAGIDE
Variedades. Conjunto Zé Pedro ✲ **Largo da Biblioteca, 18-22 ✲ Aberto ao domingo.**

SNOB
Rua de «O Século», 178 ✲ Telef. 33723.

TAMILA
Morão ✲ s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

ADÁGGIO
Apresentação de Teresa Paula Brito no seu novo repertório ✲ Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Rua Carlos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 244521 - 264526-264596-264621-264946.**

FORTE VELHO
Paço ✲ S. João do Estoril ✲ Telef. 261337.

MAIS UMA «BOMBA» LANÇADA PELA «FORD»

Surgido em protótipo no «Motor Show» de Londres, no mês de Outubro, o «Escort RS 1600» começou a ser produzido esta semana pela AVO (Advanced Vehicle Operations), em Ockendon, Essex, tendo o primeiro exemplar saído da linha de montagem guiado pelo antigo campeão do Mundo Graham Hill.

A AVO é um departamento da Ford Britânica, onde são produzidos veículos de série de alto rendimento, como este novo Escort, que pode atingir 185 km/h. Dirigido pelo veterano Ray Horrocks, o departamento tem cerca de 150 empregados, e ocupa uma área de 85 000 pés quadrados. Pode produzir 100 unidades por semana, de diversos modelos, numa única cadeia de montagem especialmente para isso preparada.

Graham Hill, o antigo campeão de Fórmula 1, ao volante do primeiro carro saído da AVO

A nova versão do Escort é, realmente, uma «bomba» para a competição automóvel, já que as suas «performances» lhe permitem um lugar de vanguarda em provas, por exemplo, de Turismo de Série.

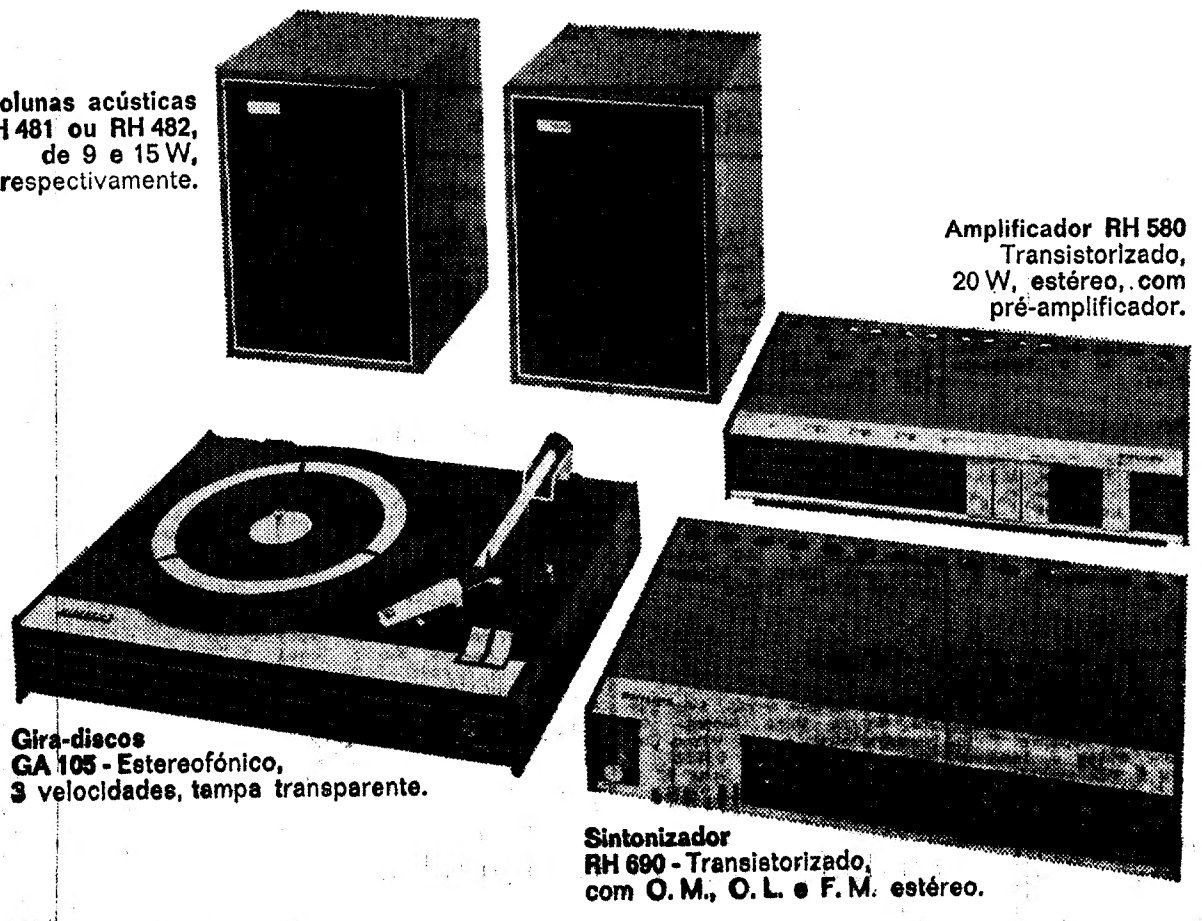
ENGENHEIRO DETIDO

LOURENÇO MARQUES, 10 — (L.) — O Gabinete de Imprensa da Polícia de Segurança Pública distribuiu a seguinte nota: (foi detido o sr. eng. Jorge Alberto Ferreira de Oliveira, por desobediência ao agente de autoridade».

o Conjunto Compact Stereo Philips faz amigos e a inveja de muita gente

É natural. Basta olhar para este harmonioso conjunto para se sentir a presença de uma aparelhagem cuidadosamente estudada. Quando V. colocar o primeiro disco e o som estereofónico Philips encher a sua sala, olhe para a cara dos seus amigos: surpresa e admiração.

Para os invejosos, um bom conselho: comprarem também um conjunto Compact Stereo Philips.



Colunas acústicas RH 481 ou RH 482, de 9 e 15 W, respectivamente.

Amplificador RH 580 Transistorizado, 20 W, estéreo, com pré-amplificador.

Gira-discos GA 105 - Estereofónico, 3 velocidades, tampa transparente.

Sintonizador RH 690 - Transistorizado, com O. M., O. L. e F. M. estéreo.

PHILIPS

PHILIPS

REGISTERED

SCOTCH WHISKY DISTILLERS

HORSE DISTILLERS LTD. GLASGOW

The White Horse Cellar

Estab 1742

MARCA REGISTRADA

EK

Nº 1550167

WHITE HORSE

Scotch Whisky

BOTTLED IN SCOTLAND

WHITE HORSE DISTILLERS LTD.

GLASGOW and LONDON

100% SCOTCH WHISKY

DISTILLED AND BOTTLED UNDER BRITISH GOVERNMENT

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

COSTA PINA & VILAVERDE, LD.ª

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO

Telefones 2 65 62 3 22 28 - 3 52 21

J. A. DA COSTA PINA, LD.ª

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA

Telef. PPC (4 linhas) 32 00 31/4

A «FORJA» DE REDOL EM SAMORA CORREIA

SAMORA CORREIA, 10 — Em homenagem ao escritor Alves Redol no primeiro aniversário da sua morte vai a Sociedade Filarmónica União Samorense, de colaboração com o grupo de teatro de Montemor-o-Novo da Sociedade Carlista, promover a representação da peça «*Forja*», do malogrado escritor.

O espectáculo realiza-se depois de amanhã, pelas 21 e 30.

Autor ribatejano, que ao Ribatejo legou o melhor da sua vida de trabalho e cujas obras serão para sempre o retrato de uma época e de uma região, Alves Redol vai ser lembrado pelos seus amigos.

Recorda-nos da sua vinda quando do 25.º aniversário de «*Gaibéus*», em que esteve presente e fez uma pequena autobiografia seguida de colóquio, recebendo no final uma pequena lembrança com o testemunho da gratidão do povo samorense.

Nessa altura, sabedor da campanha pró-sede em que a União Samorense se empenhava, pôs-se Redol ao dispor da direcção, deixando logo a promessa de que, da sua parte, estaria presente com mil escudos; e que na lista que lhe fosse enviada conseguiria mais junto de pessoas suas amigas. Infelizmente o escritor morreu sem ter podido acompanhar uma obra que sabia ser de muito interesse para Samora Correia.

Agora, em cena aberta, far-se-á também uma pequena evocação do escritor e da sua obra, e do exemplo de legar os seus direitos de autor ás colectividades de cultura popular.

BICENTENÁRIO DE BEETHOVEN

A Universidade de Lisboa, em colaboração com o Instituto Alemão, vai comemorar o bicentenário do nascimento de Beethoven com um concerto pelo Grupo de Instrumentos de Sopro de Berlim, que se realiza na sala magna, no próximo dia 16, às 21 e 30.

ACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO E EFECTIVOS FEMININOS NA PRODUÇÃO»

*pedido de publicação e
á nossa companheira
balho Helena Neves, a
tto da sua reportagem
onalização do trabalho
tico e efectivos femini-
a produção», recebemos
ossa leitora Natália de
, a carta que transcre-
integralmente:*

ler o seu artigo-repor-
com o título «Racio-
ção do trabalho domés-
efectivos femininos na
ção» decidi-me a escre-
e.

há duvida. Começo a
consada de ler a pala-
frustração» relacionada
s mulheres que não tra-
fora de casa. Repito
não trabalham fora de
— porque, embora mui-
te pense que só traba-
almente quem todas as
ãs sai para regressar á
o trabalho que se realiza
horário certo e muitas
sem testemunhas, aque-
qual «só se vê o que se
ez», também é trabalho
equer planificação, ima-
o, profissionalização, e
válido como outro qual-

es de mais nada quero
r uma coisa: não per-
ao Centro mencionado
erido artigo nem sequer
heço. Através do que li
sar do tom ligeiramen-
nico e descrente da ne-
ade da sua existência —
u-me coisa util e de in-
. Depois de inteirada so-
sua finalidade, só tenho
que não existam mais
s neste género acessí-
todos os meios sociais.
re me mereceram o maior
to todas as tentativas
elevar ou transformar
alho rotineiro em acti-
e de interesse, quer aper-
ndo-o quanto á exe-
cução, quer utilizando meios que o tornem mais rápido de forma a aproveitar melhor o tempo para outras actividades, que revertam a favor de uma maior valorização pessoal e comunitária, Explicando melhor a minha ideia e referindo-me, neste caso á comunidade familiar: uma dona de casa que consiga á custa de método, disciplina e sentido de administração fazer render tempo e dinheiro, empregando estes dois elementos da melhor forma para cultivar-se entre as suas várias actividades, conseguindo no seu dia-a-dia momentos livres que pode preencher ouvindo musica, estudando ou aperfeiçoando um idioma, praticando qualquer actividade artística e preparando um ambiente agradável para a sua família, não pertencerá também á «população activa»?

Se conseguir, através do que leu ou ouviu servindo-se dos meios de comunicação ao seu alcance, situar-se dentro de problemas e assuntos de interesse nacional ou internacional para poder depois sobre eles conversar com o seu marido, filhos ou pessoas com quem contacta, beneficiando todos com essa forma de diálogo aberta e actual, pode dizer-se que «está ausente do mundo»?

Se procurar completar o que porventura lhe tenha faltado de preparação para ser esposa e mãe (pois, ao contrário do que se faz quanto a todas as profissões, infelizmente não são exigidas habilitações nem alguma preparação para o casamento) aprendendo por esforço pessoal ou por meio de estudo especializado a difícil arte de conviver numa família e a tratar dos filhos profissionalmente e não improvisando a cada momento, estará, por acaso, fora dos «elementos activos do País»?

Se tiver uma empregada doméstica e se der ao trabalho de contribuir para a sua promoção social, facultando-lhe tempos livres para poder estudar, explicando-lhe o que ela não entenda, por não ter tido quem a ensinasse, ajudando-a a passar de empregada a colaboradora familiar, e mais tarde poder, por sua vez, ocupar no mundo o seu lugar onde quer que seja a sua vocação, sinceramente pensa que — «está a adormecer frustrações criando ilusões de utilidade»?!

Porventura ser util é unicamente estar 8 horas por dia a trabalhar maquinalmente numa fábrica ou a bater num teclado de máquina de escrever ou a exercer qualquer profissão liberal? Só assim se realizam completamente as mulheres do nosso tempo?

Todas as profissões me merecem o maior respeito por pensar que, em qualquer, poderemos ser uteis e contribuir para o bem geral. Mas incluo com o mesmo respeito, na população activa, todas as mulheres que, por escolha ou necessidade, trabalham nas suas casas ou nas dos outros.

Sem estas mulheres, que fazem o tal trabalho que não se vê, não haveria lares nem doces nem de outra maneira. Apenas casas onde várias pessoas se juntariam para comer e dormir.

Com os meus respeitosos cumprimentos agradeço a atenção dispensada.»

*

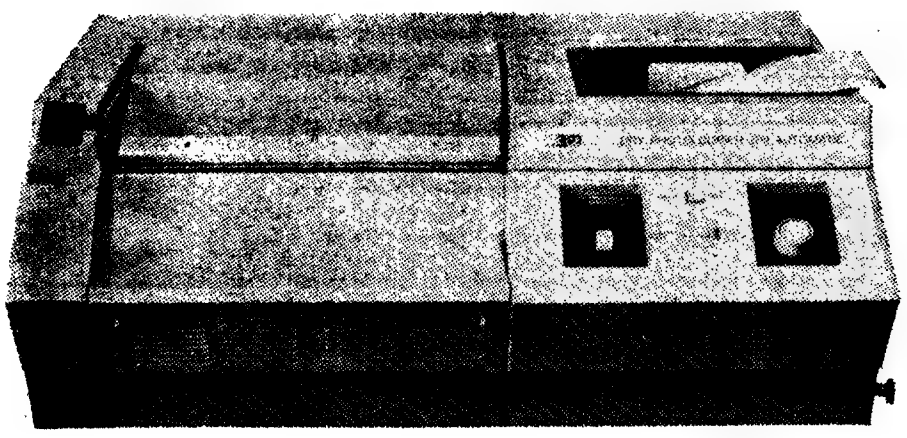
Parece-me que a divergência fundamental entre o meu trabalho, a que a leitora se

(Continua na página seguinte)

NA GAMA DE MÁQUINAS 3M

A FOTOCOPIADORA AUTOMÁTICA A SECO 209

Com a qual pode fotocopiar a seco absolutamente todos os documentos... soltos ou em livros quaisquer que sejam as suas cores... e automàticamente o número de cópias desejado



Pense em 3M ... Que acerta!

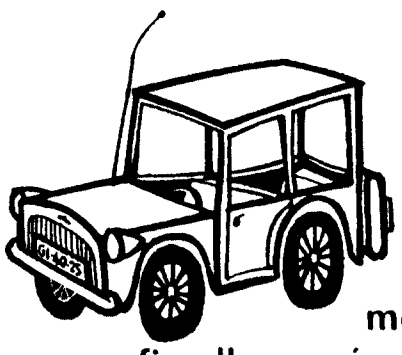
E COM A QUALIDADE FOTOGRÁFICA

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO GRATUITA, EM LISBOA OU NO PORTO, A:

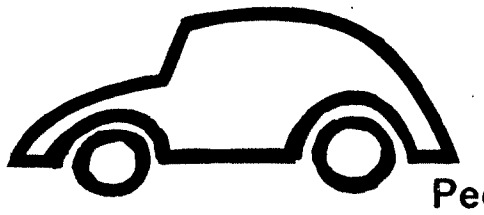
3M COMPANY | MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA. Av. Infante Santo, 40 C LISBOA,3 Telefones 677410 — 677441

SERVIÇO · PEÇAS LEGITIMAS

QUALIDADE · GARANTIA · ECONOMIA



o carro mais barato mesmo oferecido fica-lhe carissimo, desde que não existam peças e assistência técnica.

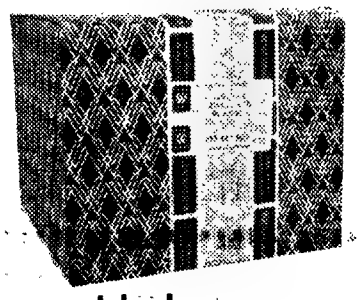


para o seu Volkswagen existem Peças Legítimas VW e assistência técnica através de uma rede de 54 oficinas espalhadas pelo país.

...e ainda as vantagens do Diagnóstico VW

precisa de uma peça para o seu VW? um bom conselho!

apenas sugerimos Peças Legítimas VW e pode confiar no seu Volkswagen!



cada peça é identificada pelo símbolo ou pela sua embalagem de origem.

cuidado com as imitações!...

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANCRA DO HEROÍSMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BISSAU, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, LEIRIA, LISBOA, MATOSINHOS, MIRANDELA, MOURA, PAREDE, PENAFIEL, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, RÉGUA, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRSO, SETUBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VISEU

DUAS OPINIÕES SOBRE TRABALHO DOMÉSTICO

(Continuação da pág. anterior)

refere, e a sua carta, reside no facto de considerarmos diferentemente o estado de doméstica. A leitora, na perspectiva orientadora do respectivo centro, considera o ser doméstica uma profissão e acha importante o seu reconhecimento como tal; eu recuso-me a perfilhar tal ponto de vista.

No sentido de participação económica nos diferentes ramos de actividade do País, na acepção de «produção», o estado de doméstica não pode considerar-se activo. Tanto assim, que nas estatísticas de trabalho de qualquer país, não figura essa categoria. Figura sim, por exemplo nas estatísticas portuguesas, o termo «domésticas rurais» referente á mão-de-obra feminina com ocupação no campo, isto é, geralmente sujeita a trabalho sazonal.

Se, no entanto, entender que se deviam considerar como activas, as empregadas domésticas (vulgo criadas), então estamos de acordo, até porque se trata de uma classe que necessita de profissionalização, ou seja, preparação adequada, ordenados e horários de trabalho estabelecidos etc. Se ainda como acontece em alguns países os serviços domésticos estiverem a cargo de empresas com pessoal qualificado, equipamento técnico e uma prestação de serviços estruturada a nível domiciliário, pois isso é o óptimo, tratar-se-ia de uma actividade económica como outra qualquer. Mas se, como é intenção da carta, referimo-nos á mãe de família, parece-me ser errada a ideia de «profissionalização» e o encarar as tarefas domésticas como «um trabalho válido como outro qualquer». A leitora o diz e nas suas palavras está implícita parte da crítica: «o trabalho que se realiza sem horário certo e muitas vezes sem testemunhas, aquele do qual «só se vê o que não se faz». É isso mesmo: trabalho que atinge apenas o universo restrito do marido e filhos, trabalho descontínuo, parcelar, sempre a refazer, em que a mulher passa o dia isolada, sem convivência, por vezes, sem aproveitar as suas reais capacidades para desenvolver um trabalho socialmente útil. Trabalho em que, insisto, a mulher se frustra, mesmo quando não tem consciência do facto, porque foi educada especificamente para tais tarefas, porque a sociedade vê a sua «missão» deste modo... É a mulher culpada? Claro que não. Ela é vítima de um estado de coisas, que «a justifica, ultrapassando-o». Mas como ser responsável deve reagir positivamente e agir na transformação deste conjunto de circunstâncias.

Nos tempos remotos em que os ombros femininos repousavam as tarefas de cuidado, subsistência e defesa da comunidade, desenvolvendo o homem uma actividade colectora (caça e pesca), o trabalho doméstico era encarado socialmente. Transformações históricas profundas, a modificação do regime de propriedade, provocando o encerramento da mulher no lar, afastaram-na da vida pública.

Diz a leitora que planificando o trabalho do lar, pode a mulher doméstica conseguir momentos livres «que pode preencher ouvindo música, estudando ou aperfeiçoando um idioma, praticando qualquer actividade artística...» Pois pode. Há casos individuais de domésticas que desenvolvem ocupações extra-lar, positivas, mas precisamente porque comunicam: ouvir música não para prazer pessoal, mas para transmitir a actividade artística que se aperfeiçoa. Aprender idiomas para os ensinar a crianças ou adultos sem meios. Ora ainda bem se as pessoas se ocuparem desse modo. Uma ocupação não pode ser útil só individualmente. O homem é por natureza «um ser social» e tem de realizar-se como tal, comunicando o que aprende, reaprendendo nessa comunicação, num dar e receber contínuo.

Dou-lhe razão quando argumenta que não são unicamente as mulheres domésticas as frustradas. No nosso tempo e em determinado tipo de estruturas, o que ainda mais sucede é o facto de homens e mulheres exercerem um trabalho, cuja única motivação é a necessidade. Mas só através desse trabalho agora limitativo, que o indivíduo libertando-se alcançará uma actividade em que se realizará.

Quanto á preparação de «esposa e mãe», vou mais longe: é ainda necessário uma preparação de «esposo e pai». Mas essa preparação atinge-se através de uma educação integral em que a relação homem-mulher, a mais primária, natural e humana relação se estabelecerá noutros moldes.

A própria história determina inevitàvelmente, a entrada maciça das mulheres na produção. E então, quando não existirem já camadas improdutivas (não são apenas as domésticas...) os lares não serão doces... serão simplesmente «LARES», em que cada membro se realiza contribuindo para a realização dos outros.

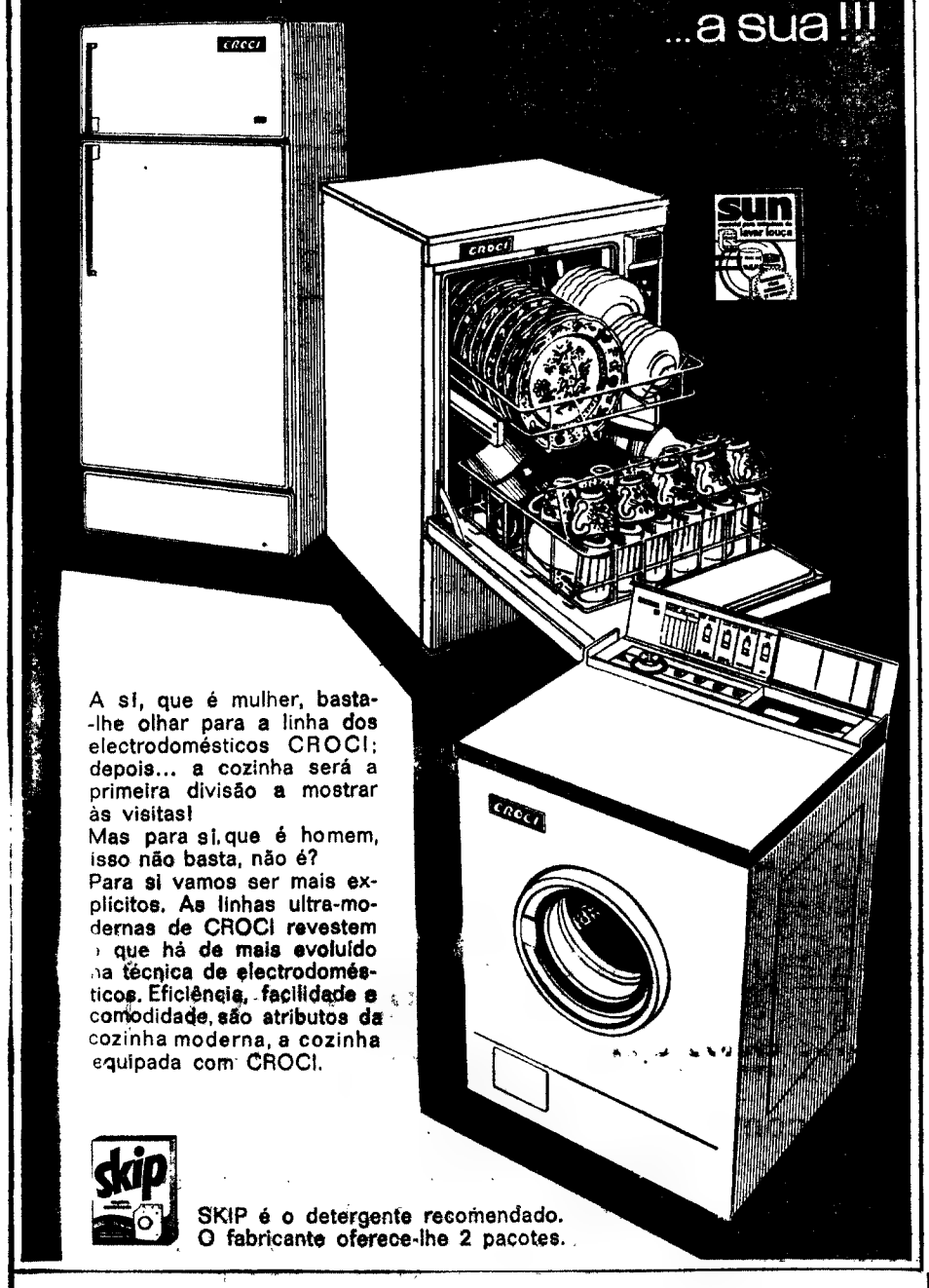
A história o dirá.

HELENA NEVES

Versão de um costureiro inglês para as «teenagers» na Primavera e Verão de 1971. Insistência no «midi», aliás alegre e elegante. Mas muitas jovens inglesas vão continuar a preferir a «mini»

a marca é CROCI

CROCI VAI EQUIPAR A CASA MAIS IMPORTANTE DO MUNDO ...a sua!!!



A si, que é mulher, basta-lhe olhar para a linha dos electrodomésticos CROCI; depois... a cozinha será a primeira divisão a mostrar às visitas!
Mas para si, que é homem, isso não basta, não é?
Para si vamos ser mais explícitos. As linhas ultra-modernas de CROCI revestem o que há de mais evoluído na técnica de electrodomésticos. Eficiência, facilidade e comodidade, são atributos da cozinha moderna, a cozinha equipada com CROCI.

skip

SKIP é o detergente recomendado.
O fabricante oferece-lhe 2 pacotes.

À venda no agente: ONDA ELÉCTRICA, de Luís Craveiro
R. S. Pedro de Alcântara, 47 — Lisboa

DISTRIBUIDORES GERAIS — Sociedade Técnica de Fomento — Porto-Lisboa

JUNKERS

AQUECIMENTO CENTRAL — AMBIENTE CONFORTÁVEL COM ECONOMIA E SEGURANÇA — **JUNKERISE** A SUA CASA

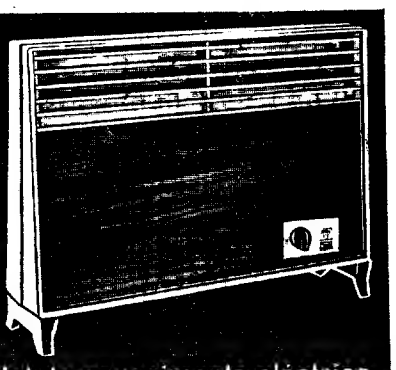
Representantes exclusivos:

SILVEIRA & SILVA, LDA.

RUA RICARDO ESPÍRITO SANTO, 5 ——— TELEF. 66 91 18 — LISBOA-3

EFACEC-4M

NOVO CONVECTOR ELÉCTRICO



18 anos de experiência no fabrico de material de aquecimento eléctrico

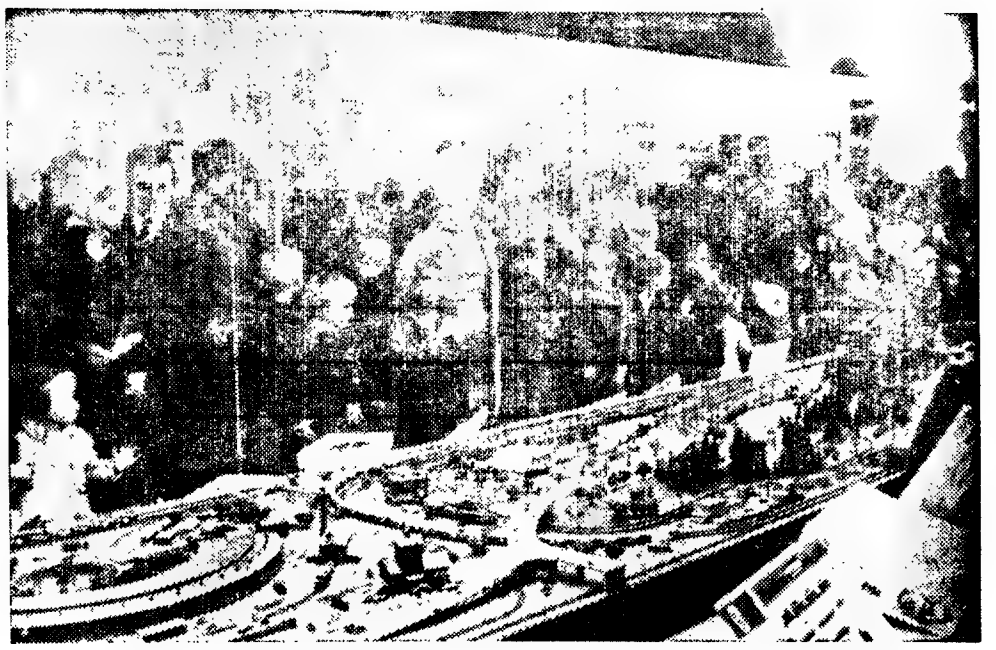
MUMM

SOCIÉTÉ VINICOLE DE CHAMPAGNE SUCCR.
IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM
AGENTES:
COSTA PINA & VILAVERDE, Ld.ª
Rua do Bonjardim, 420 — PORTO
Telefones 2 65 62 - 3 22 28 - 3 52 21
J. A. da COSTA PINA, Ld.ª
Rua do Alecrim, 73 — LISBOA
Telef. PPC (4 linhas) 32 00 31/4

MELHOR TRÂNSITO E MAIS ESCOLAS EM ALMADA

ALMADA, 10.—Vão começar no próximo ano, segundo foi anunciado na sessão da comissão administrativa da Câmara Municipal deste concelho, as obras da via de penetração que ligará o Centro-Sul a Almada, pois o ministo das Obras Públicas determinou qua a aludida obra fosse incluída no Plano de Fomento.

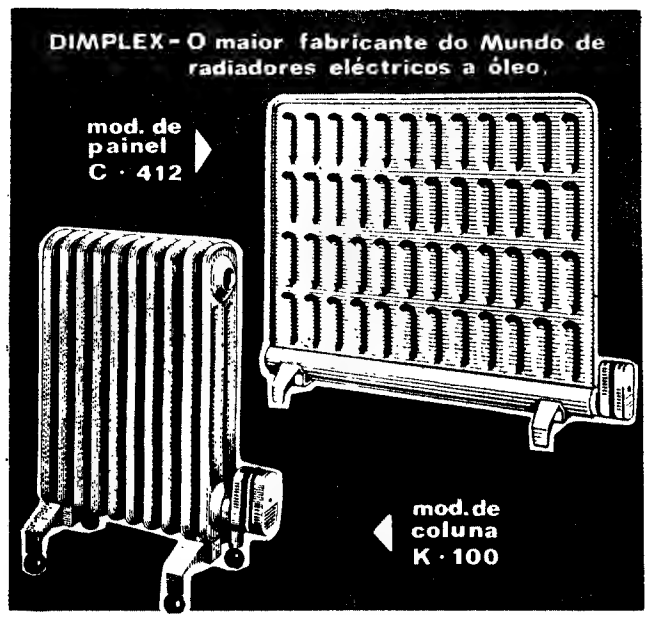
Graças a uma contribuição de um benemérito local vão igualmente começar as obras de construção, no Bairro da Bela Vista, de uma escola primária de dois pisos com quatro salas de aula.



O NATAL VEM AÍ — Na Alemanha Ocidental, a proximidade do Natal avalia-se pela corrida ás montras. As crianças, sobretudo, deliram com as novas maravilhas da técnica dos brinquedos. Mas quando se trata de um comboio eléctrico, o interesse dos adultos pelo brinquedo supera o das crianças

INDUSTRIAIS DE TRANSPORTES

A propósito da reportagem publicada nas nossas edições do passado dia 30 de Novembro sob o título «Fusão-remédio para a crise da nossa crise de transportes» «recebemos, assinado pelo sr. Álvaro Figueiredo, o seguinte telegrama: «*Um grupo de industriais de transportes de carga do distrito de Aveiro penhoradamente agradece reportagem vosso jornal apoiando indústria em cri-*



Dimplex

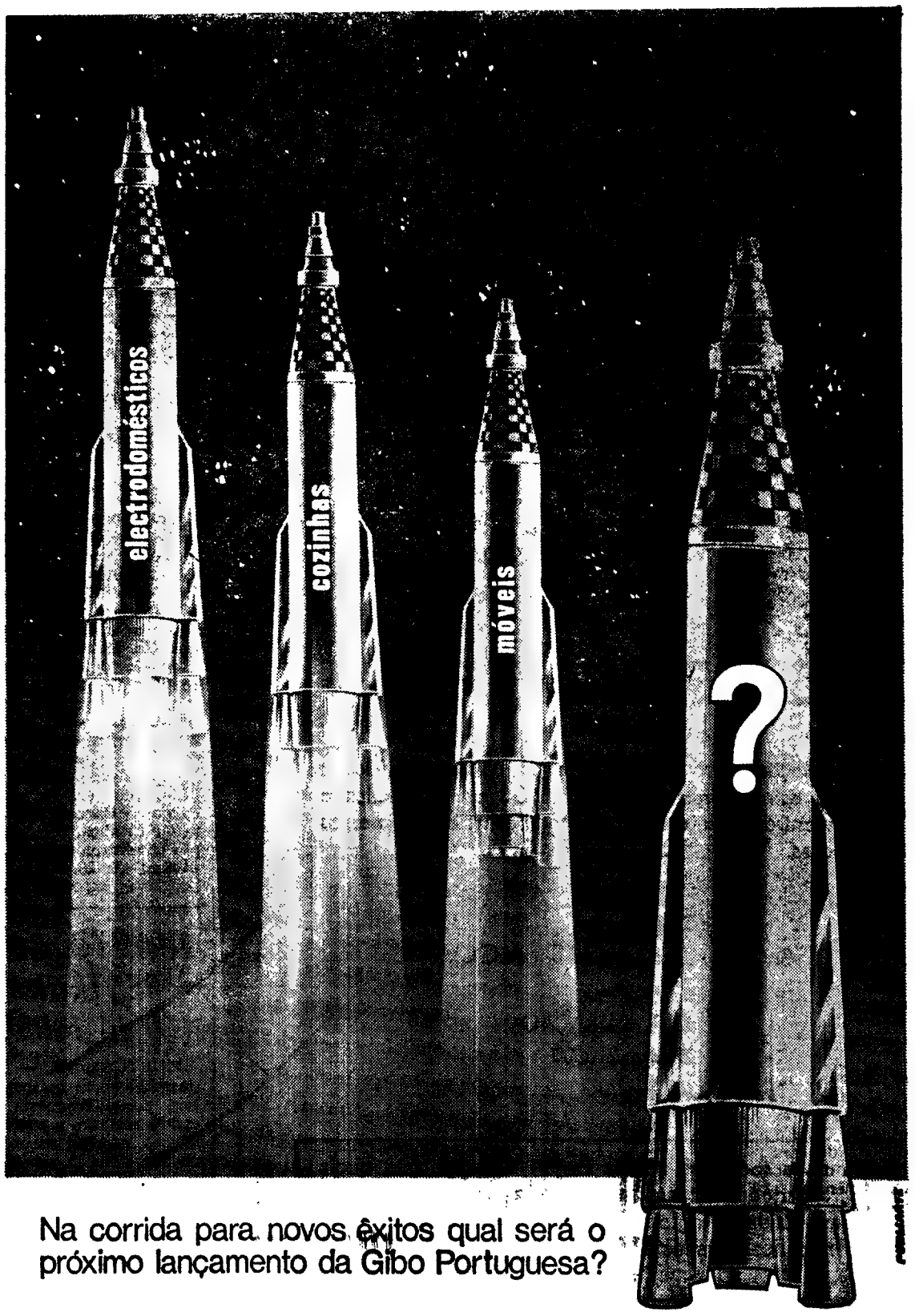
O MELHOR AQUECIMENTO DO MUNDO

DIMPLEX-radiadores eléctricos a óleo. Com controle da temperatura ambiente, por termóstato. O calor DIMPLEX não altera não suja nem seca o ar.

CALOR SAUDÁVEL, SUAVE E CONSTANTE

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ELECTRODOMÉSTICOS
peça catálogo grátis

Representantes Exclusivos:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA - R. ANTÓNIO ENES, 20-1º - TEL. 56 34 16
PORTO - R. DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 99



Na corrida para novos êxitos qual será o próximo lançamento da Gibo Portuguesa?

Qual o local onde será feito o 4.º lançamento?_____
A área ocupada?_____
Qual o produto a lançar?_____

Responda a estas três perguntas remetendo este cupão preenchido à sede da GIBO PORTUGUESA R. Pascoal de Melo, 7, 1.º e ficará automàticamente habilitado a um brinde se acertar a qualquer das perguntas.

PRENDA DE NATAL DO Diário de Lisboa

Escreva a sua quadra neste cupão, com LETRA BEM LEGÍVEL, preencha-o com o seu nome e morada, recorte-o e cole-o no postal que deverá enviar para o «Diário de Lisboa»: RUA CASTILHO, 185-1.º — LISBOA-1.

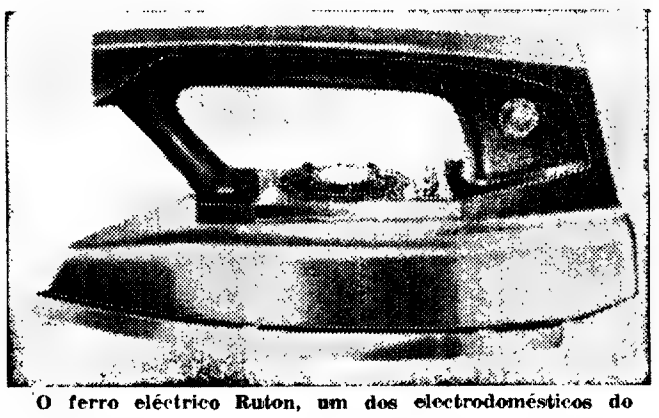
Nome

Morada

Cada vez mais candidatos aos electrodomésticos «Ruton» e «R

À medida que se aproxima a data limite para a recepção das quadras do concurso «Prenda de Natal do Diário de Lisboa», ocorre o que sempre acontece em todas as iniciativas do género: os leitores vão-se «guardando para o fim» e nos últimos dias é uma autêntica avalancha.

as suas simpáticas características e a simplicidade de participação. Para concorrer basta fazer uma pequena quadra natalícia, escrevê-la no cupão que junto publicamos e enviar este (com nome e morada bem legíveis) para os Serviços de Promoção do nosso jornal, Rua Castilho, 185, 1.º, Lisboa-1. A forma de envio poderá ser a do cupão colado num postal ou metido num sobrescrito que deve vir fechado. Quem queira concorrer com mais de uma quadra, pode enviar os vários cupões num único envelope. Mas sempre fechado!



O ferro eléctrico Ruton, um dos electrodomésticos do nosso concurso

O facto não nos causa surpresa, na medida em que «já sabemos como é» e, também, por estarmos certos que este concurso iria interessar muita gente, dadas

UM PRÉMIO ORIGINAL

Como se sabe, o autor da melhor quadra receberá todo o equipamento electrodoméstico para a sua casa, tudo o que a «Ruton» e a «Radiola» têm para o lar moderno. É, com efeito, com o patrocínio do representante geral destas duas reputadas marcas — a CORREL, Consórcio Rádio Elec-

trico, Lda. — que o nosso concurso é possível e que será possível tornar mais feliz, ainda, a família de um dos nossos leitores, neste Natal-70.

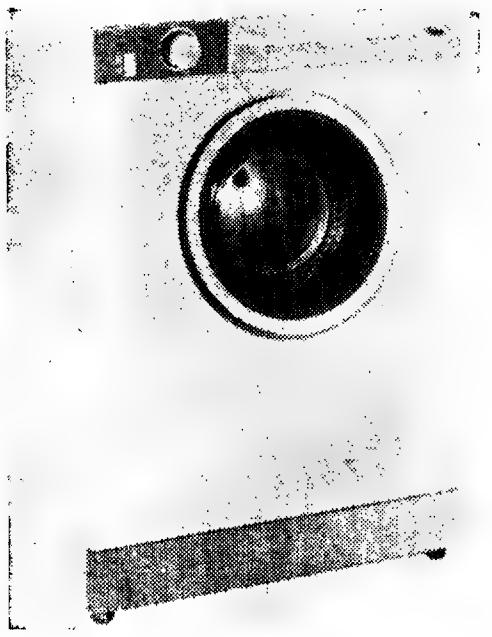
Já ontem referimos em pormenor três dos electrodomésticos «Ruton» que fazem parte do prémio: o frigorífico, a máquina de café e a batedeira eléctrica.

Hoje podemos dar mais detalhes sobre outros três.

Com os seus 15 programas básicos, a máquina de lavar roupa «Ruton 1306» é uma «top» na marca e das melhores do mercado. Eis algumas das suas disponibilidades: programa especial para lavagem de lãs (aprovado especialmente pelo Instituto Internacional da Lã); comutador para programas de lavagem biológica; reservatório para sais amaciadores da água; termóstato de aquecimento regulável por comando manual; tampo esmaltado a fogo, etc.

O conhecido secador de cab

O ferro eléctrico «Ruton



A máquina de lavar roupa «Ruton» foi especialmente aprovada pelo Instituto Internacional da Lã

O 30.º ANIVERSÁRIO DO ATENEU DE COIMBRA

COIMBRA, 10. — O Ateneu de Coimbra, simpática colectividade que tem desenvolvido valiosa obra da cultura popular comemora o seu 30.º aniversário cujo programa inclui: amanhã, ás 21 e 30, sessão de cinema no *Sousa Bastos*, com o filme «O Acidente»; dia 13, visita ao Museu Machado de Castro, com a colaboração do sr. dr. Jorge Alarcão, fazendo-se a concentração á porta do museu ás 10 horas; dia 15, na sede do clube, «Impressões dialogadas de uma estadia no Japão», pelo sr. dr. Joaquim Cantante Garcia; dia 21, Festa da Criança, com uma sessão de cinema e algumas surpresas; dia 28, «Luz e Som», programa experimental

QUANTO CUSTA RESTAURAR UMA IGREJA

MURTOSA, 10. — Prosseguem as obras na igreja matriz desta freguesia, agora com o restauro e pintura dos altares laterais, encontrando-se um deles já parcialmente dourado. Os serviços, pela sua meticulosidade, são muito morosos.

O trabalho é realizado por pessoal especializado, que para tal efeito se deslocou de Braga, e está orçado em cerca de 150 contos, incluindo o restauro de algumas imagens.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

CAMISARIA

Moderna

LISBOA - MADRID

PRONTO A VESTIR

Novas instalações (provisórias) com as últimas novidades nacionais e estrangeiras e onde TODOS os n/ clientes e amigos encontrarão a atenção e competência dos nossos colaboradores.

CAMISA *Pluma* ALGODÃO

TRIPLA DURAÇÃO
Preço 210$00

Pedimos a todos os nossos Ex.mos Clientes, aos quais seja possível, que efectuem as suas compras na parte da manhã, em virtude da aglomeração que se verifica da parte da tarde não nos permitir dispensar-lhes a costumada boa atenção.

A CAMISARIA MODERNA
GARANTE TODAS AS SUAS CONFECÇÕES

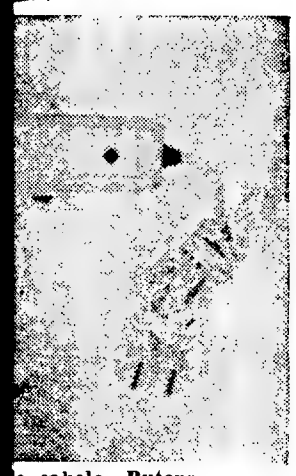
ROSSIO, 110 LISBOA

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos: Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

AS JÓIAS, AS PRATAS DA
Ourivesaria da GUIA
SÃO DIFERENTES!
Fundada em 1875
RUA D DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

«Radiola»

5280» é o mais versátil
gama, com uma pega fe-
ada e cabo lateral de li-



e cabelo «Ruton»

ção. De todos os mode-
s daquela marca é o de
enor consumo, um factor
e é sempre de grande im-
rtância.

Finalmente. «Ruton RH
56» é um secador de ca-
lo de aço inoxidável e
nho de material sintético,
lante, dotado de um in-
ruptor de três posições,
m uma base para fixação
tubo para saída de ar
is concentrado.

Para além destes apare-
os «Ruton», temos ainda
na máquina de lavar lou-
, um fogão de três bicos
forno alto e uma encera-
ra e um aspirador. Da
Radiola» — uma marca
e tem 50 anos de expe-
ência em electrónica —
erecemos um televisor,
n rádio, um gravador, um
ectrofone e dúzia e meia
lâmpadas.

A quem é que um prémio
stes não «quadrava»? ..

ora diga-nos...

— Conhece Beethoven?

Com um certo receio de apanhar uma descompostura por parte de um transeunte mais excitado, fizemos uma pergunta para muitos altamente insólita. Mas, felizmente, as respostas foram cordatas — e só uma pessoa se recusou a responder, dizendo-nos, com um ar ofendido: «Mas o senhor por quem me toma?...»

● — Beethoven? Ah, sim, conheço pessoalmente, através da Televisão — *logo nos retorquiu o sr. Sebastião Donzelo, empregado de tipografia.* — Já tenho ouvido músicas compostas por ele, a que não deixo de não dar um certo valor. Parece que foi um daqueles homens como agora já é difícil de aparecer. Veio naqueles tempos e deixou muitas coisas.

● *O sr. Mário Ferreira da Silva, vendedor de leite, disse-nos, por sua vez:*

— Não conheço, não. Quem é?

— Um compositor, sr Silva.

— De quê?

— De música.

— Ah, música, é sempre bonita. Na vida tudo hoje é música...

● — Não é das minhas relações — *declarou-nos, enfim, o sr. Carlos Alberto Ferreira Feitor, pedreiro.*

— Gosta de música?

— Muito. Dessas canções como agora há, muito bonitas, como aquela «Espera um pouco»

— E música clássica?

— Daquela para dormir?

«O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS» PROMOVE A ACTIVIDADE CRIADORA

A criança é um ser em rápida evolução que responde a muitas solicitações do meio. Em cada dia ela capta sensações, imagens, experiências que é preciso sentir, avaliar, incorporar e expressar. Quando estas experiências se prendem á realidade material e social, é muito provável que a expressão e a comunicação se possam realizar sem problemas, através da linguagem falada ou escrita. Nem sempre, porém, as palavras exprimem em toda a plenitude a intensidade de uma vivência. As realidades subjectivas exigem meios particulares de expressão, como os jogos simbólicos e as Artes Plásticas, que permitem a realização de desejos, a satisfação de necessidades pessoais e a afirmação do Eu. É através da expressão livre que a Criança realiza a síntese e a expressão do Eu e a submissão ao real.

Quanto á criação, o importante é o processo que permitiu á criança realizá-la. Daqui se podem extrair as linhas de força que justificam a montagem do concurso «O Natal visto pelas Crianças» como possibilidade, á escala nacional de permitir o desenvolvimento da percepção, da imaginação, da observação, do raciocínio, do «contrôle» gradual — capacidades psíquicas que influem poderosamente na aprendizagem.

No processo de criação a criança pesquisa a própria emoção, liberta-se da tensão, ajusta-se; observa o mundo que a rodeia, desenvolve percepções e imaginação, adapta-se; estrutura pensamentos, sentimentos, sensações e forma hábitos de trabalho, educa-se.

Criar é um dos atributos mais preciosos da pessoa humana: equivale a viver intensamente. Mas para se obterem esses objectivos é necessário também criar oportunidades de completa liberdade de expressão, fora das rotinas de academias, escolinhas, receitas, pseudo intenções dos adultos. Por isso mesmo, para corresponder ás finalidades mais válidas da educação pela arte o «Diário de Lisboa», desde 1958, promove o concurso «O Natal visto pelas Crianças» e cujo prazo de entrega de trabalhos termina no próximo dia 15.

«SUSPENSAS AS ACTIVIDADES CIRCUM-ESCOLARES?»

A propósito da notícia «Suspensas as actividades circum-escolares?», que o «Diário de Lisboa» publicou, recebemos dos Serviços Centrais da Mocidade Portuguesa, assinada pelo sr. Nuno Aguiar Loureiro, a seguinte carta:

«Reportando-me à local publicada no conceituado jornal, de que V. Ex.ª é mui digno director, em 23 de Novembro, a propósito de actividades circum-escolares — que estariam suspensas, aguardando a publicação de diploma legal que venha regulamentá-las — a Mocidade Portuguesa, que nelas superintende, vem esclarecer:

Tanto quanto se sabe, na generalidade dos estabelecimentos de ensino do País, as mesmas estão a decorrer normalmente segundo as condições e possibilidades existentes.

Há conhecimento de que, em dois, possìvelmente três, estabelecimentos de ensino, de Lisboa, alguns núcleos — e não a totalidade — não entraram ainda em funcionamento, por não haver pessoal docente com conhecimento para assegurar a condução das respectivas actividades, muito especializadas.

Segundo o Decreto-Lei n.º 47 311, «as actividades circum-escolares exercem-se no âmbito da escola, para além das disciplinas que formam o respectivo currículo, em vista à ocupação dos tempos livres», mantendo o estabelecimento de ensino toda a iniciativa consentida pelas exigências de coordenação com as actividades de outras escolas e pela necessidade de garantir a realização da sua finalidade própria.

Ora, em cada um dos estabelecimentos de ensino, há um centro de actividades circum-escolares (CACE) — que as promove — e no qual se associam professores e alunos, para a sua realização.

Aos professores — para assegurar mais ampla colaboração — pode ser concedida equiparação a serviço docente, pelo exercício de alguns cargos ou orientação de actividades, para que sejam nomeados.

(Continua na 19.ª página)

TRADICIONAL CRUZEIRO ABREU desde 1840 à RUSSIA

a bordo do modernissimo paquete «Ivan Franko» de 20 000 tons. na companhia de competentes Delegados ABREU De 16/4 a 11/5

NICE-MARSELHA-ATENAS-CORINTO-DELFOS-ISMIR-ISTAMBUL-ODESSA-LENINEGRADO-MOSCOVO-YALTA-PALERMO e ADRIGENTO

Preços desde 14.900$00 • Peça programa detalhado

Escolha dos camarotes no acto da inscrição

LISBOA-Avenida da Liberdade, 160 • PORTO-Avenida dos Aliados, 207 • COIMBRA-Rua da Sota, 2

Mais um cruzeiro - sucesso ABREU

CHAPÉUS
PALMARES

OURO É... O QUE OURO VALE!

À VENDA NAS BOAS CHAPELARIAS E NA

PHOEBUS

R. Ouro, 287

PARA COMPRAR OU VENDER AS SUAS JÓIAS

BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª

293 — Rua da Prata — 295

OFEREÇA no NATAL

MOËT & CHANDON

Champagne

PREFERIDO, DESDE 1743, PELOS «CONNAISSEURS»

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

IMPOR, S.A.R.L.

RUA DOS FANQUEIROS 30 • TEL. 325224

LISBOA-2

JÓIAS

TODOS OS ESTILOS...

GRANDE VARIEDADE

OURIVESARIA PIMENTA

RUA AUGUSTA, 255

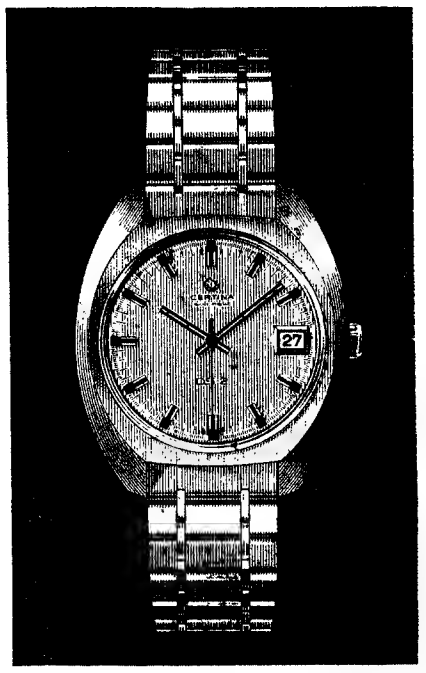
Telef. 32 45 64

Certina-DS
o relógio
mais forte do mundo

Procura um relógio em que possa confiar em todas as circunstâncias? Visite um Agente Certina e ele lho revelará: o incomparável Certina-DS.

Certina-DS resiste a choques que nenhum outro relógio poderia suportar. Seu segredo: a sua «máquina flutuante» — revolucionário sistema de protecção — que assegura precisão e resistência notàvelmente superiores às normas usuais de controlo.

Certina-DS uma revelação em elegância, precisão e resistência.

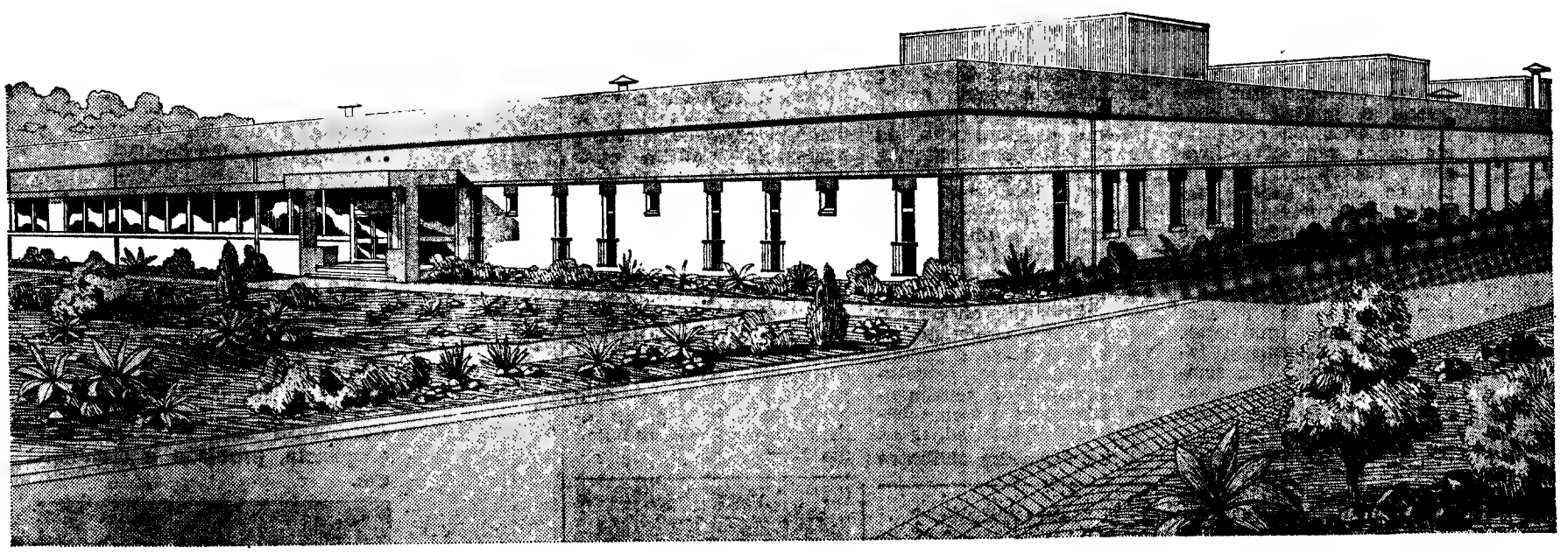


CERTINA

Certina-DS, automático, com calendário, super-antichoque super-estanque, aço inoxidável, 4 mostradores diferentes, estojo especial.

INAUGURAÇÃO da Fábrica de Relógios

TIMEX



Timex foi criado para possibilitar ao maior número possível de pessoas a obtenção de um relógio de qualidade a um preço racional. A sua produção tem aumentado rápida e seguramente desde o lançamento, nos Estados Unidos, em 1949, e é hoje a marca que detém o maior número de vendas em todo o mundo.

No seu plano de expansão a nível internacional, a escolha de cada país onde implantar uma nova fábrica é sempre objecto de um profundo estudo prévio.

Assim, a inauguração, hoje, de uma fábrica de relógios Timex em Portugal representa, para o nosso país um importante acontecimento industrial. Na primeira fase, a área coberta é de 7.100 metros quadrados e, até ao fim de 1971, o número total do pessoal será de 1.000.

Graças à óptima colaboração e capacidade das companhias associadas à sua construção pôde esta ser concluída no breve espaço de 8 meses.

TMX PORTUGAL Ltd.

Quinta dos Medronheiros – Charneca da Caparica

TIMEX – o Relógio mais vendido no mundo

O direito à habitação ameaçado pelos aumentos das rendas de casa

A carta de um leitor veio chamar a atenção, de novo, para um problema que não cessa de agravar-se: as elevadas rendas de casa que se pagam em Lisboa e nos arredores. Estes, como se sabe, mais não são do que os dormitórios da cidade, os dormitórios de empregados mais modestos da capital, obrigados a esse êxodo por se ter tornado impossível pagar o que pedem os senhorios lisboetas por três meras divisões assoalhadas.

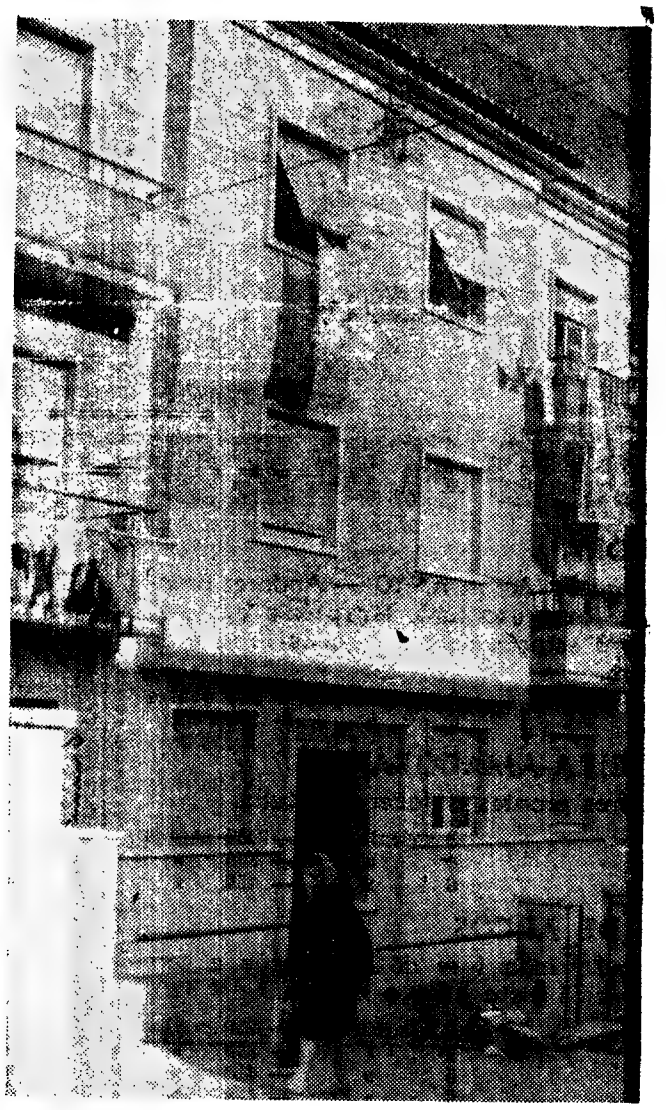
Conforme tem sido muitas vezes divulgado, os senhorios queixam-se do regime que vigora em Lisboa e no Porto (as rendas das casas de habitação não inquilinato, com quem contactámos, explicou-nos como se processam os aumentos de renda nos prédios dos arredores da capital. De cinco em cinco anos, o senhorio, neste tremendo problema das habitações. Em Setembro de 1968, o senhorio do prédio onde estava instalada a Cooperativa de Crédito e Consumo do Pessoal dos Estabelecimentos Fabris do Ministério da Guerra (Campo de Santa Clara, 83, 87-A), pediu um aumento de 500$00 (de 1000 para 1500$00). A comissão, porém, avaliou a casa em 1800$00 mensais e, levado o caso para tribunal, o juiz manteve o parecer da comissão.

Caso ainda mais interessante foi o do sr. Domingos Valente Arroteia, morador na Rua Rosas do Pombal, 11, 3.º esquerdo, na Cova da Piedade. O sr. Arroteia pagava 500$00 por mês e a comissão avaliou a casa em 600$00 (um aumento de 20 por cento).

Inquilino e senhorio recorreram para tribunal, tendo o juiz fixado a renda em 750$ mensais (um aumento de 50 por cento).

Os exemplos, aliás, não acabam. No concelho de Loures, por exemplo, já se registaram aumentos de 100 por cento. E muitos casos aguardam resolução, ou melhor, os inquilinos aguardam a «sentença» que os condenará muito possivelmente, a viver com menos dinheiro na mesma casa. O sr. João Severino Barata, domiciliado na Avenida Joaquim Dias Sousa Ribeiro, 89, em Moscavide, que paga 500$00 e de quem o senhorio pretende 1000, aguarda a visita da comissão de avaliação. Na Amadora (Rua Elias Garcia), o sr. José Manuel da Silva Carvalho, que pagava 800$00 mensais, viu a sua renda aumentada em 87,5 por cento (para 1500$). O sr. Adelino Santos Barata recorreu do aumento de 200$ (de 500 para 700) que a comissão de avaliação lhe arbitrou para a sua casa, sita na Rua Prof. Egas Moniz, 6, 1.º, na Buraca, e aguarda uma decisão.

Ao longo dos seus 16 anos de existência, a Associação dos Inquilinos Lisbonenses tem desenvolvido intensa acção em defesa daquilo que, afinal, devia ser um direito: habitar, ter uma casa que não pudesse estar sujeita à ganância, a especulações inqualificáveis. Isto para que inquilinos não fossem tratados, pura e simplesmente, como elementos que «trabalham» para o rendimento do senhorio, e, sim, como homens com casos a resolver, e, na maioria das vezes, com ordenados que mal dão para subsistir.



Um dos inquilinos deste prédio da Buraca aguarda uma decisão, pois não se conforma com o aumento de 200$00 arbitrado pela comissão

Colectividade modesta, o Sport União Fontesantense interpôs recurso. Dificilmente poderá suportar uma renda de 1200$00

O drama das pequenas colectividades

Ao problema das rendas de habitações, associa-se um outro: o da pouca consideração com que muitos senhorios tratam os seus inquilinos, apenas porque a procura é mui-

(Continua na 19.ª página)

podem ser aumentadas), alegando que o capital não rende, dado que tudo aumentou e o inquilino continua a pagar o mesmo que pagava há 10 ou 20 anos. Mas urge acrescentar que o inquilino também continua a viver na mesma casa, onde não foram introduzidos, na maior parte das vezes, quaisquer melhoramentos.

Assim, o capital empatado em prédios de rendimento não se afigura muito mal protegido, até porque, saindo um inquilino, o senhorio pode aumentar a renda para o montante que entender...

Mas vejamos como se passam as coisas nos arredores de Lisboa: as casas são sujeitas a avaliação, de cinco em cinco anos para «rectificação» das respectivas rendas. Muitos inquilinos acham tal medida absolutamente injusta, até porque surgem aumentos da ordem dos 100 por cento! Quem teve de ir morar para longe do emprego, o que obriga a levantar mais cedo e a pagar importâncias elevadas pelos transportes — sem que os ordenados se tornem maiores por causa disso — pode ver-se posto para fora de casa num dado momento, por impossibilidade de fazer face a uma nova renda arbitrada para a casa antiga.

A mecânica das avaliações

Chefe dos serviços jurídicos da Associação dos Inquilinos Lisbonenses, dr. Mariano Roque Laia, verdadeiro especialista em assuntos de, no caso de não achar justa a renda, e geralmente não acha, requer para a repartição de Finanças que a casa seja vista por uma comissão de avaliação, composta por três membros (um conservador do Registo Predial um louvado nomeado pelo chefe da secção de Finanças e um representante da Câmara Municipal). No caso, não intervém, portanto, o inquilino, embora, segundo nos disseram, haja senhorios que tenham já feito parte das citadas comissões.

Depois de a repartição de Finanças notificar o arrendatário, este tem dez dias para contestar. Feita a avaliação, se o senhorio ou o inquilino não estiverem de acordo com o montante estipulado pela mesma, podem recorrer para o tribunal, no espaço de oito dias. E ainda neste caso se verifica mais uma incompreensível descriminação: se o recurso partir do senhorio, a renda fica suspensa; verificando-se um recurso do inquilino, a renda entra em vigor mesmo antes de o tribunal decidir em definitivo.

A Associação dos Inquilinos Lisbonenses, através dos serviços jurídicos, tem a seu cargo, actualmente, cerca de 200 contestações e recursos.

Outra questão que convém deixar esclarecida: *«a lei, segundo sublinhou o dr. Roque Laia, nada prescreve no tocante á avaliação, ficando esta dependente do critério pessoal dos membros da comissão.»*

Alguns casos concretos demonstram plenamente, que alguma coisa não está bem

FÁBRICA DE RELÓGIOS **TIMEX**

Esta esplêndida unidade industrial, que acaba de ser inaugurada, escolheu para a sua climatização

AR CONDICIONADO YORK

Instalação movimentando 230.000 m3 de ar por hora

Central Térmica incluindo:

2 Turbocompressores frigoríficos de 350 C.V. cada

2 Geradores automáticos de vapor YGNIS

FORNECIMENTO E MONTAGEM DE

METALÚRGICA LUSO-ITALIANA, S. A. R. L.

ANDARES

AMADORA

Av. Santos Matos, n.º 10 — Andares prontos a fazer escritura, em prédio de luxo, junto à estação do caminho de ferro e do jardim.

4 assoalhadas — 300 contos
6 » — 600 »

REBOLEIRA-AMADORA

Andares prontos a fazer escritura.

3 assoalhadas — 250 contos
4 » — 350 »
6 » — 450 »

PAÇO DE ARCOS

Em adiantada fase de construção e com magnífica vista para o mar.

3 assoalhadas — 370 contos
4 » — 370 »
5 » — 425 »
6 » — 480 »

LISBOA

Para construção imediata.

3 assoalhadas — 325 contos
4 » — 425 »

APARTAMENTOS MOBILADOS

O MELHOR EMPREGO DE CAPITAL

PAÇO DE ARCOS

Junto à praia e a 100 metros da estação de caminho de ferro, com magnífica vista para o mar.

Preços de 170 a 400 contos

REBOLEIRA-AMADORA

Grande conjunto urbano, bons estabelecimentos comerciais, ligado ao centro da cidade por uma eficiente rede de transportes.

Preços de 150 a 260 contos

CASCAIS

Num dos melhores locais, excelentes Apartamentos Mobilados, dominando soberbas panorâmicas da Serra e do Oceano.

Preços de 350 a 680 contos

LISBOA

Para construção imediata numa zona de expansão acelerada.

Preços desde 370 contos

J. PIMENTA

S. A. R. L.

UMA CASA PARA CADA CASO

Informações para aluguer e venda:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 53 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2 43 35 11
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88
COIMBRA: Av. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, sala 1
CASTELO BRANCO: Rua da Figueira

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.
Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA APLICADA

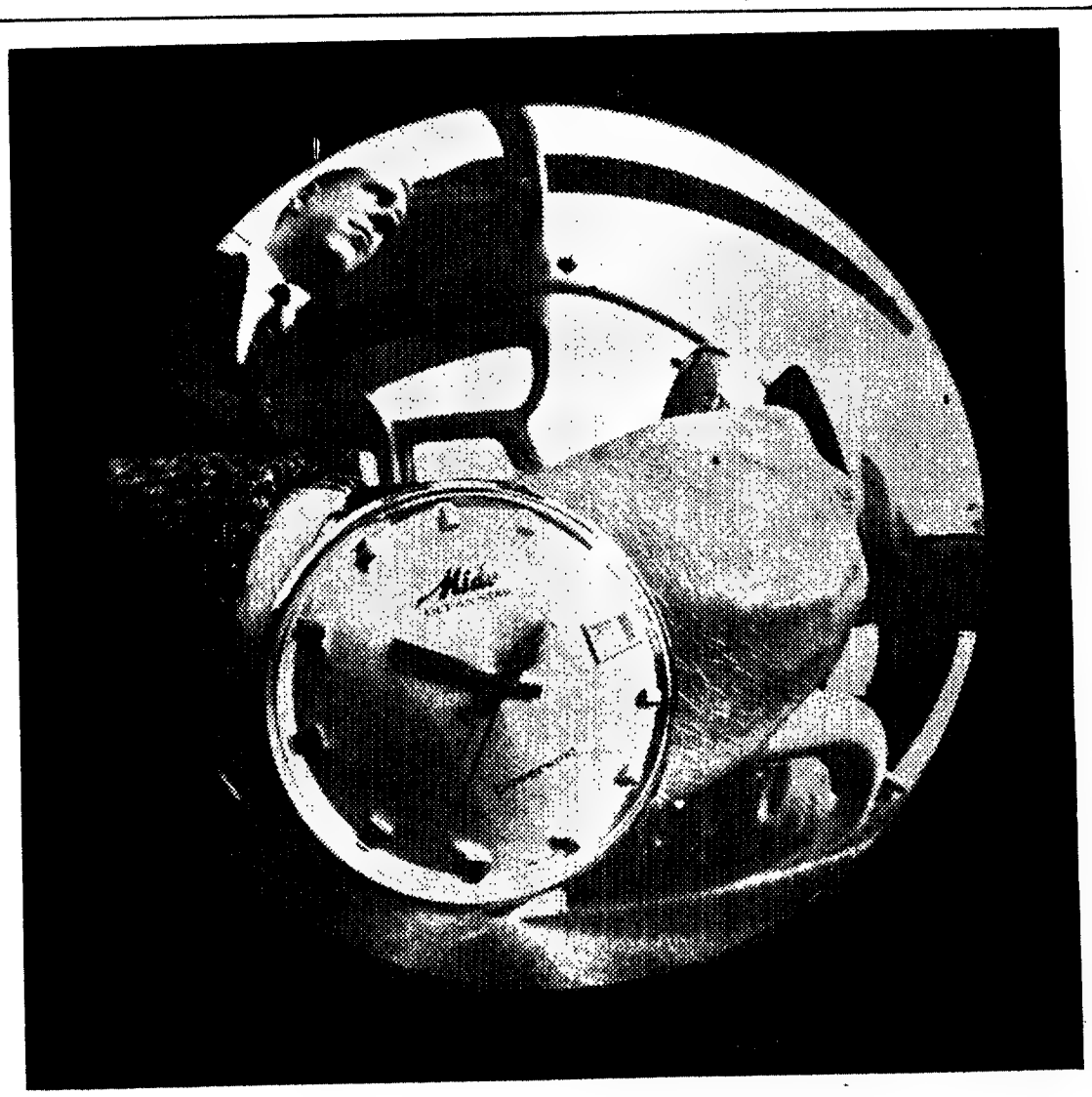
SELECCIONAMOS PARA EMPRESA NOSSA CLIENTE

Chefe de Serviços Comerciais

O candidato terá como função principal a orientação e motivação de uma equipa de vendas. A seu cargo ficarão ainda os seguintes aspectos de direcção da actividade comercial: análise de mercados, lançamento de produtos, definição de objectivos de vendas, contrôle de resultados, actividade promocional, orientação da publicidade e relações públicas.

OFERECEMOS: Vencimento compatível
13.º mês
Subsídio de férias
Regalias sociais
Semana de 5 dias de trabalho
Acesso a formação por conta da Empresa.

Resposta para a NORMA, indicando «curriculum» pormenorizado. Rigorosa confidencialidade. Mencionar a referência 157/ /DPA.



Dê ao seu pulso o aspecto actual MIDO

Ousado, impetuoso, provocante. É o aspecto actual dum relógio **MIDO**. Estilizado para o homem da cidade, construido para o homem de acção. Neutraliza os movimentos bruscos. À prova de água, de atrito e transpiração. Enquanto o usar, não precisa dar-lhe corda. Porque não dá ao seu pulso um novo aspecto? O novo aspecto dum relógio **MIDO**

Mido

O relógio a que nunca dará corda

AUMENTOS DAS RENDAS DE CASA

(Continuação da 17.ª página)

ta e as casas são poucas. Disse-nos o sr. Francisco José Caetano, morador na Rua D. João de Castro, 5, rés-do-chão, direito, que os esgotos da casa onde habita se estragaram há dias, provocando mau cheiro e saída de dejectos. Trata-se de um prédio onde habitam crianças, mas, quando o sr. Francisco Caetano nos falou, o senhorio não tomara ainda qualsquer providências. E pelas suas três divisões assoalhadas o inquilino paga 570$00 mensais.

Outros casos que se revestem de certo dramatismo: os pequenos clubes recreativos, cujas rendas das respectivas sedes subiram assustadoramente.

Assim, o Clube Recreativo e de Instrução Charneca, no Campo das Amoreiras, 29, passou a pagar 1500$00 mensais, sofrendo um agravamento na renda da ordem dos 1400 por cento, pois pagava 100$00.

O senhorio do Lisboa Futebol Clube, na Rua Casal Ventoso de Cima, 200, pretende 1000$00 mensais (150 por cento de aumento). Como vai ser possível a associação fazer face a tal encargo, se apenas tem 200 sócios, com quotas de 5$00? E com idêntico problema se debatem os responsáveis do Sport União Fonte-Santense, na R. Possidónio da Silva, 39, que interpuseram recurso. A colectividade pagava 600$00 de renda. O senhorio pretendia 1200$00 mensais e a comissão de avaliação fixou a renda em 1000$00, enquanto os responsáveis do clube alvitravam um aumento de 20 por cento (750$00). O caso está em tribunal.

Falámos com um sócio, que já foi director, o sr. Isaac Cabrita Baptista Nogueira, que nos informou:

— *O clube tem 350 sócios com quotas de 1$00 por semana. Mas muitos não pagam as quotas e a associação vive com dificuldades.*

Como será possível fazer face a uma renda de 1200$00 mensais? Pelo que pudemos depreender das palavras do nosso entrevistado, a União Fonte-Santense desempenha, sem sombra de dúvida, uma função social importante, que transcende em muito a das suas actividades recreativas: serve de balneário a alguns sócios, cujas casas não têm condições para isso. E os balneários foram construídos com o esforço de todos, penosamente, com sacrifícios, um oferecendo uma saca de cimento, outro meia duzia de tijolos... E como os balneários se situam no «território» de outro senhorio, resultam numa agravamento de despesas de mais 600$, totalizando os encargos com as rendas 1600$00, o que, para uma pequena colectividade, representa muito. Isto sem que o senhorio tenha introduzido qualsquer melhoramentos, conforme nos asseveraram. As pessoas individuais e as pessoas colectivas, em Portugal, têm, como se vê, algumas dificuldades em exercer o direito de habitar. Mas terminemos com palavras que o dr. Roque Naia, há algum tempo, escreveu:

«*Cegamente, ainda se não quis compreender que o simples — lucrativo e rendoso — negócio de arrendar casa, não só explora uma das mais prementes necessidades do homem-cidadão, mas também vive à custa de um dos direitos que o cidadão e a família têm, como membros de uma sociedade politicamente organizada: o Direito à Habitação.*»

Neste prédio da Damaia habita o sr. Francisco Caetano. Os esgotos estragaram-se e o inquilino ficou a debater-se com um problema grave

«Suspensas as actividades circum-escolares»?

(Continuação da pág. central)

Criando os C. A. C. E. actividades para as quais não haja possibilidade de ser destinado pessoal docente, têm de admitir o pagamento do serviço prestado a colaboradores estranhos á Escola, o que, por vezes, se torna difícil, e deve ter sido esse o caso apontado — o desinteresse material e o gosto de trabalhar com a juventude, nos nossos tempos de absorventes preocupações, não está tão generalizado que torne regra o seu exercício gracioso.

Os alunos contribuem para as actividades circum-escolares e para a acção social escolar, com esc. 65$00 por ano, quantia essa destinada, de modo exclusivo, a suportar os encargos com as actividades no próprio estabelecimento de ensino.

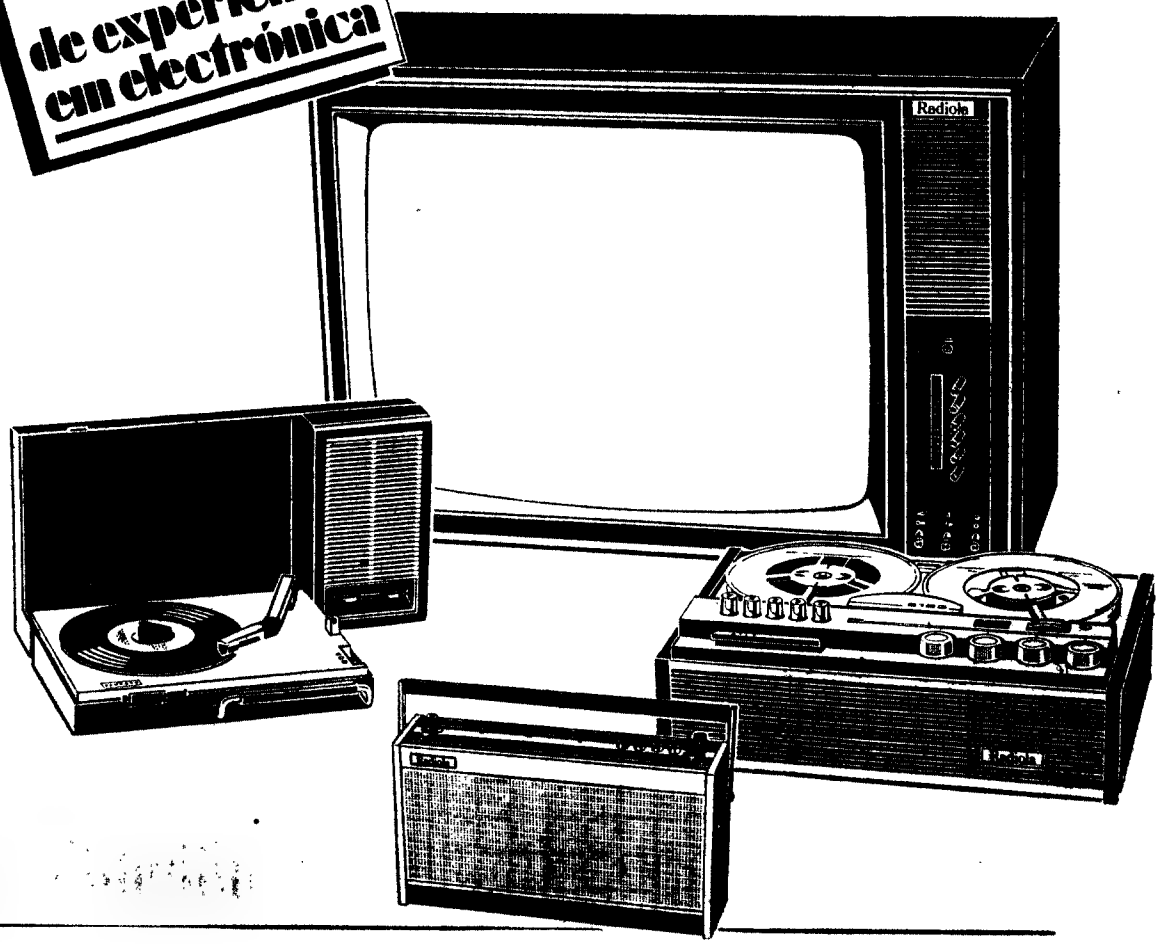
Consequentemente, um dos processos que nos parece mais curial será o de, no futuro, os orientadores destinados exclusivamente ás actividades circum-escolares, virem a ser, com habilitações próprias, equiparados ao corpo docente e, para que assim seja possível, procurar-se-á a forma legal de o fazer- razão por que se fala em «diploma legal».

A Mocidade Portuguesa — pela sua Inspecção-Orientadora das Actividades Circum-Escolares — gostosamente facilitará ao «Diário de Lisboa» as informações de que possa carecer, para bom esclarecimento dos seus leitores.»

Radiola

alegra a vida

50 ANOS de experiência em electrónica



RADIOLA apresenta o mais perfeito conjunto de Rádios, Televisores, Electrofones e Gravadores. A qualidade e robustez dos aparelhos RADIOLA, são universalmente conhecidas.

À VENDA NOS AGENTES Radiola EM TODO O PAIS

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

Na sua edição de 10 de Dezembro de 1940, o «Diário de Lisboa» escrevia:

«**É este o ultimo dia antes do recenseamento. Todos os chefes de família ou de convivência do país devem ter em seu poder os boletins respectivos e estar habilitados a preenchê-los no momento indicado.**

Os retardatários no cumprimento dessa obrigação devem desempenhar-se dela hoje sem falta.

O dia de amanhã não deve chegar sem que em todas as famílias e convivências de Portugal, tudo esteja preparado para o recenseamento de todas as pessoas.

As pessoas que tendo hóspedes tenham receio injustificado de os indicar como tais, podem chamar-lhes visitas ou empregar outro termo semelhante.»

Comissão Venatória do Centro

COIMBRA, 10.—Na sede da Associação dos Caçadores do Centro foram eleitos os representantes dos caçadores na Comissão Regional Venatória do Centro, srs. prof. dr. Manuel Marques Esparteiro, drs. Luís de Freitas Morna e Domingos Vaz Pais e Gabriel Nunes Baptista.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

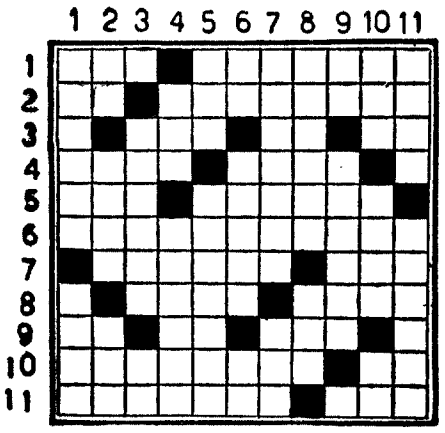
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5741

HORIZONTAIS: — Pedras de moinho. Aquece que toca. 2 — Pronome pessoal. Consertado. 3 — Um cento. Ruim. Pronome pessoal (inv.º). 4 — Após. Leito. 5 — Seguiam. Doce de pera. 6 — Trespassariam. 7 — Ramo pequeno. Medida de superfície. 8 — Foie. Antepassados. 9 — Grande ribeira da Ásia russa. Cobalto (s. q.). Nome de várias ramhas de Portugal. 10 — Assassinasses. Cidade da antiga Caldeia. 11 — Escavareis. Preposição.

VERTICAIS: 1 — Enganar. Conforme. 2 — Alternativa. Vassourar o forno depois de aquecido. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 3 — Sepulturas. Basta. 4 — Rente. Dar massagens a. 5 — Possui. Designação geral das doenças mentais mais graves. 6 — Abreviatura que se usa em música. Cesta pequena. Nota musical. 7 — Cor avermelhada. Patas. 8 — Guarnecem. de arames. Suspiros. 9 — Oferece. Transferia para outro dia. 10 — Composição poética. Ilha do pequeno Belt. Nome antigo da nota musical dó. 11 — Quebrado. Professor.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5740

HORIZONTAIS: — Acaso. Untar. 2 — Lama. Urca. 3 — Irara. Anca. 4 — Farra. Içara. 5 — Água. Moré. 6 — Aca. Nua. Aam. 7 — Fa. Mama. Re. 8 — Carrada. 9 — Nair. Irar. 10 — Atleta. Ataca. 11 — Remar. Sorar.

VERTICAIS: 1 — Asa. AFANAR. 2 — Carraça. Ale. 3 — Amarga. Crem. 4 — Sarau. Manta. 5 — AFANAR. Ar. 6 — E. Urra. 7 — Aimará. As. 8 — NUNCA. Adita. 9 — Troara. Arar. 10 — Acarear. Acã. 11 — Rosa. MEDRAR.

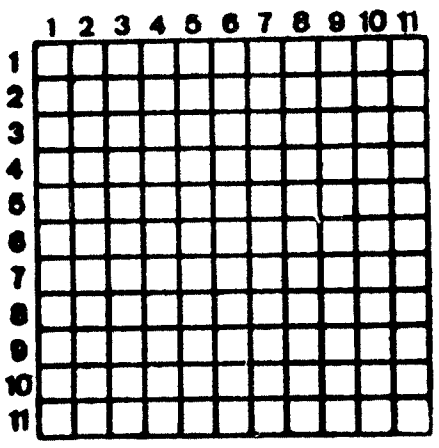
Provérbio: AFANAR AFANAR... E NUNCA MEDRAR.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9584

HORIZONTAIS: 1 — Escândalo (s. q.). Cidade da Polónia. Atmosfera. 2 — Rio da Suíça. O mesmo que Ion. Estime-se. 3 — Pão de milho. Prendem com elos. 4 — Restaura. 5 — Base aérea portuguesa. Pedras de moinho. Troças. 6 — Higiénico. Pés de animais. 7 — Besante. 8 — Cova. 9 — Futeis. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Termo. 10 — Ilha fortificada do Pequeno Belt. Acrescentara. Pronome pessoal. 11 — Misturada. Dourada.

VERTICAIS: 1 — Vila e sede de concelho de Vila Real. Caminho para cá. 2 — Visagem. Cidade e porto de Marrocos no oceano Atlântico. 3 — Avermelhado. 4 — Átomo (abrev.). Cólera. Basto (Inv.º). 5 — Nesse lugar. Tornado morno. 6 — Distinção. O mesmo que outar. 7 — Preposição e artigo definido. Aguardara. 8 — Artigo definido. Aguardara. 9 — Artigo definido (ant.). Para barlavento. Ouro (s. q.). 9 — Atentamente. 10 — Abranda. Vimeiro (planta). 11 — Acto ou efeito de remelar. Mediana.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9583

HORIZONTAIS: 1 — Saá. Por. Afã. 2 — Aleta. Estal. 3 — Moral. Ciara. 4 — Rela. Orço. 5 — Cor. 6 — AC. Pista. Ce. 7 — Barro. Agam. 8 — Amue. Aino. 9 — Caj. Ião. Aer. 10 — Or. Anula. Tá. 11 — Samba. Estar.

VERTICAIS: 1 — Sam. Cabaços. 2 — Alar. Câmara. 3 — Aérea. Rui. 4 — Tal. Piré. Ab. 5 — Palácio. Ina. 6 — Os. Bau. 7 — Recorta. Olá. 8 — Sir. Agá. As. 9 — Ataco. Irá. 10 — Faro. Caneta. 11 — Ala. Demorar.

NATAL!... NATAL!...

ELE AÍ VEM JÁ TÃO BREVE!...

CONTABILIDADE!

DÉBITO E CRÉDITO SIMULTÂNEO

Ofereça as melhores broas aos seus empregados, para que eles retribuam com eficiente produtividade!

Instale no seu escritório a última palavra em contabilidade por decalque!

Único sistema onde o inverosímil é uma inegável verdade!

Único sistema em que, por tão grandes novidades, muitos contabilistas se sentem chocados com a surpresa verificada!

O MAIOR RENDIMENTO! A MÁXIMA ECONOMIA! INACREDITÁVEL SIMPLICIDADE! CONTROLO DE INFALIBILIDADE TOTAL! ÚNICO SISTEMA QUE LEVA A ULTRAPASSADA CONCORRÊNCIA, AO USO DE ARGUMENTOS DESONESTOS, SEM PREOCUPAÇÃO PELO RESPEITO À VERDADE.

ÚNICO SISTEMA QUE ELIMINA TANTOS LABIRINTOS CONTABILÍSTICOS! E COM A APRESENTAÇÃO DE TANTA CLAREZA!

CONTABILULTRA – Contabilidade Ultramoderna, Lda.

Avenida Alm. Reis, 103-r/c-Esq.º — LISBOA

É UMA PATENTE PORTUGUESA

A INDÚSTRIA PORTUGUESA NÃO ESTÁ ESTAGNADA

— afirmou o secretário de Estado da Indústria na inauguração de uma fábrica na Charneca da Caparica

«A industria portuguesa não está estagnada, está avançando a ritmo melhor que os imediatamente anteriores» — afirmou, hoje, na inauguração de uma fábrica de relógios, na Charneca da Caparica, o secretário de Estado, eng.º Rogério Martins, citando resultados do ultimo inquérito de conjuntura da Corporação da Industria.

O secretário de Estado da Industria disse que os numeros, *«baseados numa vasta amostra que engloba quase duas mil unidades, com facturação superior a 50 milhões de contos e empregando mais de um quarto de milhão de pessoas, revelam, um conjunto de tendência decisivamente favoráveis.»*

E acrescentou:

«De Abril a Setembro deste ano mais de metade das unidades produziram mais que nos seis meses anteriores, um terço estacionou, apenas um sétimo produziu menos; e são sensivelmente as mesmas proporções que pensam produzir ainda mais, estacionar, ou diminuir nos seis meses seguintes (até Março de 71).»

Estas afirmações foram feitas na fábrica de relógios «Timex», instalada na Quinta dos Medronheiros, na Charneca da Caparica, e hoje inaugurada com a presença do Chefe do Estado e dos directores da firma em diversos países estrangeiros.

No seu discurso, o secretário de Estado da Industria assinalou que *«é benvinda a colaboração do estrangeiro que esteja disposto a vir compartilhar a nossa sorte e entrar no fogo da nossa vida»*, e acentuou que tal colaboração implica, entre outros pontos, que o empresário adopte, *«em todas as ocasiões, uma atitude nos domínios do tecnológico, do económico, do financeiro e do social análoga, no desejo de justiça e de progresso, á que tomaria nas fábricas que possua no seu país.»*

O sr. L. A. Holden, presidente da TMX, Ltd., á chegada a Lisboa, para assistir á inauguração da fábrica de relógios «Timex» e a uma reunião internacional da direcção da empresa a que preside

Calvet de Magalhães fala hoje em Setúbal

«Educação obrigatória» é o tema do colóquio que o prof. Calvet de Magalhães orientará hoje, pelas 21 e 30, no Centro Cultural e Livreiro Curtex, de Setúbal.

Um Teatro de 500 lugares na Avenida António José de Almeida

Deverá ter uma capacidade máxima de 500 lugares o teatro a construir na Avenida Dr António José de Almeida, em terreno municipal que será posto em hasta publica por 15 273 contos (9 contos por metro quadrado).

A construção do imóvel deverá iniciar-se até doze meses após a adjudicação e estar concluído 30 meses depois deste limite fixado para o início da construção

O projecto será da iniciativa do arrematante, mas sabe-se que além do teatro serão construídos mais sete pisos (sendo um recuado) para escritórios. O teatro terá ainda dois pisos para arrecadações e o edifício deverá ser dotado de parques subterrâneos para estacionamento de veículos.

Grande produção de relógios em Portugal

Inaugura hoje as suas magníficas instalações fabris em Portugal a TMX — Portugal, Lda., que vai produzir relógios em grande série, iniciando deste modo uma nova indústria entre nós.

Colaborando no notável empreendimento a EFACEC, a maior organização do País no ramo electrotécnico, forneceu todos os motores eléctricos, o posto de transformação de 1600kVA, 30.000v, central eléctrica de emergência (Diesel), quadros eléctricos, e procedeu ás instalações eléctricas de força motriz, de iluminação (interior e exterior), de comando e controle, de som de telefones, de relógios, de ar condicionado e de bombagem.

AS ESCOLAS VOLTARAM HOJE A SEMEAR...

Comemorou-se hoje, nos diversos estabelecimentos de ensino do País, o «Dia da Árvore», promovido pela Secretaria de Estado da Agricultura e pela Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, de colaboração com o Ministério da Educação Nacional, e integrado no Ano Europeu da Conservação da Natureza.

A juventude plantou árvores nos adros das escolas e nos jardins publicos, reencontrando, assim, uma tradição interrompida. Há dezenas de anos, na verdade, era prática corrente, nessa época em que floresciam os ideais democráticos, as crianças e os adultos plantarem árvores, cantando o hino «Escolas, semeai». O respeito pelas ideias irmanava-se com o respeito pela Natureza.

O homem sabia, sem que tocassem sinetas de alarme, o que devia ao meio ambiente... A prática perdida, no entanto, parece ter sido agora reencontrada

Em todos os países se começa a perceber que há um cerco que se fecha em volta dos homens, um cerco de arranha-céus e transistores, num mundo onde o espaço escasseia para o que é verde e belo. Poucas são já as zonas verdes das grandes cidades, e, mesmo em Lisboa, muitas têm sido as árvores sacrificadas ás exigências da urbanização, ás «leis» do transito dos veículos poluidores da atmosfera.

SEM CARTA DE CONDUÇÃO

Por não possuir carta de condução, foi detido pela P. S. P. o estofador António Fernando Coutinho Malaquias, morador na Rua da Glória.

A detenção verificou-se quando aquele indivíduo embateu o veículo que conduzia num outro estacionado, causando-lhe danos de certa monta.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Laura Pereira Pão Alvo

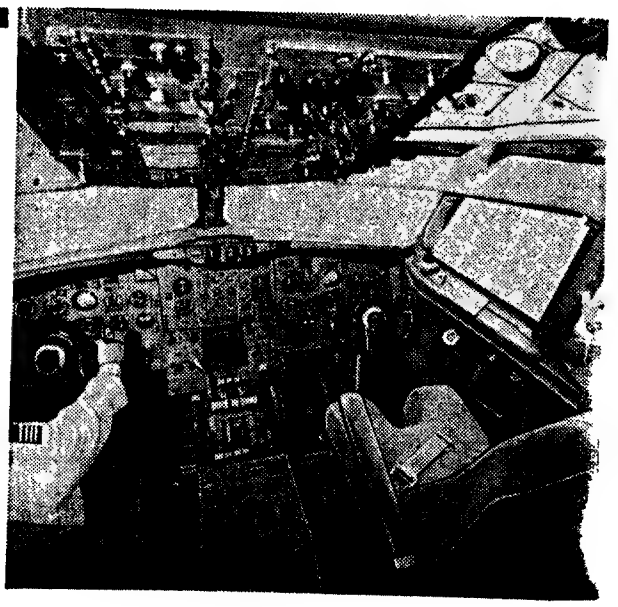
Faleceu a sr.ª D. Laura Pereira Pão Alvo, de 70 anos, natural da Cova da Piedade, viuva, mãe das sr.as D. Rosália Pereira Pão Alvo Farinha e D. Maria Stela Pereira Pão Alvo Ferreira. O funeral, a cargo da Agência Salgado, de Almada realiza-se amanhã, ás 11 horas da igreja de Almada para o cemitério de Monte de Caparica.

Debate de arquitectos na S. N. B. A.

Hoje, ás 21 e 45, decorre, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, um debate sobre «A Polémica da Casa Portuguesa», em que participam, entre outros, os arquitectos Keil do Amaral, Fernando Távora, Arménio Losa, Pedro Vieira de Almeida e José Charters Monteiro, além de Manuel Tainha e Nuno Portas, responsáveis pela sessão.

A ideia do debate foi sugerida pela recente exposição de Raul Lino, que suscitou importante controvérsia.

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!



Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio para ter a sua certeza e a certeza de encontrar uma profissão moderna, cheia de dinamismo, responsável e multíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável e prestigiada e asseguramos-lhe uma formação e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia em pleno crescimento e permanentemente actualizada: ampliamos e aperfeiçoamos os nossos serviços, aumentamos o número das nossas escalas e a nossa frota,
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos, frequência de um curso superior (ou equivalente) e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ.
Decida-se desde já: responda a este anúncio, dirigindo-se à Divisão do Pessoal Navegante da TAP, Edifício n.º 25 - 2.º andar Aeroporto de Lisboa.

MARCA-Tpt-70

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Inscrições permanentes. Cursos periódicos.
Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

ENTREVISTA DE CHU EN LAI

O governo de Pequim está disposto a negociar com os EUA acerca da questão da Formosa

MILÃO, 10 — (F. P.) — A China Popular está disposta a negociar com os Estados Unidos a questão da presença de tropas americanas na Formosa — disse o primeiro-ministro chinês Chu En Lai, numa entrevista exclusiva concedida ao jornalista americano Edgar Snow, publicada pela revista milanesa «Época».

Chu En Lai afirmou que «o problema da Formosa é uma questão interna da China, pelo que só o povo chinês tem o direito de libertar a ilha», mas a «porta está aberta» para uma negociação com os Estados Unidos.

Quanto á eventual admissão da China Popular na O.N.U., o chefe do Governo de Pequim observou que o seu país só entrará para a O.N.U. se forem expulsos os representantes da Formosa.

Tendo o jornalista perguntado se Chu En Lai renovaria hoje o seu apelo lançado no início dos anos 60, para uma conferência cimeira destinada a proibir as armas nucleares, o primeiro-ministro respondeu: «Os nossos ensaios nucleares destinam-se a quebrar o monopólio e a chantagem nucleares. Contudo, cada vez que fazemos uma experiência, declaramos que nunca seremos os primeiros a empregar as armas atómicas. Renovamos, por isso, a proposta para uma conferência cimeira de todos os países do Mundo, grandes e pequenos, a fim de se chegar a acordo para a proibição total das armas nucleares»

Finalmente, apreciando a situação mundial, Chu En Lai disse: «Os povos de todos os países, as massas que representam mais de 90 por cento da população inteira, desejam a revolução mais cedo ou mais tarde. Estão destinadas a despertar pouco a pouco, a opor-se em todos os países aos imperialistas e aos revolucionários, a lutar contra o revisionismo. Segundo o presidente Mao subsiste o perigo de uma nova guerra mundial, para a qual devem estar preparados todos os povos do Mundo. Mas a revolução é hoje a tendência principal no Mundo».

UMA VIAGEM À

RÚSSIA

NO VERÃO DE 1971

oferta da

EDITORIAL INOVA LIMITADA

aos assinantes das obras completas de

GORKI

EDIÇÃO EXCLUSIVA E INTEGRAL, AUTORIZADA POR MEZHDUNARODNAJA KNIGA (MOSCOVO) □ TRADUZIDA PELO POETA EGITO GONÇALVES

RECORTAR, PREENCHER E ENVIAR À EDITORIAL INOVA □ APARTADO 466/PORTO

□ JÁ SOU ASSINANTE DAS OBRAS COMPLETAS DE GORKI ATRAVÉS DA ' _____

E PRETENDO RECEBER O REGULAMENTO DO CONCURSO «UMA VIAGEM A RÚSSIA NO VERÃO DE 1971».

□ AINDA NÃO SOU ASSINANTE, E PRETENDO RECEBER O FOLHETO ELUCIDATIVO DAS CONDIÇÕES DE ASSINATURA E O REGULAMENTO DO CONCURSO UMA «VIAGEM A RÚSSIA NO VERÃO DE 1971».

NOME _____

ENDEREÇO _____

' Indicar o nome e a localidade da livraria onde fez a assinatura

VOTAÇÃO NA ONU SOBRE JORNALISTAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 10 — (F. P.) — A Assembleia Geral das Nações Unidas, aprovou ontem, por 85 votos e 32 abstenções, uma resolução exprimindo profunda inquietação quanto á sorte dos jornalistas em missões perigosas.

Esta moção, que fora proposta pela França, á comissão social, convida todos os Estados a aplicar aos correspondentes de guerra que acompanham as forças armadas as disposições das convenções de Genebra e conclui pedindo ao conselho económico e social e á comissão dos Direitos do Homem da UNU que preparem um projecto de convenção internacional.

O TÚNEL SOB A MANCHA ESTARÁ PRONTO ATÉ 1978 OU 1979

PARIS, 10 — (F. P.) — O Governo de Paris deu «luz verde» a uma nova fase no sentido da construção de um tunel sob o Canal da Mancha. Por seu turno, o Governo britanico deverá fazer o mesmo em breve. Com este passo, é possível que o tunel ferroviário que deve ligar Londres a Paris, em quatro horas, o centro industrial de Midlands ao do Ruhr em seis horas, esteja pronto por alturas de 1978-1979.

O custo total da obra é calculado, pelo grupo interministerial francês encarregado de acompanhar os estudos, em cerca de três biliões de francos (15 milhões de contos), importancia esta que irá aumentando com os anos em função da depreciação das moedas.

O tunel comportará essencialmente duas galerias paralelas (uma linha em cada sentido), de 53 quilómetros (38 debaixo do mar). Os comboios eléctricos circularão ali a mais de 150 quilómetros por hora sob «contrôle» electrónico.

Prevê-se logo de início um tráfego anual da ordem de 4,5 milhões de toneladas de mercadorias e de nove milhões de passageiros, dois terços dos quais viajando nos seus próprios automóveis instalados em plataformas fechadas, de dois andares. Por hora, podem circular 4800 veículos em cada sentido, o que é superior á capacidade de uma auto-estrada de três faixas.

O financiamento e a construção da obra serão confiados a um consórcio bancário constituído desde Julho ultimo por três grupos de bancos, que englobam 25 estabelecimentos (dez ingleses, dez franceses, quatro americanos e um italiano).

O EMBAIXADOR SUÍÇO PODERÁ SER LIBERTADO AINDA ESTA SEMANA

(Continuação da 1.ª página)

Chile como local de destino dos 70 presos a libertar pareceu a esses oficiais uma provocação, visto que ainda há pouco entrou em funções o presidente marxista Salvador Allende.

Os oficiais «duros», que já se tinham mostrado descontentes com a troca de prisioneiros pelo embaixador americano Burke Elbrick, apoiam-se nos precedentes do Uruguai e do Canadá. Em Montevideu, o Governo uruguaio recusou-se a dialogar com os guerrilheiros, que conservam há cinco meses um cônsul brasileiro como refém, sem o molestarem. No Canadá, os oficiais pensam que foi a força de vontade do primeiro-ministro Trudeau que triunfou dos revolucionários canadianos.

CONDIÇÕES «EXTRAVAGANTES»

Apesar das rigorosas ordens de silêncio, indica-se em meios bem informados que o Governo está de facto disposto a libertar os 70 presos políticos, constando da lista fornecida pelos raptores.

Mas teria recusado cumprir as outras condições, por as considerar «extravagantes» ou «humilhantes». Os raptores tinham exigido a difusão de um manifesto político pela Imprensa, pela Rádio e pela Televisão e, além disso, queriam que o transporte fosse gratuito nas linhas ferroviárias que servem os arredores do Rio de Janeiro, durante todo o tempo que durarem as negociações.

Mil dólares por informações sobre o «monstro de Loch Ness»

MIAMI (Florida), 10 — (A. N. I.) — O oceanógrafo Robert Dietz, ofereceu ontem mil dólares (cerca de 29 contos) a quem provar que «Nessie», o «monstro do Loch Ness», existe.

Dietz, que já procurou o monstro em vão, trabalha em colaboração com o Laboratório Oceanográfico do Atlantico, pertencente aos Serviços de Administração da Ciência do Ambiente.

O oceanógrafo afirmou que daria a recompensa a quem pudesse provar a existência de uma nova espécie animal em Loch Ness.

«Se conseguissem encurralar «Nessie», deveriam tratá-lo com carinho e cuidado, como convém aos representantes de qualquer espécie em perigo» — acrescentou Dietz.

SOBRETUDOS E GABARDINES

Grande sortido em Agasalhos para Homem, CAMISARIA — GRAVATARIA MALHAS — E as últimas novidades para BRINDES DE NATAL.

VERISSIMOS

Av Guerra Junqueiro, 8-C

Actualidade internacional

Exilados guineenses ameaçados de expulsão pela França

PARIS, 10 — (R.) — A França avisou a noite passada membros de um grupo oposicionista guineense, com sede na Europa, para se manterem afastados da política ou sujeitar-se a expulsão.

Fontes oficiais fizeram o aviso, após o grupo, denominado regroupement des Guinéens en Europe, publicar uma carta aberta, enviada ao secretário-geral da ONU, U Thant. Essa carta afirmava que os guineenses na pátria e no estrangeiro julgavam que a única solução para o seu país era a liquidação pela força do regime do presidente Sekou Touré.

INCIDENTE NA CONFERÊNCIA DA O.U.A.

LAGOS, 10 — (F. P.) — A sessão de abertura da conferência do Conselho dos Ministros e da Comissão de Defesa da Organização da Unidade Africana começou com hora e meia de atraso por causa da presença do embaixador de Israel e do protesto de oito delegações árabes que ameaçaram boicotar a conferência se este diplomata não saísse da sala.

O embaixador israelita, Ben Yaacov, tinha sido convidado pelo governo de Lagos, tal como os outros diplomatas acreditados na Nigéria. À última hora foi-lhe retirado o convite, mas, perante os seus protestos, voltaram a dar-lho. O caso foi remediado pelo general Gown, presidente da Nigéria que falou pessoalmente com o embaixador e o convenceu a retirar-se para que a conferência pudesse deliberar de forma construtiva e frutuosa.

A sessão inaugural terminou depois das intervenções dos delegados da RAU, do Congo-Brazaville, da Tanzânia e da Guiné.

Os oradores condenaram todos com veemência e sem reserva a agressão á Guiné.

De maneira geral os observadores frisam o tom moderado desta sessão. O general Gowon, embora haja condenado a agressão e convidado a África a passar a Acção, não indicou a forma que esta deveria tomar.

Treze vagões cisternas com ácido sulfúrico contaminaram um rio

PARRY SOUND (Ontário), 10 — (F. P.) — Treze vagões-cisternas cheios de ácido sulfúrico, caíram ontem á noite ao rio Pickeret, a uns 60 quilómetros a sueste de Sydbury (Ontário), em consequência do descarrilamento de um comboio de mercadorias.

Os residentes da região foram convidados a manterem-se longe do local do desastre e a não utilizarem a água do rio.

Um informador da companhia de caminhos-de-ferro Canadian Pacific, que explora esta linha, aconselhou mesmo os jornalistas a manterem-se a distância: «Se se aproximarem, o ácido sulfúrico pode queimar as solas dos vossos sapatos».

O comboio, formado por 50 vagões de ácido sulfúrico, vinha de Copper Cliff e dirigia-se para Hamilton.

ENCONTRO NIXON-DAYAN

NOVA YORK, 10 — A.N.I.) — O ministro israelita da Defesa, Moshe Dayan, iniciou ontem uma visita não oficial de três dias aos Estados Unidos.

Dayan conferencia amanhã com o presidente Nixon e com outros altos dirigentes norte-americanos.

SÃO ENTREGUES HOJE OS PRÉMIOS NOBEL

ESTOCOLMO, 10 — (A.N.I.) — Uma cadeira vazia recordará o escritor soviético Alexandre Soljenitsine, na sesão da entrega dos prémios Nobel que hoje se realiza em Estocolmo, sob a presidência do rei Gustavo Adolfo.

O autor soviético aceitou o Prémio Nobel de Literatura em Outubro, mas decidiu não comparecer em Estocolmo, com receio de que não lhe fosse autorizado o regresso.

Em Oslo, realiza-se cerimónia semelhante, durante a qual o agrónomo norte-americano dr. Norman Ernest Borlaug receberá o Prémio Nobel da Paz.

São os seguintes os galardoados deste ano que recebem os prémios em Estocolmo e em Oslo:

Medicina — Prof. Julius Axelgod, de 48 anos, do Instituto Nacional de Saude Mental, de Bethesda, Estados Unidos; prof Bernard Katz, de 59 anos, do University College de Londres; prof. Ulf von Euler, de 65 anos.

Economia — Prof. Paul Samuelson, de 55 anos, do Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT)

Física — Prof. Louis Neel, de 65 anos, da Universidade de Grenoble, França, e prof. Hannes Alfven, de 62 anos, da Universidade de Tecnologia de Estocolmo e da Universidade da Califórnia.

Química — Prof. Louis X. Leloir, de 64 anos, da Universidade de Buenos Aires.

Paz — o dr. Burlaug ganhou o prémio pelo seu trabalho com as sementes de grande rendimento, as quais duplicaram e triplicaram a produção de trigo em alguns países em desenvolvimento.

Auxílio americano para Hussein

WASHINGTON, 10 — (F. P.) — O rei Hussein, da Jordânia, conferenciou na terça-feira, logo que chegou a Washington, com o presidente Nixon. Avistou-se a seguir com o secretário de Estado, William Rogers, e o secretário da Defesa, Melvin Laird. O soberano hachemita e os seus interlocutores americanos invocaram em particular a eventualidade do reatamento da missão Jarring e estudaram as modalidades de um aumento do auxílio militar e económico á Jordânia.

Nos meios informados revela-se que o Governo de Nixon está disposto a fazer certas concessões ao Governo de Amã, na preocupação de manter o equilíbrio militar no Médio Oriente e assegurar, ao mesmo tempo, a estabilidade do Governo jordano.

Finalmente, Hussein teria pedido ao presidente Nixon que os Estados Unidos desistam de apoiar a criação de um «Estado palestino».

GADDAFI ACUSA

CAIRO, 10 — (F. P.) — O presidente líbio, coronel Gaddafi, atacou ontem violentamente o rei Hussein, que acusou de receber instruções de Israel para liquidar a resistência palestiniana. Num discurso feito em Tripoli, e citado pela agência do Médio Oriente, o coronel Gaddafi declarou: «Condenamos o rei Hussein, porque ele prepara um plano, de colaboração com as forças imperialistas, chefiadas pelos Estados Unidos e por Israel, para liquidar o movimento favorável á unidade na Jordânia, bem como á revolução palestiniana».

VIOLAÇÃO DOS ACORDOS DO CAIRO

CAIRO, 10 — (A. N. I.) — O chefe do Governo do Sudão, general Jaafar Nimeiry, declarou que o recomeço dos combates na Jordânia é «uma violação grave» do acordo do Cairo, que em Setembro terminou com a guerra civil na Jordânia.

Numa mensagem ao príncipe Hassan, regente na ausência do rei Hussein, Nimeiry afirma que as repetidas escaramuças entre guerrilheiros e tropas governamentais não se coadunam com as garantias dadas pelo rei ás entidades oficiais egípcias, durante a sua recente visita ao Cairo.

COVA DA PIEDADE

LAURA PEREIRA PÃO ALVO

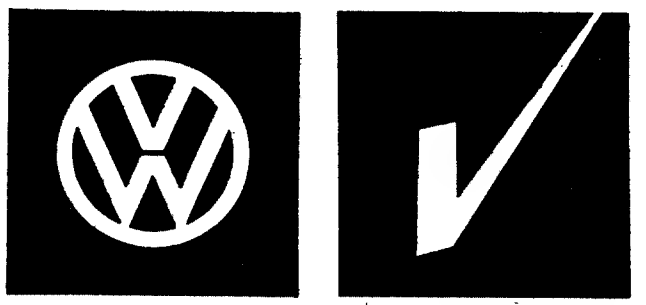
FALECEU

Rosália Pereira Pão Alvo Farinha e seu marido, Mário Sales Farinha, Maria Stella Pereira Pão Alvo Ferreira e seu marido Francisco de Almeida Ferreira e filhos, Carlos Albano Pão Alvo Ferreira e Porfíria Maria Pão Alvo Ferreira, Maria da Glória Pereira, Maria Natália Pereira Silva e mais família, participam a todas as pessoas de suas relações o falecimento de sua extremosa mãe, sogra, avó, irmã e parente e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da Igreja de Almada para o cemitério de Monte de Caparica.

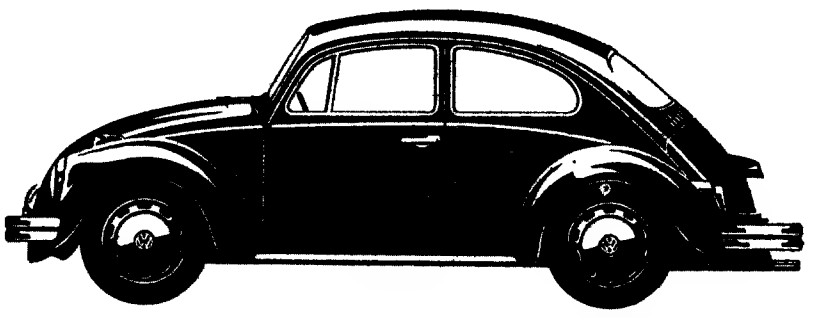
AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA — TEL. 270132

9 dias de carros usados

volkswagen com garantia



em exposição de 10 a 18 de Dezembro até às 0 horas



DURANTE ESTE PERÍODO SERÁ OFERECIDO, POR SORTEIO, ENTRE TODOS OS COMPRADORES DE UM VOLKSWAGEN USADO, COM GARANTIA, A ASSISTÊNCIA TÉCNICA DURANTE 30.000 KMS!

VENDEM-SE COM FACILIDADES DE TROCA E PAGAMENTO

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S.A.R.L.
Av. Antonio Augusto de Aguiar, 30-A — Telefs. 366751/7-370171/5

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ANDEBOL

O Sporting já não vai a Moscovo

Frustrada, pela equipa campeã da União Soviética, a viagem da turma sportinguista a Moscovo, onde jogaria para a Taça dos Campeões Europeus de Andebol de 7.

O M. A. I. comunicou á Federação Portuguesa de Andebol a sua desistência da prova

Assim o Sporting «trocou» a viagem a Moscovo pela «viagem» até aos quartos-de-final da competição, eliminatória para a qual ficou apurado automàticamente.

A ACADÉMICA VAI ÀS URNAS

Os «estudantes» escolhem hoje entre o A e o B (das listas) os seus dirigentes para o biénio 71-72.

Têm direito a voto antigos e actuais estudantes universitários com mais de um ano de associados, num total de 1400 sócios.

A votação começa às 17 horas e os resultados serão conhecidos ainda esta noite.

ONTEM EM ALVALADE — SPORTING-CURITIBA (1-0)

PENOSO SACRIFÍCIO NUMA NOITE GELADA

Dinis remata: mais uma «perdida» antes do seu golo

Todos somados, espectadores, jogadores, porteiros, polícias, árbitros, jornalistas, etc., todos quantos estivemos ontem á noite, hora e meia a congelar em Alvalade, não seriamos mais do que algumas centenas. Vá lá, com um pouco de optimismo, dois ou três milhares. Volta e meia acontecem coisas destas.

Tão gelado como a própria noite foi este futebol sem ritmo, num jogar por jogar, num doloroso arrastar dos jogadores, por impulsos atléticos, sem o comando da imaginação. Durante os primeiros 45 minutos, digno de nota apenas se poderá assinalar um remate de Dinis, desferido de muito longe, que o excelente guarda-redes brasileiro defendeu com relativa segurança.

O segundo tempo foi sensivelmente igual ao primeiro. Jogado talvez num ritmo um pouco mais vivo, registando um ou outro lance mais intencional, com os jogadores pensando mais na baliza. Ao fim e ao cabo começavam a aflorar problemas de honra entre um campeão que se sentia um tanto comprometido e um visitante que gostaria de levar na bagagem uma vitória em Portugal. De qualquer forma o jogo esteve longe de prender a atenção do público e o resultado parecia condenado ao clássico «zero a zero» das partidas de frustração quando no 89.º minuto Dinis, aproveitando um falhanço da defesa contrária, obteve um golo imprevisto.

O Curitiba é uma equipa modesta e mostrou ontem um futebol baseado numa razoável técnica individual mas sem grande sentido ofensivo. Daí nunca ter estado em causa a superioridade do Sporting ainda que traduzida de uma maneira apagada.

Numa coisa o encontro foi fértil: em substituições. Deu para toda a gente jogar. Só o Sporting fez nada menos que sete substituições.

Sob a arbitragem de Adelino Antunes, de Lisboa, as equipas alinharam:

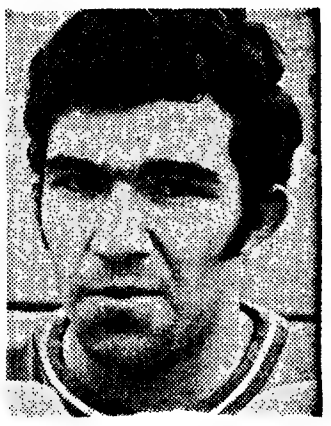
SPORTING — Damas (Carvalho); Pedro Gomes (Laranjeira), Alexandre Baptista (Calú), José Carlos e Hilário (Celestino); Pedras e Peres (Manaca); Marinho, Lourenço, Mosquera (Gonçalves) e Dinis.

CURITIBA — Célio; Nito (Marinho); Piloto, Cláudio e Oberdam; Luiz e Peixinho; Ridon (Vernack), Leocádio (Hélio), Krieger (Reinaldo) e Rinaldo.

AUGUSTO VILELA

Tomé lesionado não joga domingo

Enquanto que Nelson continua a melhorar da lesão contraída no Restelo, o seu colega de equipa Tomé permanece em tratamento nas mãos do competente Manuel Marques, não se prevendo (com inteira segurança) quando poderá regressar à turma de Fernando Vaz.



Tomé

No Benfica há uma alteração: Torres está incluído na lista de convocados elaborada por Hagan para o jogo de Coimbra, no próximo domingo. Em contrapartida, Calado tem acusado uma lesão na virilha e não treina.

•

Carlos Silva, treinador da C. U. F., já pode contar com o defesa Castro: que recuperou da fractura de um pé e encontra-se apto a enfrentar o Barreirense.

Estêvão volta ao «onze» de Meirim. Cardoso submete-se esta tarde a um «test» para se aquilatarem das condições físicas em que se encontra após o esforço da partida com o Sporting. Ernesto (desta vez) fica afastado do «team», dada a sua fraca produtividade. Vítor Cabral continua em tratamento. Contudo, o treinador Meirim já pode contar com Arlindo e Carmo Pais para o embate frente ao Boavista.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o concurso n.º 14 da 10.ª época

Beira Baixa — 211 X11 X11 1111; Cardeal Saraiva — 111 111 111 2211; Clube Asas do Atlântico (NR) — XX1 211 111 11X1; Correio dos Açores — 111 111 211 111X; Correio de Coimbra — 211 X11 111 X111; Diário dos Açores — X11 211 211 X21X; Diário de Coimbra — 211 111 X11 1111; Diário da Manhã — 211 X11 X11 1111; O Distrito de Setúbal — X1X 1X1 211 X111; Ecos de Cacia — 211 X11 211 1112; Ecos do Desporto — X11 X11 X11 X111; Estrela da Manhã — X11 X11 XX1 X11X; Gazeta do Sul — 111 2X1 211 X221; Jornal das Aves — XX1 X11 X21 21X1; Jornal do Barreiro — 1XX X11 1X1 22XX; O Jornal de Felgueiras — 1X1 111 111 X111; Jornal do Fundão — X11 111 2X1 1111; Jornal da Lixa — X11 111 X11 X111; Jornal do Sul — 121 211 1X1 X21X; Jornal de Viseu — X11 111 211 2X11; Linhas de Elvas — 111 111 21X 1111; Litoral — X21 111 X11 11X1; Maria da Fonte — 221 X11 211 X11X; Mundo Desportivo — X11 2X1 111 1111; Notícias de Felgueiras — 2X1 211 111 X111; Peça Que Não Maça — X11 211 111 X111; Povo Algarvio — X11 111 X11 2111; Rádio Altitude — XXX X11 111 X111; Reconquista — 111 X11 111 1111; Renovação — 11X 111 X11 1X11; Boletim Desportivo do R. P. — 111 111 111 1111; Boletim Desportivo T. A. — X11 X11 XX1 221X; Comércio de Leixões — 1X1 111 X11 1111; Correio do Douro — 211 111 111 X21X; Jornal Notícias — 2XX X11 X11 XX11; A Lição do Menino Quim — 211 111 X11 111X; Miscelânia Musical — 21X 1X1 211 111X; Montra do Êxito — 21X 211 211 X211; Mosaico — 21X X11 111 X111; Música e Desporto — 2X1 111 X11 112X; Passatempo ENR — 121 111 111 1111; Penalti — 211 XX1 111 2112; Primeiro de Janeiro — X11 111 X11 X111; Prog. da Manhã — 212 X11 111 X112; Auto Rádio — 211 111 X11 111X; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Estúdios 64 — 211 211 X11 2X1X; Placard Desportivo — X11 X11 211 X221; Campeão Português — 211 111 111 111X; Prog. Só-Rádio — 21X 111 X11 2X1X; Bond azinho — X11 211 111 X11X; Brado Africano — 22X 111 XX1 122X; Cidade 70 — 211 X11 111 X11X; Diário (L. Marques) — XX1 XX1 X1X 11X1; Domingo Alegre — 2XX 111 XXX 1111; Jornal Desportivo — 2X1 111 X11 X11X; Passatempo — X11 211 X11 X11X; Roteiro Sonoro — 111 211 2X1 XX1X; Terceiro Programa — 1X1 222 XX1 11X1; Vamos Jogar no Totobola — 1X1 2X1 22X 1112; Revista Desportiva — XX1 X11 X11 1X11; A Voz — 112 X11 2X1 XX11; Voz do Casa Pia — X11 X11 X11 X111; A Voz Desportiva — 211 111 X11 X21X; Voz de Lamego — 111 211 111 1211; Notícias d'Évora — 2X1 X11 211 11X1; Passatempo JJ — XX1 X11 X11 2X1X; República — X21 211 111 2112; Semana Tirsense — X11 111 X11 X111; O Telégrafo — 2X1 111 211 2X12; O Templário — X11 111 111 1X11; Açores — 111 211 X11 X11X; Brados do Alentejo — 211 111 X12 X112; Cantinho Ricardo Lemos — X1X 211 X11 121X; Comércio de Portimão — 211 X11 111 1112; O Concelho de Estarreja — 211 111 211 1111; De Tudo Um Pouco — X11 X11 111 11X1; As 10 Espere Por Nós — XXX 21X 211 X211; Dos Fracos Não Reza a História — 222 1X1 X11 1111; Ideal Rádio — 111 X11 111 XX11; A Ilha — XXX 211 2X1 111X; Momento do Totobola — 211 111 X11 1X11; Novidades — X11 1X1 X11 2111; A Ordem — 211 111 211 X2X1; Póvoa de Lanhoso — X11 X12 21X 21X1; Prog. Electro Mecânico — X11 X11 X11 1211; Prog. Sem Nome — 2X1 111 1X1 1111; A Rabeca — 1X1 X11 211 1111; Rádio Clube do Norte — X21 1X1 X11 X1X1; Rádio Oceano — X11 X11 211 12X1; Rádio Sports — 2XX XX1 2XX XXX1; Reporter do Dia — 21X 211 111 112X; Repórter do Dia (Angola) — X11 X11 X11 X111; Resenha Desportiva — 11X XX1 21X 2X11; O Sorriso da Hora do Almoço — 111 111 111 2X11; Terra Alta — 12X 211 111 2211; A Voz de Palmela — 1X1 111 111 XX1X; A Voz dos Ridículos — 221 111 X11 1111; Diário de Lisboa — 2X1 X1X 21X 2X11; Estádio — X21 X1X 2X1 X22X; Diário (Luanda) — 211 X11 X11 X111; Ronda da Noite — 211 211 211 X111; Comércio — X11 XX1 111 1111; Notícias do Totobola — 121 111 211 2111; Vida e Música — X11 111 21X X11X; Café da Noite — 1X1 1X2 X11 1122; Panorâmica — 21X 111 111 XX12; A Nossa Chave — 211 X11 X11 2111; Apostolado — 12X 211 XX1 X21X.

CONCURSO N.º 14

10.ª ÉPOCA

		RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1	Gimarães-Porto	28	39	42	3	4	5
2.	Boavista-Belenenses	70	26	13	8	3	1
3.	Cuf-Barreirense	86	20	3	9	2	1
4.	Académica-Benfica	46	39	24	5	4	3
5.	Varzim-Leixões	94	14	1	10	1	1
9.	Setubal-Farense	103	3	3	10	1	1
7	Gouveia-Beira-Mar	34	44	31	4	5	3
8.	U. Leiria-Marinhense	92	15	2	10	1	1
9.	Sanjoanense-Espinho	99	9	1	10	1	1
10	Vizela-Riopele	45	44	20	5	5	2
11.	Peniche-U. Tomar	70	19	20	8	2	2
12.	Tramagal-Luso	89	13	7	10	1	1
13.	T. Novas-Torriense	68	31	10	8	3	1

E a chave lógica será: 211 111 X11 1111

(a) Nos termos do Art.º do Regulamento Geral dos Concursos se houve necessidade de sortear o resultado dos jogos, não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

BICICLETAS «VILAR»

COMPLETO SORTIDO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
DISTRIBUIDOR GERAL: CICLO AREEIRO
ANTÓNIO CARVALHO & C.ª, LDA.
AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 1-C/3-B
TELEFS. 72 68 70 / 71 03 42 • LISBOA
VENDAS: NO DISTRIBUIDOR E NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Grand "Old Parr"
REAL ANTIQUE & RARE OLD SCOTCH WHISKY
AGENTES CASA SIMÕES
LARGO DO CHIADO, 17 - LISBOA

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

PARA A «TAÇA DAS FEIRAS»: ANDERLECHT, 2-VITÓRIA, 1

ESPERANÇAS INTACTAS

BRUXELAS — (por Louis N. Steen, especial para «Diário de Lisboa») — Com um golo marcado no campo adversário e a derrota tangencial por 1-2, o Vitória de Setubal mantém intactas as suas possibilidades de eliminar o Anderlecht no Bonfim, passando á eliminatória seguinte da Taça Europeia das Feiras.

Aliás, não é apenas o resultado final que permite um prognóstico favorável á equipa setubalense neste confronto com os belgas, mas também — e sobretudo — a recordação fresca de quanto se passou ontem, a partir das 20 horas, num Park Astrid meio vazio de publico e cheio de violência. Efectivamente, em quanto respeita a futebol, temos visto. O Vitória, passados os primeiros momentos de natural desnorte ante o tom furioso da cavalgada belga e sofrido que foi o primeiro golo aos nove minutos (Edjersted, isolado e em velocidade), recobrou-se, ergueu-se em toda a sua estatura futebolística — e disse, para quem quis ouvir, que era, na verdade, uma equipa das maiores, em pleno estado de maturidade e com notável capacidade técnico-táctica.

Estádio Emile Versé, no Park Astrid, de Bruxelas.

Arbitro — o escocês J. Patterson.

ANDERLECHT — Barth; Heyles, Velkeneerd, Plasquie e Martens (aos 66 m Kilunga), Nordhal, Van Himst e Colasse; Edjersted, Mulder e Puis.

VITÓRIA — Torres; Rebelo, Cardoso, Mendes e Carriço; Octávio, Vagner e José Maria; Guerreiro (aos 72 m entrou Pedro), Vitor Baptista e Jacinto João.

O Vitória deu aula no Park Astrid. Aula de futebol. Furtou a bola aos belgas e brincou com ela e com eles. Repôs a igualdade aos 33 minutos (um golo soberbo de Vagner, com bom trabalho de Vítor Baptista) — e, depois, só não foi mais longe porque os homens do Anderlecht decidiram empregar argumentos proibidos em todos os campos e latitudes. Isto, porém, é um novo capítulo, com nova personagem em destaque...

José Maria, que continua a ser o melhor marcador setubalense na «Taça das Feiras» (9 golos) assinou uma boa exibição em Bruxelas

O árbitro. O escocês Patterson resolveu que estava lá para acautelar o sagrado direito segundo o qual cada um manda na sua casa. Os belgas queriam agredir os portugueses? Pois que agredissem! Claro que o futebol «virou» *catch* — e aí sim, os setubalenses tiveram que aprender e depressa, sobretudo depois de Guerreiro, aos 62 minutos, ter sofrido uma cabeçada nos queixos logo seguida, para complemento, de uma joelhada no estômago.

A meiguice foi de tal ordem que Guerreiro teve de ir ao hospital verificar a extensão dos estragos.

No mesmo momento, golo dos belgas (Mulder, livre de oposição por obstrução a Carriço, não teve problemas... e o árbitro também não). Seguiu-se a furia belga, descontrolada, constante, na tentativa de aumentarem a vantagem. Mas o Vitória não deixou.

Esperanças intactas para o jogo de 2.ª «mão». Entretanto, a comitiva sadina regressará amanhã, devendo chegar ao aeroporto da Portela cerca das 14 e 20 horas, de amanhã.

«Rallye Tap» César Torres distinção internacional

Consequência do primeiro plano atingido pelo «Rallye» TAP, no panorama automobilístico mundial, a Federação Internacional do Automóvel acaba de nomear o nosso País para uma subcomissão internacional de «rallyes», agora criada, agrupando também o Mónaco, a Suécia, o Quénia e a Grécia.

Como delegado de Portugal foi escolhido o director desportivo do «Rallye» TAP, César Torres.

O propósito da subcomissão é estudar toda a estrutura internacional de «rallyes», envolvendo já os cinco mais importantes do mundo: Monte Carlo, Nórdico, Mediterrânico, Safari e TAP.

A primeira reunião realizar-se-á em Janeiro próximo, no decurso do «Rallye» de Monte Carlo.

De conformidade com a deliberação tomada na reunião da Assembleia Geral do Benfica, suspensa na ultima sexta-feira, os respectivos trabalhos prosseguirão amanhã, pelas 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos do Estádio do clube, na Luz, pela seguinte ordem: Apreciar, discutir e votar uma proposta apresentada por um grupo de associados para: a) suspender temporáriamente todas as disposições regulamentares que permitem a apresentação de listas ao acto eleitoral para além da apresentada pela comissão a que se refere o n.º 11 do Art.º 26.º dos Estatutos; b) estabelecer as normas que regulamentarão de futuro a eleição da comissão a que se refere o n.º 11 do Art.º 26.º dos Estatutos. Apreciar, discutir e votar o Relatório da comissão para o Planeamento das Instalações nos Terrenos da Luz

ARQUIVO

PUGILISMO

■ Para o Torneio Iniciação (de pugilismo) efectuaram-se sete combates dos quais o melhor foi entre Orlando Silva (Sporting) e Manuel Bessa (Rio de Janeiro). Nos outros merecem realce a combatividade de Francisco Soares (Sporting), o poder físico de Delgadinho (União Banheirense) e o «K.O.» obtido por Orlando Jesus (R. Janeiro).

Os resultados das lutas, todas disputadas em 3 assaltos de 3 minutos foram os seguintes:

«Galos» — Albano Moreira (Alvalade) venceu aos pontos Francisco Soares (Sporting) graças á sua melhor técnica e calma; Alfredo Neves (R. Janeiro) ganhou por abandono do adversário Joaquim Belchior (Bairro Boavista), que desistiu para não ser desqualificado pelo árbitro.

«Ligeiro» — José Costa (Alvalade) soube resistir aos ataques de Manuel Caldas (Sporting), que se mostrou menos resistente, e ganhou aos pontos.

«Meio-médio ligeiro» — Orlando Silva (Sporting) após brilhante exibição bateu aos pontos o valente Manuel Bessa (R. Janeiro).

«Médios» — Julio Delgadinho (U. Banheirense), calmo e metódico, forçou José Lino (R. Janeiro) a abandonar ao 2.º assalto por o queixal não resistir já aos impactos.

«Mosca» — Loro Fartola (Estefânia) e Acácio Machado (U. Banheirense) fizeram um combate curioso que o primeiro ganhou bem.

«Meio-médio» — Orlando Jesus (R. Janeiro), derrotou por «K.O.» ao 2.º assalto Nogueira Gonçalves (Sporting).

O publico acorreu com a costumada afluência e os combates foram dirigidos por Raul Reis, Mariano Pedro, Carlos Matos e Bernardino Ladeira que, também actuaram como juizes. — *P. A.*

■ Foi retirado a Bob Foster o título de campeão mundial dos «meios-pesados», por não derrotar os pretendentes — anuncia a Associação Mundial de Pugilismo (WBA). Foster conquistou o título a 24 de Maio de 1968 e não voltou a pô-lo em jogo desde então. — *P. A.*

MAIS JOGOS DA «TAÇA DAS FEIRAS»

- Em Praga: Leeds United (Inglaterra)-Sparta de Praga (Checoslováquia), 3-2.
- Em Zagreb: Dynamo de Zagreb (Jugoslávia)-Twente D'Enschede (Holanda), 2-2.
- Em Edimburgo: Liverpool (Inglaterra)-Hibernian (Escócia), 1-0.
- Em Colónia: Colónia F. C. (Alemanha Ocidental)-Spartak (Checoslováquia), 3-0.
- Em Roterdão: Bayern de Munique (Alemanha Ocidental) - Sparta (Roterdão), 3-1.

Passam á eliminatória seguinte: Leeds, Colónia F. C. e Bayern de Munique.

HOJE, À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: C. N. O. C. A.-Atlético, ás 20 e 30; Cova da Piedade-C. I. F., ás 21 e 45; e Madre de Deus-Encarnação, ás 23, no pavilhão da Tapada da Ajuda.

ANIVERSÁRIO — Do Clube Internacional de Futebol: andebol de sete: C. I. F.-Cova da Piedade, para o regional, ás 21 e 45, na Ajuda; voleibol — Jogo entre duas equipas femininas do C. I. F., na Escola Filipa de Lencastre, ás 21 e 45.

BASQUETEBOL — Filmes sobre a modalidade, a exibir no Liceu Charles Lepierre, ás 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Sorteio da Taça Record, para juniores, na Associação de Lisboa, ás 22.

VOLEIBOL — Torneio Aberto de Seniores: Benfica-Sintrense, ás 22, no Liceu D. Pedro V.

Raguebistas sul-africanos jogam sábado em Lisboa

Já está em Lisboa a equipa de raguebi da Universidade de Stellenbosch (África do Sul) que no nosso País, no sábado, perante a selecção lisboeta, iniciará uma longa e dura campanha, que compreende vários encontros em Espanha, França e Inglaterra.

Esta formação é considerada, pela maioria dos críticos de raguebi, uma das melhores do mundo. Seis dos elementos que compõem o quinze fazem parte da selecção do seu país, os famosíssimos «springboks».

Os nossos visitantes estão no Centro de Estágio do I. N. E. F. Hoje, após um treino no relvado secundário do Estádio Nacional, seguiram para as instalações do Bridge Clube de Lisboa, onde a Embaixada da África do Sul oferece um beberete a toda a comitiva, assim como aos seleccionados lisboetas.

O CASA PIA HOMENAGEIA

O Casa Pia Atlético Clube promove no dia 14, ás 20.30, um jantar de homenagem ao seu antigo presidente Joaquim Celestino da Gama Alves.

As inscrições estão abertas até ao dia 10 na Provedoria da Casa Pia de Lisboa e na sede do clube.

TÉNIS DE MESA

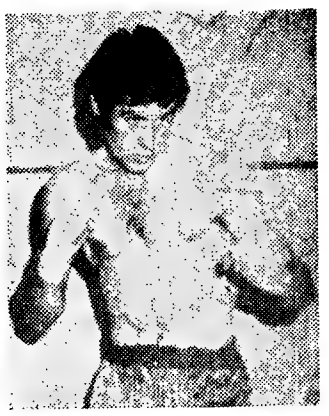
Assinalando o início da sua actividade, a Associação de Ténis de Mesa de Santarém leva a efeito, no dia 20, um torneio aberto de equipas, reservado ás colectividades do Distrito.

O NORTE DESPORTIVO

Director: Joaquim Alves Ferreira

NA EDIÇÃO DE HOJE

★ — O presidente da Académica combate a Liga Profissional e faz sensacionais declarações.
★ — Alves Teixeira escreve um artigo sobre a visita ao Norte do Subsecretrio da Juventude e Desportos.
★ — Vários jornalistas escrevem na coluna de «opinião» e abordam momentosos assuntos.
★ — Reportagem de Setubal em Bruxelas e do Benfica-Selecção da Europa.
★ — O já famoso «cara a cara» agora sobre o Belenenses-Sporting.
★ — A página de automobilismo.



É JÁ AMANHÃ, ÀS 21,45 HORAS

que todos os adeptos do pugilismo estarão no

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

(PARQUE EDUARDO VII)

NA GRANDE SESSÃO PROFISSIONAL DE PUGILISMO INTERNACIONAL

4 COMBATES LUSO-ESPANHÓIS EM 6 ASSALTOS DE 3 MINUTOS E

1 COMBATE DE AMADORES EM 3 ASSALTOS DE 3 MINUTOS

«MÉDIOS»

ARTUR FERREIRA contra FERNANDO ARNESTO

«PLUMAS»

TONY REBELO contra MANUEL JIMENEZ
FRANK REALINHO contra CRISTOBAL DIAZ

«LIGEIROS»

CARLOS ANJOS contra JUAN IGLESIAS

COMBATIVIDADE! ARDOR! EMOÇÃO! DESEJO DE TRIUNFAR!

(Maiores de 17 anos)

PREÇOS: Cadeiras de ringue: 1.ª Fila: 150$00; 2.ª a 6.ª Filas: 100$00; Restantes filas: 60$00. Balcão: 50$00. Camarotes (5 entradas): 190$00. Camarotes (3 entradas): 120$00. Senhas de camarote: 40$00. Bancada: 30$00. Geral: 25$00.

CONCILIAÇÃO EM TRÊS CONTRATOS COLECTIVOS DE TRABALHO NO ÂMBITO DA CORPORAÇÃO DO COMÉRCIO

Os representantes de vinte e sete organismos corporativos reuniram-se na Corporação do Comércio para assinarem as actas de conciliação correspondentes aos seguintes contratos colectivos de trabalho entre: os Sindicatos de todo o País dos Empregados de Escritório, e outros, e os Grémios do Cmércio de Exportação de Vinhos, Armazenistas de Vinhos e Exportadores de Vinho do Porto; o Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito do Porto e o Grémio Concelhio dos Comerciantes de Artigos de Desporto do Porto; e o Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito do Porto e o Grémio Concelhio dos Comerciantes de Materiais de Construção do Porto.

As diligências conciliatórias para a realização dos contratos mencionados decorreram no âmbito da Corporação do Comércio. Ao acto assistiram, além dos presidentes dos Grémios e Sindicatos interessados, o presidente e o vice-presidente da Corporação, e os funcionários superiores do Organismo

Falaram, o presidente e vice-presidente da Corporação, que manifestaram o seu contentamento por terem chegado a bom termo as diligências realizadas com vista ao acordo para a finalização dos contratos colectivos, o que demonstra o espírito de colaboração que reinou no decurso dos trabalhos efectuados com a presença dos empresários e trabalhadores.

Entrega de credenciais dos embaixadores da Suécia e da Áustria

O sr. Presidente da República recebeu hoje em audiências solenes, no Palácio de Belém, respectivamente, ás 11 e ás 12 horas os novos embaixadores da Suécia (Kal Fredrik Almqvist) e da Áustria (dr. Heinrich Colice) no nosso País, que lhes entregaram as cartas credenciais.

A recepção das malas de correio em Moncorvo

Em relação a uma local publicada pelo «Diário de Lisboa» em que se aludia á demora verificada em Moncorvo na recepção das malas de correio procedente do Sul, informam-nos os C.T.T. que o facto se deve ao atraso com que por vezes circulam os comboios circunstancia que nem sempre permite o enlace das ambulâncias postais.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas informa o seguinte:

«No passado dia 4, elementos inimigos vindos da República da Guiné penetraram no nosso território e atacaram Piche, tendo regressado ao território daquela República depois de serem acossados pelas nossas tropas, que sofreram um ferido ligeiro.

«No mesmo dia, o inimigo flagelou Buruntuma com armas instaladas na República da Guiné, tendo as nossas tropas replicado com fogos de morteiro e artilharia».

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compro	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 5%	—	—	502$
Consolidado 5 1/2%	—	—	612$
Centenarios 4%	—	—	440$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	000$
Externo Série	—	—	—
Externo Série 6	—	560$	—
Externo 3 Série	—	718$	720$
Externo 3 Série 6	—	710$	800$
Caixa de 1 Série	—	140$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P L 5% 56	—	545$	—
A P L 5% 58	—	545$	—
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	900$	900$	910$
C U L 6%	—	—	—
C U L 6% 68	—	905$	940$
Gás Elect 4% 48	—	840$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	820$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 58	—	—	770$
Gás Elect 5% 59	—	—	780$
Gás Elect 5% 62	—	925$	—
Gás Elect 5% 63	—	910$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	—	—	—
M E A Alentejo 5%	—	—	—
M E Cavado 5%	—	—	—
M E Cavado 6%	940$	—	950$
M E Douro 5%	730$	720$	750$
M E Douro 6%	—	—	940$
M E Norte Port 5%	—	860$	—
M E S Estreito 6%	920$	900$	930$
M E Zêzere 5% 55	—	760$	—
M E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	—	950$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	890$	—
Moçambique 5%	—	700$	720$
Nac Elect 5%	—	—	780$
Nitratos 5%	—	750$	770$
Nitratos 5% 60	—	760$	—
Petroquimica 5%	856$	855$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	910$	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2°	—	740$	—
Siderurgia 5% 3°	740$	730$	—
Siderurgia 5% 4°	—	740$	—
Sonete 5%	—	800$	—
I A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	710$	730$
U E P 5 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	87$	90$
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	—	70$	72$
U E P 5% 60	700$	700$	700$
U E P 5% 63	—	830$	850$

Ultramarinas	Efec	Compro	Vendo
Suez	—	71$	74$
Cabinda	—	205$	208$
Diamantes Angola	2.300$	2.295$	2.310$
M E Revue	—	620$	650$
Ilha do Principe	—	—	—
Moçambique	174$	174$	175$
Sonete A	—	—	—
Sonete B	412$	410$	415$
Zambézia	—	75$	80$
Diversos			
Cadia	—	6.700$	6.750$
Cim Leiria	—	4.250$	4.500$
Cim Tejo	—	7.500$	7.900$
Co Navegação	1.460$	455$	470$
C U L	—	—	600$
Inc Alianca	—	600$	—
Nac Navegação	3.550$	3.500$	3.650$
Petroquimica	—	1.500$	1.590$
Port e Colónias	—	1.300$	1.400$
Port Celulose	—	—	4.100$
Port Pesca	—	1.040$	1.090$
Port Tabacos	—	688$	693$
Sacor	—	3.800$	4.000$
Siderurgia Nac	—	2.500$	2.600$
Sodc	—	3.180$	3.200$
Tabacos de Portugal	—	—	1.650$
Tabaqueira	—	6.700$	6.800$
U L Azoto	740$	735$	740$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa A	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	400$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	410$
C P Electricidade	1.177$	1.177$	1.178$
C P Electricidade nom	1.170$	1.165$	1.170$
C P Electricidade 969	—	—	—
Elect Beiras	—	1.610$	1.640$
Gás Electr	451$	451$	452$
H E Alto Alentejo	179$	178$5	179$5
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E O	198$	190$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	—	—
F I D E S	—	122$	126$7

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel 366066/7

Teleg ALMEIRO — Telex : 147 , ALAPI P

AÇÇÕES Bancos			
Agricultura	2.275$	2.270$	2.290$
Alentejo	1.119$	1.119$	1.122$
Angola	3.580$	3.570$	3.580$
Burnay	—	—	—
Crédi Predial	—	—	—
E Santo	—	23.000$	23.400$
E Santo A	—	—	—
Fonsecas S P	—	—	—
Fomento	—	2.500$	—
L G Açores P	6.760$	6.750$	6.800$
L G Açores N	—	—	—
P Atlântico P	6.995$	6.995$	7.000$
Portugal N	—	—	3.150$
Portugal P	—	3.800$	3.900$
Totta Aliança	—	5.900$	—
Ultramarino N	3.370$	3.370$	3.380$
Ultramarino O	3.780$	3.770$	3.800$
Seguros			
Alentejo	151$	150$	152$
Douro	—	—	—
Mundial	1.080$	1.080$	1.100$
Sagres	—	1.800$	2.000$
Tranquilidade	—	57.000$	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinas			
Açucar de Angola	780$	780$	790$
Ag Cassequel	630$	625$	630$
Ag Incomati	—	1.700$	1.800$
Ag Neves	—	—	420$
Ag S Tomé e Principe	—	300$	350$
Boro	—	140$	160$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	3/12/70	9/12/70	10/12/70
GERAL	145,6	145,9	146,2
METROPOL.	139,5	139,8	140,1
ULTRAM.	190,6	190,5	190,6

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul — Rand	$4$50	$7$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
—Dollars de 1 e 2	28$20	28$70
— » de 5 a 20	28$40	28$80
— » de 50 a 1000	28$50	28$90
Argentino — Peso Novo	5$50	7$00
Austria — Schilling	$10	$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,2	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$95	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro		
Inglaterra—Libra sabe	290$00	310$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	36$00	38$00

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito

RUA DO OURO. 72 Tel. 231273

25 A 50% DE ECONOMIA...

A experiência mostra que esta redução de custos é possível, mesmo em empresas relativamente bem organizadas.

TÉCNICAS DE REDUÇÃO DE CUSTOS

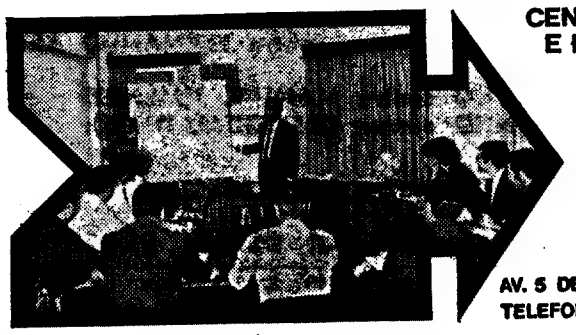
de 14 a 18 de Dezembro
9.30 - 12.30 e 17.00 - 20.00 h.

Produzir por baixo custo deve ser uma das maiores preocupações de qualquer gestor de produção.

ESTE CURSO INTERESSA A:

- Directores de Fábricas
- Directores Técnicos ou de Produção
- Chefes de Serviço de Organização
- Responsáveis pelo «Contrôle» de Gestão

O curso será orientado por JOSÉ FIGUEIREDO COSTA, Engenheiro mecânico pelo I. S. T. e Consultor em organização na construção metálica, planeamento, «contrôle» da produção e formação de pessoal



NORMA

CENTRO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA
TELEFONES 767608-767711/12

MÉDICO/A ANALISTA

ANGOLA

Precisa-se para os Serviços de Saúde de grande empresa. Proventos mensais 22 000$00, acrescidos de subsídios de família, habitação mobilada e assistência médica.

Contrato de 3 anos.

Pede-se resposta com «curriculum vitae», idade e indicação do agregado familiar, a este jornal, ao n.° 658.

CARTAZ DOS CINEMAS *

Estreia de hoje — O ESCRÓQUE — P O L I T E A M A

POLITEAMA

(M. [illegible]) Tel. 32 505

HOJE, ÀS 21.30 —— (Col.)

ESTREIA DE GARGALHADA com o famoso actor da TV britânica PATRICK MACNEE em

O ESCROQUE

UM ADMIRÁVEL FESTIVAL DE VIGARICE

HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA com Jane Fonda na electrizante comédia «DESCALÇOS NO PARQUE» (M. 17 anos)

SÃO LUIZ

(A[illegible])

Às 15.15, 18.15 e 21.30

Uma história de amor bela e selvagem..

A BALADA DO DESERTO

Um filme de Sam Peckinpah c/ Jason Robards e Stella Stevens

TECHNICOLOR

ALVALADE

(Adultos) [illegible]

Às 15.45 e 21.45

Uma história de amor bela e selvagem..

A BALADA DO DESERTO

TECHNICOLOR

Um filme de Sam Peckinpah c/ Jason Robards e Stella Stevens

VOX

(Adultos) Tel. [illegible]

Às 18.30 e 21.45

5.ª SEMANA DE SUCESSO! Michel Duchoussoy, Caroline Delier e Jean Yanne

Um dos mais extraordinários e emotivos filmes do ano!

REQUIEM PARA UM DESCONHECIDO

Obra prima em Eastmancolor de Claude Chabrol

AR CONDICIONADO

(à Av. Frei Miguel Contreiras, 4)

AVIS

(Adultos) Tel. 4[illegible]163

Às 15.30, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

A turbulência da juventude

17 ANOS CABELOS LOIROS

com Rick Shayne e Eleanora Brown

EASTMANCOLOR

TIVOLI

(M 17 anos) Tel. 50595

Às 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite

6.ª SEMANA

Sophia Loren e Marcello Mastroianni na película de Vittorio de Sica filmada na Rússia

O ÚLTIMO ADEUS

BERNA

(À Av. Marquês de Tomar)

Adultos) Tel. 776098

Às 18.30 e 21.45

8.ª SEMANA DE ÊXITO

Alain Delon e Jean Paul Belmondo no extraordinário filme em Technicolor de Jacques Deray

BORSALINO

A história de dois homens à conquista do Mundo!

ESTÚDIO

(Adultos)

Às 15.30, 18.30 e 21.45

9.ª SEMANA

CINEMA NOVO CINEMA VERDADE

O CERCO

de António da Cunha Telles com Maria Cabral e Rui de Carvalho

LIDO

(M [illegible] anos) Tel. [illegible]

ÀS 21.30

Um filme para o bom apreciador de cinema!

A COLMEIA

Realização de Carlos Saura

Interpretação de Geraldine Chaplin

CASINO ESTORIL

Às [illegible] (M. 12 anos)

A MINHA NOITE EM CASA DE MAUD

com Jean Louis Trintignant

RESTELO

(M 17 anos) Tel 610375

Às 21.30

Um dos maiores êxitos mundiais

EASY RIDER

com Peter Fonda

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

Technicolor

Christopher Lee em

PROVEM O SANGUE DE DRACULA

Prepare os seus nervos para o maior choque de sempre!

ODEON

(Adultos) Tel. 3[illegible]83

Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

EM CONTINUAÇÃO DE ESTREIA

O FAMOSO FILME RUSSO baseado no romance de L. TOLSTOI

ANA KARENINE

com Tatiana Samoilova, Vassili Lanovoi e Nicolau Gritsenko

A HISTÓRIA DE UMA PAIXÃO CONDENADA POR TODAS AS LEIS HUMANAS!

Eastmancolor

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Panavision — Colorido

DESTINO: SUCESSO

AEROPORTO

com Burt Lancaster—Jacqueline Bisset — Dean Martin — Jean Seberg — Van Heflin

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5

Às 15.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Em 1863 era [illegible] chamar-lhe

UM CLUBE SÓ PARA CAVALHEIROS

James Stewart — Henry Fonda

MUNDIAL

(Ad[illegible]) Tel. 538743

Às 18.30 e 21.45

David Hemmings, Alexandra Stewart e Richard Attenborough na movimentadíssima comédia

NEGÓCIOS EM TRÊS CONTINENTES

Fotografia em Technicolor

CHIADO TERRASSE

Às 15 e 21 (M 17 anos)

A DOCE VIDA

com Marcelo Mastroianni Anouk Aimée e Anita Ekberg

SÃO JORGE

(Adultos) Tel. 54153

Hoje, às 15.15, 18.15 e 21.30

EM 2.ª SEMANA

A endiabrada comédia

DOUTOR... CUIDADO COM ELAS!

com Leslie Philips, James Robertson Justice e Robert Morley

Amanhã, das 13 às 14.30 (M. 12 anos)

MÚSICA E CINEMA

Todos os dias programa novo. Preço 5$00. Serviço especial de bar a baixo preço

ROYAL

(Adultos) Tel. 86545

12+1 DOZE MAIS UMA

AMOR LOUCO AMOR

LIZ

(M [illegible] anos) Tel. [illegible]

Às 21.30

CHAMAM-ME MISTER TIBBS

O DIABO À SOLTA

CONDES

(M 17 anos) Tel 322523

Às 14, 16.30, 19 e 21.45

2.ª SEMANA

A violência de um corpo-a-corpo... a ternura de dois corações

O PASSAGEIRO DA CHUVA

com Charles Bronson e Marlene Jobert

ROMA

(Adultos) Tel. 727778

Às 15.30 e 21.45

2.ª SEMAHNA

UM FILME DE CHOQUE!

O PASSAGEIRO DA CHUVA

com Charles Bronson e Marlene Jobert

EASTMANCOLOR

IMPERIAL

Às 21 horas

O GRANDE SILÊNCIO

VIAGEM FANTÁSTICA

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131

Às 15.15 e 21.30

MAIS ESCURO QUE AMBAR

com Rod Taylor e Susy Kandal

QUINZENA «AMOR»

Amanhã — Adultos — 18.30 h.

AMAR UM DESCONHECIDO de Robert Mulligan com Natalie Wood e Steve Mac Queen

Dia 14: «Adeus, Ilusões» (Ad.)

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. [illegible]

Às 15.30, 18.30 e 21.45

5.ª SEMANA

ORSON WELLS realiza

O PROCESSO

com Anthony Perkins, Jeanne Moreau e Romy Schneider

LUMIAR

(Adultos) Tel. [illegible]

Às 21 horas

O DESPERTAR DO AMOR

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

COLISEU — Às 21 e 30: «Festival Mundial de Circo (6 anos)

A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Alto [illegible] com elas» (17 anos)

VASCO SANTANA — Às 21 e 45. «Lar» (17 anos)

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23: «Pimenta na língua» (17 anos).

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O inocente» (17 anos)

MONUMENTAL — Às 21 e 45: «A casa das cabras» (17 anos)

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos)

VILLARET—Às 21 e 45: «O Processo de Kafka» (17 anos).

VARIEDADES — Às 20 e 45 e às 23. «E o Zé faz tudo» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 9: «A [illegible] de Zorro» (12 anos)

JARDIM — Às 21 e 30. «Champanhe escandaloso» (17 anos)

IDEAL — Às 21: «O roubo de Pietá» (17 anos).

PARIS — Às 21. «John & Mary» (17 anos).

MOSCAVIDE—Às 21: «Mais morto do que vivo» (17 anos).

CINEARTE — Às 21: «Vida íntima de 4 mulheres» (17 anos).

ORIENTE — Às 21: «O destino marca a hora» (12 anos).

CAMPOLIDE — Às 21: «O Corsário Lafite» (12 anos)

SALÃO LISBOA — Às 19: «Espiões de helicóptero» (12 anos).

PROMOTORA — Às 21: «O vilão do Arizona» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Compromisso» (17 anos)

OEIRAS — COEIRAS-CINE — Às 21: «Uma aventura louca» e «O Ás vale mais» (12 anos).

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Dois espiões de guarda-chuva» (17 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «A minha noite em casa de Maud» (17 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Chuko» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Dois homens e um destino» (17 anos).

BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «A minha montanha» (12 anos)

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Errando pelo caminho» (17 anos).

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — «O mundo de Susie Hong» (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — «Joaquim Murieta» (17 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Safari africano» (12 anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINEMA — Às 21 e 15: «A Batalha de El Alamein» e «7 homens de ouro» (12 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A amante do perseguido» (17 anos).

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Carne da minha carne» (17 anos)

● PORTO

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «O vison voador» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Anna Karenine» (17 anos)

RIVOLI — Às 21 e 30: «Um homem de quem eu gosto» (17 anos)

COLISEU — Às 21 e 30: «Doutor, cuidado com elas!» (17 anos)

TRINDADE — Às 21 e 30: «Ciume, ciumes e aumentos» (17

BATALHA — Às 21 e 30: «Balada para um homem só» (17 anos).

ESTÚDIO — Às 21 e 30: «A felicidade» (17 anos).

ÁGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «Borsalino» (17 anos).

OLIMPIA — Às 21 e 30: «Águia Negra» (12 anos)

CARLOS ALBERTO — Às 21 h.: «Gigantes em duelo» e «O tigre perfuma-se com dinamite» (17 anos)

JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Case contigo por alegria!» (17 anos)

CINE-GAIA — Às 21 e 30: «O Senhor da Guerra» (17 anos).

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Justine» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Dezassete anos, cabelos loiros» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «O clã dos homens violentos» (17 anos).

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Guia para um homem voluvel» (17 anos)

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

ALCÂNTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (63 635)

ALFAMA — Nacional, R. de S. João da Praça 26 (863632)

ALVALADE — Cartaxo, Avenida da Igreja, 2-C (776358 * Brisália, Av. Rio de Janeiro 66-A (722368)

ANJOS — Matos, R. Álvaro Coutinho [illegible] (40471)

AREEIRO — Avis, Av. de Roma 56-B-C (7 5370) * João XXI, Av. João XXI 6-A (726462 * Nova Lisboa, Rua Guilhermino Suggia [illegible] 2772

AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Salitre 46858

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. 5 de Outubro 47-A (763 07 * Avenidas, Av. da República 27-A (533688 * Império, Lda., R. Filipe Folque 40-A e 40-B 48002) * Ducal, Av. Duque de Loulé 2 (48946) * Palma, Av. Duque de Ávila 25-3 (47088

BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, Rua Ângelo Pinto 32 (49756)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascense R. 27, n.º 4 (3 2 6

BAIXA — Barral, R. Augusta 225 (36 534/5)

BELÉM — Remísio, R. dos Jerónimos, 4-C (63 699)

BENFICA — Lisboa, Rua [illegible] Nunes [illegible] (703393) * Sousa, Est. de Benfica 429-43 (780027)

CAMÕES — Modelar, L. Dr. António de Sousa Macedo 1-A 678896 * Véritas, R. da Misericórdia 34 324554 32756374

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria 28-A (688857 * Ourique, Rua Freitas Gazul 32-B (67 661)

CAMPOLIDE — Lab., R. Rodrigo da Fonseca [illegible] * Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (6 Rua das Amoreiras (680627

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves Costa 33-35 (780 8

ENTRECAMPOS — Galena, Aven. Óscar Monteiro Torres, 38-A (774920)

ESTEFÂNIA — Estefânia, Rua Pascoal de Melo, 90 (44438

ESTRELA — Janeiro, Avenida Álvares Cabral, 100 (66 453

GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867842 * Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 3 (86435) * St. António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (88233

JANELAS VERDES — Carrasco, R. Presidente Arriaga, 39 (667460.

LUMIAR — Alameda, A. das Linhas de Torres, 20[illegible] (790942 * S. Tomé [illegible] do Desvio, lote 2-C 790704.

MADRAGOA — S. Nunes Simões Suc., R. do Quelhas (66 275)

OLIVAIS — Olivais, Rua Alves Gouveia 9 (3 237) * Nova dos Olivais, R. E, Lote 469 Olivais Sul) (3 6402.

PALHAVÃ — Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (764 96-764629)

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, [illegible]-A (8425 8

PICHELEIRA — Luzmar, Rua João do Nascimento Costa 6-A (728395-720703

REGO — Universitária, R. Alfredo Roque Gameiro, 29-(Hospital de Santa Maria) (778953

S. AMARO — Sepal, Calç. da Boa Hora 94-A (63 958) * Teles, R. João de Barros, [illegible] 638249

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 65 (38 85) * Oriente, Rua Lopes 20 84358

MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide 22 (25 85 8)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, [illegible] Ernesto Silva 8 (T 212048)

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, [illegible]-A (Tel 242839

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrões [illegible]opes [illegible] (Tel. 43.039

OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058

PAREDE — Macau — R. [illegible] (Tel. 2471785)

ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (Telefone 261186)

MONTE ESTORIL — Costa, Av. Saboia 29-B (Telefone 260085

CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 4 (Tel. 280 4 * Cascais, R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (T. 281044)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, Praceta 28 de Maio 3 (Tel. 9355 8 * Carmelo, Rua Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933305 * Helénica, R. Elias Garcia 2 (9336 3) * S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Tel 938703

DAMAIA — Lemos, R. de São [illegible] (T. 97 21

QUELUZ — André, Av. Elias Garcia 5 (Tel. 950043 * Queluz, Av. Miguel Bombarda, 23-A (Tel. 95 841)

CACÉM — Central — R. Elias Garcia 5[illegible] (Telefone 2940034

MEM MARTINS — Guimis, Est. Mem Martins, 285 (T. 29 00 [illegible]

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (T. 980456)

SINTRA — Marrazes, L. Afonso de Albuquerque (T. 980058

COLARES — Colares, Abrelo (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234 37)

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Te. 224020) 8 (Tel 224250)

ALMADA — Macedo Henriques — R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Te. 27 297

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 22[illegible]-B (Telef. 224 4

BARREIRO — Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 2 (Tel 2273434).

COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal (Tel 274365)

MOITA — Silva Rocha, P. da República 6 (Telef. 239029

MONTIJO — Moderna, R. Bulhão Pato 60 (Telef. 230 56)

SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Te. 22047

SETÚBAL — Normal de Set., [illegible] do Bocage (Telef. 222 6

SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho 38 (Telefone 22 8560)

● PORTO

Alves, Praça Exército Libertador 6[illegible] (Te. 60002) * Alves Moreira, Av. Rod. de Freitas 6[illegible] (Te. 5889) * Antiga Porta do Olival, Campo dos Mártires da Pátria 24 (Te. 24264) * Avenida, Aven. da Boavista [illegible] (Te. 6034) * Barros, R. do Bonjardim, 29[illegible] (T. 47034 * Batalha, Praça da Batalha [illegible] Tel 29524) * Boa hora, R. da Boa Hora 80 (Te. 28783) * Campos, Pr. da República 3 (Te. 2506 * Couto, L. de S. Domingos 06 (Te. 2596) * Estácio, R. Sá da Bandeira [illegible] Tel. 22664 * Meneses de Lima, Pr. D. Pedro I Pereira 221 (Te. Vitória 123 (Te. 490427) * Silva Pereira, R. Costa Cabral 293.

Paiva — Praça do Comércio (Te. 2323 * Silva Marques * Rua da Sofia (Te. 23067) * Sitélia, Largo [illegible] Velho Tel. 23234) * Dias Ferreira — Rua do Brasil (Te. 26046).

● COIMBRA

Neves Morgado — Rua da Moeda (tel. 23738) * Rodrigues da Silva — Rua Ferreira Borges (t. 24348) * São José — Arcos do Jardim (tel. 24697)

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

NÃO É UM CONCURSO

(Continuação da 1.ª página)

O que é um leitor habitual dum jornal.

O leitor habitual dum jornal é aquele que o compra «habitualmente», ainda que não seja todos os dias.

Porquê? Porque há sempre um dia em que, por isto ou por aquilo, se não apanha o jornal. O leitor «habitual» do «Diário de Lisboa» é aquele que se «habituou» à informação objectiva, clara e concisa, que este jornal se orgulha de prestar aos seus leitores. O leitor habitual do «Diário de Lisboa» é sobretudo, aquele que se «habituou» ao tipo de comentário crítico, independente e factual que torna este jornal inconfundível. No que se refere à identificação do que é ou não é um leitor deste jornal para efeito das iniciativas que ele leva a cabo é necessário, como é evidente, optar por um processo que, apesar de todos os esforços se reveste de características burocráticas, na medida em que o leitor do «Diário de Lisboa» terá de se identificar.

Fez-se tudo quanto foi possível para simplificar este processo de identificação que julgamos ter sido reduzido aos termos mais simples e fáceis.

Para se habilitarem aos magníficos prémios instituídos, os leitores do «Diário de Lisboa» apenas terão de dar a conhecer o seu nome e morada, bem como a provar, quando lhes for pedido, que lêem habitualmente este jornal. Dir-se-á que nada é mais simples, mas é, efectivamente tudo o que se torna necessário para que um leitor deste jornal fique habilitado aos prémios instituídos para esta primeira fase das celebrações do cinquentenário do «Diário de Lisboa» e aos prémios e benefícios instituídos para as restantes fases dessas celebrações.

Amanhã, esclareceremos os interessados acerca do que devem fazer para este efeito, na certeza de que esta iniciativa vai agradar a todos quantos permitiram que, ao longo de cinquenta anos, este jornal se transformasse naquilo que hoje é e representa na vida portuguesa.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, o vento era em geral fraco e chovia ou caíam aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 18°,4; mínima: Penhas da Saúde, —5°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 8°; Faro, 10°; Funchal, 14°; Lisboa, 6°; Portalegre, 5°; Porto, 7°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 8°; na água do mar: 14°,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Amanhã
Nascer ás 8 e 44
Ocaso ás 18 e 15

Céu muito nublado, vento moderado dos quadrantes de Sul, podendo soprar forte nas regiões do Norte, períodos de chuva ou aguaceiros, possibilidade de trovoadas em especial nas regiões do Norte e Centro.

Dia 12 Dia 20 Dia 28 Dia 6

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 1 e 50 (3,8 m); 14 e 17 (3,8 m). **Dia 11** — 2 e 42 (3,9 m); 15 e 11 (3,9 m). **Dia 12** — 3 e 30 (4,0 m); 15 e 57 (3,9 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 7 e 47 (1,2 m); 20 e 1 (1,1 m). **Dia 11** — 8 e 39 (1,0 m); 20 e 57 (1,1 m). **Dia 12** — 9 e 22 (0,9 m); 21 e 39 (1,0 m).

ESTATUTOS DO CENTRO ALVES REDOL

VILA FRANCA DE XIRA 10. — É hoje, ás 21 e 30, que se realiza nesta vila, no salão de festas da Casa do Povo, a anunciada reunião em que a Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol vai comunicar ao público o trabalho que tem desenvolvido, bem como os objectivos ao criar a instituição.

Destina-se a mesma reunião á leitura e apreciação do projecto de estatutos, que é já o resultado das críticas e sugestões vindas das várias pessoas que a comissão tem contactado em todo o País.

VAI CONTINUAR O FRIO

«VALORES ABAIXO DAS TEMPERATURAS NORMAIS DA ÉPOCA»

Eis o que nos indica o último Boletim Meteorológico. o que, estando-se pràticamente no Inverno não será de estranhar.

O que não será natural é suportar-se o frio em nossas casas, quando hoje existem, felizmente, meios eficazes de o vencer.

Neste aspecto, o Convector eléctrico EFACEC-4M tem estado a obter grande sucesso como vencedor do frio, levando o calor e o conforto a grande número de lares nestes dias, enregelados.

O seu lar também pode ficar quente e confortável, faça o tempo que fizer com os Convectores eléctricos EFACEC-4M. E o das pessoas amigas a quem costuma presentear no Natal também poderá ter esse conforto se oferecer Convectores EFACEC-4M, os grandes vencedores do frio, neste Inverno de 1970/71.

Nevão na Guarda prejudica o trânsito

GUARDA, 10 — Esta cidade amanheceu hoje coberta por um grande nevão. Nas ruas, a camada de neve atingia, ao princípio da manhã, cerca de 25 centímetros. O frio é intenso, embora a temperatura (negativa) esteja próxima das médias normais nesta altura do ano.

Durante grande parte da noite, nevou intensamente em toda esta região, mas ao fim da madrugada deixara de nevar. No entanto, tudo indica que volte a cair mais neve ainda hoje.

Entretanto, o trânsito começa a fazer-se com dificuldade em algumas estradas, nomeadamente nas estradas Guarda-Covilhã e Guarda-Gouveia, mas ainda não se registou qualquer acidente grave.

TEMPORAL NO PORTO

PORTO, 10 — O mau tempo fustiga a cidade e os arredores. Copiosa chuva e vento, que ás 7 horas da manhã, atingiu a velocidade de 122 quilómetros horários, rumo nordeste.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SAIU HOJE
motor

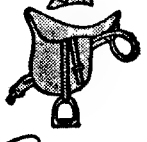
NESTE NÚMERO:

- ICKX: «PARA O ANO SEREI CAMPEÃO DO MUNDO» (Entrevista de João Carlos Matoso)
- O «RACING CAR SHOW» DE BRUXELAS (Reportagem de J. C. Matoso)
- A ARMADA GULF-PORSCHE 1971
- UMA CAMPANHA DE ILUMINAÇÃO (Eng. Farinas de Almeida)
- PÁGINA DE KARTING (Herlander Garcia)
- MOTOCROSS: CONSAGRAÇÃO - 70 (Reportagem de Maria do Céu)
- PÁGINA DE AVIAÇÃO (Alves Saraiva)
- CONCURSO: ESTILISMO - 70
- NENÉ: 7.º NO BRASIL
- NOTICIÁRIO E AS HABITUAIS SECÇÕES

EM «MOTOR-ENSAIO»
VAUXHALL VX 4/90
(Philippe Toussaint)

SUPLEMENTO ESPECIAL
O «NACIONAL DE INICIADOS»

28 PÁGINAS PREÇO: 2$50



Convite

Venha, de 10 a 16 de Dezembro, à PERFUMARIA FÁTIMA, na Av. Barbosa du Bocage, n.º 120 - B. Espero-o todas as tardes, e ao Sábado durante todo o dia. Nem você sabe quanto é importante o que tenho para lhe dizer. Venha... até ao dia 16 de Dezembro.

Na PERFUMARIA FÁTIMA, há também uma prenda para si. Uma prenda que ENGLISH LEATHER lhe oferece.

Se não puder vir, peça-lhe... a ela, que venha.

Miss English Leather

Lisandra ELECTRODOMESTICOS, LDA.

NÃO SOMOS A MELHOR CASA, MAS **PROCURAMOS** SER DAS MELHORES.

Pomos ao dispor dos nossos Ex.mos Clientes os **25** anos de experiência dos sócios gerentes **JOÃO LOURENÇO** e **JOÃO PEIXOTO.**

SELECCIONAMOS qualidade e continuidade.

RUA ANDRADE, 55 (Junto ao cinema Liz)

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA

ALUGAM-SE
Estabelecimentos

VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova de Almada, 99 — LISBOA

SASTRE

SUPLEMENTO LITERÁRIO

641 ■ 10 DE DEZEMBRO ■ 1970

ALFONSO SASTRE, dramaturgo, romancista, ensaista, nasceu em Madrid em 1926. É licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de Madrid. Foi um dos organizadores do Teatro Universitário e fundou dois movimentos teatrais. Exerceu a crítica teatral em várias revistas, nomeadamente na «Primer Acto». Estão traduzidas para português as suas peças «Esquadra para a morte», «A Mordaça», «O Corvo» (ed. Divulgação), «Ana Kleiber», «Morte no bairro» (ed. Presença) e «Guilherme Tell tem os olhos tristes» (ed. Prelo).

Personalidade dominante na moderna dramaturgia espanhola, espírito interveniente e «indisciplinador», trabalhador infatigável e corajosamente incómodo, Sastre afasta-se do culturalismo pequeno-burguês, dos seus mitos e dos seus equívocos (que ele denuncia com raro vigor e implacável lucidez), para se entregar a um trabalho que, como nos diz na entrevista concedida a Luís de Sttau Monteiro, «tem em conta a realidade social tal como é». A sua obra «La Revolución y la Crítica de la Cultura», publicada este ano, tem provocado acalorada polémica em Espanha, tal a audácia das suas proposições. Por isso ele é hoje o homem em foco.

Para um «Teatro Selvagem»

por Luís de Sttau Monteiro

— Afirma-se que se o teatro parasse inteiramente numa cidade, a vida desta não seria afectada e poucos sentiriam a sua falta. Afirma-se, por outras palavros, que o teatro perdeu a sua força de impacto e que já não desempenha uma função util nas sociedades modernas. Que pensa desta afirmação?

A. S. — O teatro, nas suas formas convencionais, não tem, é certo, «força de

impacto». (Teve-a alguma vez? É coisa discutível). Haveria que fazer um «teatro selvagem» e não sei se então... (Sobre isto do «teatro selvagem» fiz uma conferência em San Sebastian que foi publicada no ultimo numero de «Primer Acto»).

— Depois de afirmar que o teatro Isabelino — nomeadamente o de Shakespeare — atingira a sua relevancia social máxima por falar aos mais diversos extractos sociais do seu tempo, Peter Brook declarou que um dos métodos de trabalho do novo «Centre International de Recherches Théatrales» consistiria na apresentação da mesma peça, embora com diferentes técnicas e «nuances» de representação, em diversos locais e a horas diferentes, aos diferentes extractos sociais de uma colectividade. Atendendo a que a característica do teatro Isabelino era precisamente a heterogeneidade da «sala» (todos viam o mesmo espectáculo, ao mesmo tempo, na mesma sala) perguntamos se esta procura de Brook não vai apenas contribuir para que se agrave ainda mais a situação do teatro. Queremos saber, por outras palavras, se o conceito em que assenta esta nova experiência subsidiada por diversas fundações tem, em seu entender, qualquer interesse para a evolução do teatro

A. S. — Uma «heterogeneidade» na sala, no caso de se produzir (e é o que pretendem os chamados «teatros populares»), é uma ilusão de colectividade ou de «comunhão», como antes diziam os retóricos (ou teólogos) do teatro. Eu prefiro outro tipo de trabalho: o que tem em conta a realidade social tal como é, condição «sine qua non» da sua transformação revolucionária. Oh, o utopismo dos «teatros populares»!

— Atendendo a que o espectáculo foi evoluindo, no decorrer da história, de forma a servir colectividades em evolução socioeconómica e que entrou em «crise» sempre que se não adaptou a essa evolução para se restabelecer mal se adaptou ao estágio seguinte da evolução social, perguntamos se entende que a presente crise se deve atribuir a problemas de ordem formal ou problemas de ordem temática. Queremos saber, por outras palavras, se entende que vale a pena proceder a experiências sistemáticas e cientificas de natureza formal, quando é evidente que a crise do teatro se deve atribuir á falta de uma temática que interesse ao homem de hoje.

A. S. — Ordem formal, ordem temática... Não, as raízes da crise estão no plano social, na crise (revolucionária) que vivemos. Não sabemos o que fazer no teatro na medida em que não saibamos o que fazer na vida, na existência social. A prática social projecta luz — pelo menos, alguma luz — sobre os temas e as formas próprias de um teatro de hoje. O que acontece é que o teatro não se pode pensar nem fazer *a partir do teatro:* é vivendo a realidade a partir do teatro que surgem esses pseudo-problemas: que temas escolher?, que técnicas empregar?

— Atendendo a que o público que frequenta actualmente o teatro é um público perfeitamente específico e determinado, a procura de novas formas que o satisfaçam não irá apenas contribuir para que se prolongue uma crise que será resolvida naturalmente á medida que esse público for sendo substituido por outro?

A. S. — O actual cliente do teatro vai desaparecer do teatro e de muitos outros sítios. Entretanto, agridamo-lo na medida do possível (muito embora saibamos que ele gosta disso) e tentemos um trabalho extra-muros do actual edifício teatral: um «teatro selvagem». O que se fizer naquele plano poderá talvez ter a aparência de experimental — novas formas, etc., para um público «selecto» — mas a verdadeira experimentação para o futuro desenvolver-se-á neste outro plano: o teatro não

Cont. na pág. 7

Pequena conversa

por Manuel Alberto Valente

PASSÁMOS POR MADRID como gato por brasas: uma manhã de voltas e de compras, uma tarde em casa de Alfonso Sastre e uma noite procurando (em vão) um cinemazinho de subúrbio onde davam nesse dia o «António das Mortes». Gorado o filme de Glauber Rocha e postas de parte as deambulações mercantis, ficou-nos o gosto breve da bela capital de Espanha e o encontro simpático e exemplar com o autor de «Ana Kleiber» e com sua mulher.

Alfonso Sastre: um homem em foco

— A última obra que estreei foi «Oficio de Tinieblas», em 1967. A partir daí não deixei de fazer teatro, como tradutor («Marat/Sade», de Weiss, «La Putain Respectueuse» e «Huis-Clos», de Sartre, «Rosas Vermelhas para mim», de Sean O'Casey), mas os meus próprios textos — e já escrevi, desde então, cinco peças! — não puderam ser levados ao público. Em compensação, no estrangeiro têm-se publicado bastantes traduções das minhas obras ...Aqui há dias, por exemplo, deram «O Corvo» na Televisão italiana.

Converso com Sastre no seu apartamento de Calle Virgen de Nuria. Nas estantes, que cobrem quase todas as paredes, alinham-se milhares de livros — e entre eles descubro alguns de poetas e romancistas portugueses. Mais tarde, pensando nisso, pedir-lhe-ei a sua opinião sobre o estado actual das relações entre os escritores dos dois países e do conhecimento da nossa literatura em Espanha. Sastre dir-me-á:

— Felizmente, os escritores portugueses e espanhóis já se conhecem melhor do que há alguns anos atrás, e há entre eles contactos e relações amistosas... Mas para aqueles de nós que vivem em Madrid continua a fazer-se sentir, não sei porquê, a nossa condição «mesetária», e ignoramos muita coisa do que se escreve nas restantes linguas peninsulares. E não só em Portugal. Em relação à Catalunha passa-se quase a mesma coisa...

Agora pergunto-lhe:

— Em 1967, nos «Cuadernos para el Dialogo», você enumerou «veintitrés dificultades para ser un autor teatral inconformista». Três anos depois, acha que a situação é idêntica ou terá havido qualquer modificação?

Sorri, por detrás das longas barbas que lhe co-

Cont. na pág. 2

Pequena conversa com Alfonso Sastre

Cont. da pág. 1

brem o rosto, e respondeu-me polèmicamente:

— *A única modificação foi para pior, porque agora a todas essas dificuldades, que continuam, é necessário acrescentar o facto de os grupos inconformistas adoptarem geralmente no teatro posições «anti-escritor».*

— Como caracterizaria neste momento a situação do teatro espanhol? Li algures, num jornal vosso, que Madrid seria a capital do teatro comercial e Barcelona a capital do teatro «sério» e de vanguarda. Está de acordo com esta divisão, que me parece um tanto ou quanto simplista?

— *Não, não estou de acordo, é efectivamente uma divisão bastante simplista. A diferença entre Madrid e Barcelona — únicas cidades onde há teatros permanentes — é mais quantitativa que* outra coisa: em Madrid *há mais salas, fazendo precisamente o mesmo tipo de teatro que se faz normalmente em Barcelona; e isso é tudo. Claro que em Barcelona há também o teatro de língua catalã, mas é um fenómeno muito reduzido se falarmos realmente de vanguarda. E o teatro catalão comercial, esse é de tão baixa qualidade como o seu congénere castelhano... Enfim, como vês, o panorama não é propício a grandes optimismos. A situação geral poderia definir-se, neste momento, como um «impasse».*

«Impasse»... Um «impasse» que dura há longos anos e cujas raízes mais profundas se devem procurar, como é evidente, fora do campo estritamente teatral. Um «impasse» contra o qual Sastre tem lutado enèrgicamente, desde que em 1946 (tinha então 20 anos) fundou com Alfonso Paso e José Maria de Quinto, entre outros, o grupo experimental «Arte Nuevo». A partir daí, o seu nome tem estado ligado aos mais importantes acontecimentos da vida teatral espanhola — como, por exemplo, o «Grupo de Teatro Realista» dos fins de 1960 — e a sua obra, quer a dramática, quer a ensaística, tem sido o espelho fiel de uma vontade de transformação e de progresso.

Peças-testemunho chamou Luís Francisco Rebelo às de Sastre, afirmando ainda que «no panorama do teatro espanhol posterior à guerra civil — depois que a morte e o exílio emudeceram ou afastaram as vozes de Lorca e de Unamuno, de Valle-Inclán ou de Alberti, gravemente premonitórias da tragédia sangrenta que iria abater-se sobre a sua pátria — os dramas de Alfonso Sastre, paralelamente aos de António Buero Vallejo, assumem com dolorosa e exemplar acuidade a consciência trágica dos conturbados tempos que historìcamente lhes coube viver» (1). O seu teatro tem sido, efectivamente, uma implacável denúncia das contradições inerentes à estrutura social espanhola (e não só) e um apelo fraterno e corajoso ao movimento emancipador em cujas telas o futuro se constrói. Ainda há pouco mais de um mês, na página de Letras do «Informaciones» (2), Rafael Conte escrevia que Alfonso Sastre era hoje, sem dúvida, o maior dramaturgo político de Espanha. Mas apesar disso (ou por isso mesmo), da sua vasta produção teatral (quase integralmente recolhida no 1.º volume das Obras Completas do escritor, em curso de publicação pela Editorial Aguilar, de Madrid) uma grande parte não pôde cumprir, sobre os palcos do país vizinho, a missão última para que fora criada.

Sastre, porém, não desiste. Ligado ao teatro por amor e por escolha consciente de uma trincheira de combate, a sua voz continua a fazer-se ouvir e a levantar apaixonadas discussões. «Drama y Sociedad» (1956) e «Anatomia del Realismo» (1965) foram livros vigorosos, onde se desenhou coerentemente um sistema estético e ideológico concretizado nas obras do autor. «La Revolución y La Crítica de La Cultura» (3), publicado este ano e, ao que nos consta, a ser traduzido presentemente para português, é a continuação dessa tarefa de esclarecimento e desmistificação a que o autor de «Guilherme Tell tem os olhos tristes» se tem

permanentemente dedicado. A grande polémica a que deu origem (4), e cujos ecos ainda não cessaram, é a prova irrefutável de que Alfonso Sastre continua a ocupar, de pleno direito, a primeira linha da vida teatral de Espanha.

★

A tarde desce lentamente enquanto conversamos. Pela rádio chegam-nos notícias de uma greve da construção civil. Eva serve-nos café e conta-nos pormenores da sua estadia em Cuba. Sem querer, esqueço-me de anotar muita coisa.

Agora, recordo-me que, quase no fim, falando nós da controvertida antologia de Castellet sobre a novíssima poesia (5), Sastre me disse:

— *A poesia daqueles a quem Castellet chamou «novíssimos» parece-me vã e superficial; é uma pena...*

Perguntei-lhe então qual a razão por que, sendo também poeta, jamais publicara um livro de poesia. Foram as suas últimas palavras antes da despedida:

— *Tenho um livro (inédito) que se intitula «Documentos Secretos». Escrevi-o ao longo de toda a minha vida e contém coisas íntimas que não me decido a publicar. Mas talvez publique uma selecção de alguns poemas, que se chamará seguramente «El Español al alcance de todos»...*

Disse-nos adeus da varanda de sua casa e pediu-nos que déssemos um abraço a todos os seus amigos portugueses. Abraço que aqui se transmite, com os respeitosos cumprimentos do

MANUEL ALBERTO VALENTE

(1) Em «Introdução a uma leitura de Alfonso Sastre», prefácio à edição de três peças do Autor (*Esquadra para a Morte*, *A Mordaça* e *O Corvo*), traduzidas por Egito Gonçalves e distribuídas pela Livraria Divulgação, do Porto.

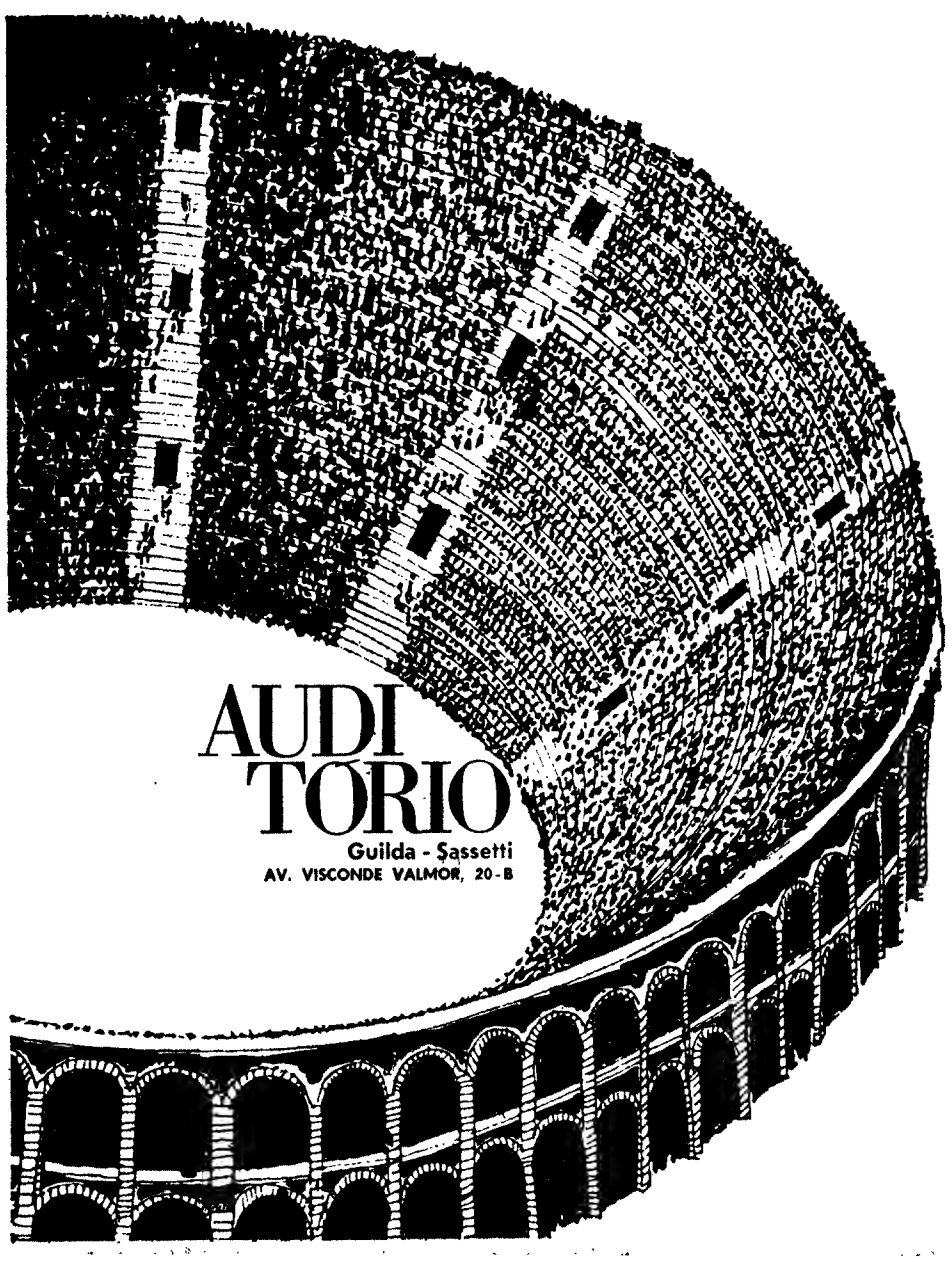
(2) «Crítica Secreta y Crítica Pública: Las Cuatro Mordazas de Alfonso Sastre», por Rafael Conte. «Informaciones», de 24 de Setembro de 1970.

(3) Colección «Nuevo Norte», n.º 1, Ediciones Grijalbo, Barcelona.

(4) Aponte-se a título de exemplo, além do texto de Rafael Conte citado em nota anterior, os artigos de Trías e Carandell aparecidos na «Triunfo» (a que Sastre respondeu no número de 19 de Setembro), e ainda: «Sastre, objeto de polémica», de Pablo Corbalán («El Noticiero Universal», 19-8-70), «Sastre contra los *progresistas*, los *progresistas* contra Sastre», de P. C. («Informaciones», 20-8-70) e «Las Superaciones», de Jordi García-Soler («La Vanguardia», 23-8-70).

(5) «Nueve Novísimos», José Maria Castellet, Barral Editores, Barcelona, 1970.

espiral



AUDITÓRIO
Guilda - Sassetti
AV. VISCONDE VALMOR, 20-B

Uma oficina de cultura viva para conviver melhor em música.
O único local para uma livre intimidade com a criação através de audições, ensaios, experiências e colóquios.
Uma porta aberta ao público e aos artistas que forjam o futuro da música em Portugal.

GUILDA-SASSETTI

A música é o nosso ofício.

in memoriam

(Continuação)

As folhas, as do asfalto, nomeei, disse *são os símbolos, este (estas) o real;* não há no chão, um chão perene, nem árvores calcinadas (*) por tempos (todo o tempo); o protagonista monóloga, na mesma posição, ou uma abertura, neste caso outra janela do edifício apalaçado e simultâneamente intransponível como fortim, muralhado para o exterior, o seu próprio: os dados mais subtis são os de pedras, se crescerem visìvelmente, sem desmesura. Podem ser mais pequenas do que as hastes próximas de ervas, mas mostrarem a sua mutação, grão a grão, de areia, argila, ou outra qualquer matéria que as aumente. É, evidentemente uma mudança imperceptível. Esse o imutável que se (o eu que discorre ou discursa) sabe ser a face do continuamente mutável, mudado. Daí, deslocando-se, passa pelo genuflectório, ara de pedra, detrás da figura ajoelhada. Evoca a pedra, esses sinais: ara (desdenharia a luz subtil das velas, a aura em redor da cabeça da vítima), recorda a sabedoria, que no momento anterior fora a de uma pedra, pensada; retém, já um punhal a reflectir as chamas, próximo do suposto lugar anatómico do coração desse homem ou figura genuflectida, o primeiro gesto (do punhal). Ainda pensa (apenas) a palavra assassínio: imagem do homem-curvo defronte, o seu dorso aureolado; hiatos da luz, a forma própria de brilhar de velas; espáduas sòmente (a cabeça omissa, vergada) entre um par de cirios que; corpo ou silhueta maciça, disforme ou informe na penumbra, movimento de chamas; clarões intermitentes

sobre este contorno, que já não figuro sendo o de homem genuflectido, mas sim zona opaca. Prossigo (prossegue), caminha em direcção ao átrio.

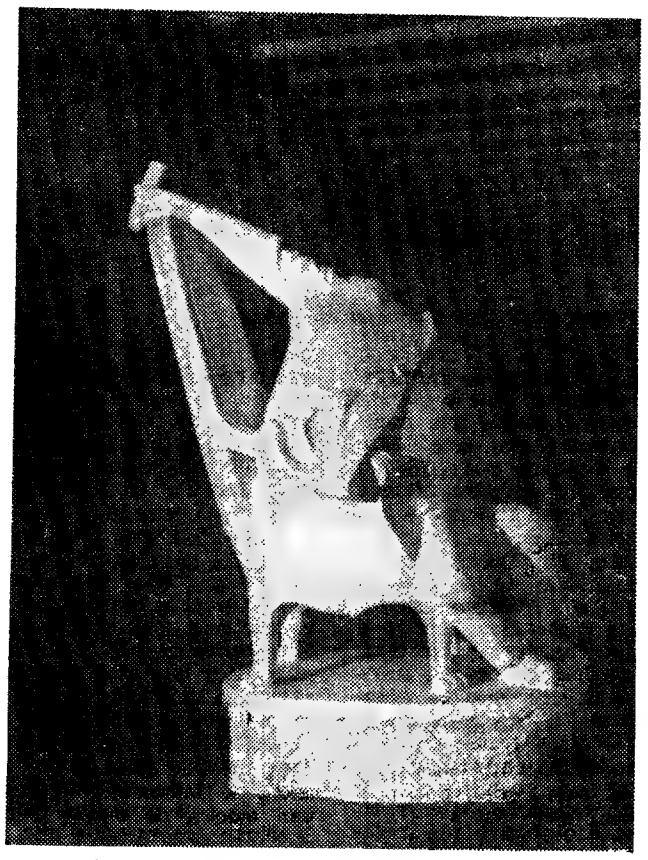
(*) Notar que até agora a meteorologia tem sido a de meses de Verão: ausência de águas correntes em terrenos, porém cintilações marinhas, secura nas mil ou mais bocas do exército sitiante e também da guarnição.

Fiama Hasse Pais Brandão

por Rocha de Sousa

VIRGÍLIO DOMINGUES
Gal. Judite Dacruz

VIRGÍLIO DOMINGUES tinha realizado uma exposição individual em 1967, na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Agora, em 1970, traz para uma outra proposta desse tipo qualquer coisa de muito particular, que, não só ilumina o projecto confuso e emotivo de há três anos, como nos referencia um temperamento pouco vulgar entre nós e uma escultura fortemente assumida no empenho ao mesmo tempo expressionista e satírico das suas coordenadas.



Virgílio Domingues: iluminação do projecto confuso e emotivo de há três anos

NOTA SOBRE UM ITINERÁRIO

A ESCULTURA apresentada por Virgílio Domingues em 1967, para além do seu **rigor atormentado** e do espectáculo da sua oficina, procurava directa ou indirectamente uma certa exacerbação do conteudo. A via pela qual se formulava essa procura assentava quase sempre em dados muito convencionais: a presença da mão fazia-se sentir á superficie da matéria e as formas aconteciam agitadas de fora para dentro, acusando distorções simultaneamente deliberadas e instintivas que resolviam um espectáculo de tonalidade expressionista nas suas implicações imediatas. Era evidente a sinceridade do artista nesse jogo ao mesmo tempo sensual e meditado que produzia a forma. A estridência dos elementos plásticos, no entanto, devia-se sobretudo a uma viagem superficial pela natureza dos assuntos, enquadrando literáriamente o sentido dramático dos temas. A mão apropriava-se do material segundo os princípios de uma modelagem rebuscada, de acentuação adjectivante, produzindo um discurso que acusava mais virtualidades retóricas do que verdadeiras tensões plásticas de sinal profundo. Em certa medida, o exercício visual era estimulado por simplificações de acentuação, pela sistemática dilatação dos elementos expressivos da forma, mas o sentido geral dessas operações resultava quase sempre grosseiro na leitura final. Essa leitura, com efeito, tinha de conformar-se á extracção de conclusões de teor anedótico, na imediatidade dos dados propostos pela escultura representativa de Virgilio Domingues. Aí se reconhecia efectivamente uma qualidade artesanal assumida com visível emoção, mas incapaz de se reduzir aos gestos essenciais que decidem o espirito profundo das formas, a sua densidade interior, a sua verdade inexplicável. «Em arte, aquilo que verdadeiramente conta é o que não se explica», disse Braque. A escultura de Virgilio Domingues em 1967 **explicava-se** por dentro e por fora, ligada á **história**, áquilo que narrava, a uma exacerbação literária dos conteudos no acento temático. Ora isso só é possivel fazer-se e assumir-se através de uma forma muito particular, cuja intencionalidade plástica inequivocamente absorva o conteúdo. As formas não se destinam a servir um assunto, justificando-se por ele no conteudo desencadeado. As formas têm uma vida própria e são o próprio conteudo.

UMA VOZ NA MARGEM

Com a exposição recentemente realizada na Galeria Judite Dacruz, Virgilio Domingues dá-nos conta de uma evolução bastante curiosa: fazendo uma escultura muito pessoal, ele como que acentuou a **história** sem incorrer nos mesmos erros anteriores. De facto isto só foi possível por duas razões: a clara maturação de um estilo e o encontro de uma forma capaz de conter as implicações longamente perseguidas pelo escultor.

Mantendo a sua filiação na memória expressionista, o apelo pela metamorfose e pelas distorções significantes, Virgílio Domingues empenha-se de novo na exacerbação do conteúdo pelo recurso a sucessivas acentuações e transposições da forma real. Mas esse exercício não é agora exterior a um sentido global da peça, ao seu **tom**. A representação não inclui apenas uma agitação de superfície: toda ela se formula numa síntese por vezes metafórica, onde a memória desempenha um papel importante. A memória de um programa experimentado e a memória de um mundo segregado ao quotidiano, às figuras grotescas de um horizonte arrancado à cidade e à noite. Picasso disse a Juan Gris: «A qualidade de um artista depende da quantidade de passado que ele traz dentro de si». Em Virgilio Domingues a presença desse passado é patente, não apenas no plano de uma aprendizagem dos materiais e dos meios mas sobretudo na intensidade emocional com que se reapropria de figuras reconhecíveis e de tipos particulares. Essas figuras são como que arrancadas a um contexto do qual apenas sobejam raros elementos de apoio: uma cadeira, um balcão de bar, um simples copo, uma arma. Petrificações da realidade — de uma realidade tomada através de uma óptica ao mesmo tempo dramática e satírica — as figuras e os objectos sobejantes reafirmam as lentas sedimentações da memória e ganham uma presença mítica no espaço da nossa própria experiência.

Mais uma vez, mas por forma extraordinàriamente mais eficaz e subtil, o autor não se basta com um exercício plástico alheio à prática social e à vivência da realidade. Apurando a orientação técnica, agora muito menos arbitrária nos seus efeitos, ele insiste numa intencional acentuação da forma, prolongando para fora dela, até ao reconhecimento do espectador, os diferentes significados e ironias que ela pode pressupor. A via exclusivamente literária ou expressionista atenua-se em favor de um sentido global satirizante. O grotesco e as alterações de escala **metafóricas** numa mesma peça conduzem o espectador para um exercício crítico que não assenta apenas no espectáculo artesanal: o espectador é forçado a entrar na peça pelo recurso a um apetrechamento de análise mais profundo e ficará irremediàvelmente fora dela se a reconhecer sòmente ao nível das suas implicações anedóticas imediatas. O homem sentado no bar **excede** o sentido da circunstância na falta de uma referência temporal e de lugar; a sua petrificação polariza diversos significados e memórias, instala uma alegoria de maiores consequências.

O dramatismo e a ironia são agora constantes lógicas da escultura de Domingues mas o comportamento aí implícito, que parece arrancado ao quotidiano envolvente para o domínio de um testemunho cáustico de grande poder de impacto, vai também entroncar numa linha de tradição satírica que podemos entender como portuguesa e que, no caso presente, lembra por vezes os efeitos transpostos de uma estética bordalesca. Quanto a nós essa é uma das qualidades mais salientes de Virgílio Domingues: independente, incapaz de se arregimentar a uma procura que não lhe seja arrancada do sangue, este escultor marginaliza-se com uma consciência exemplar. Vê-se pela sua escultura, e pela força satírica deliberada com que a resolve, que ele se sabe **contra** os sistemas estéticos instituídos, recorrendo assim a uma tradição e a uma orientação que se constituem agora mais agressivas perante uma burguesia sofisticada e consumidora. A escultura de Virgílio Domingues torna-se por isso exemplarmente dura, conduzindo a uma representação falsamente cómoda ou imediata, e desempenhando o difícil itinerário de descobrir uma raiz portuguesa para o seu comportamento expressionista e satírico.

AUTORES de HOJE

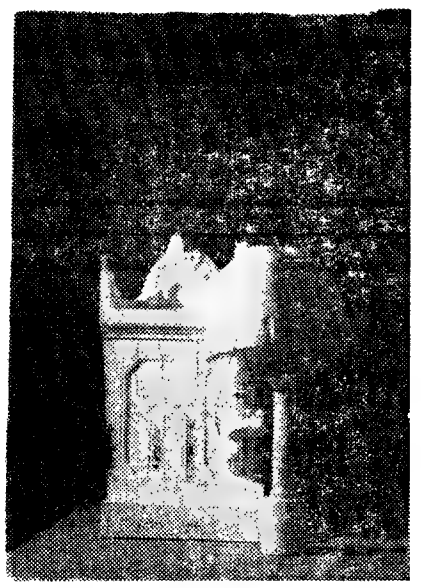
Virgílio Domingues

NASCEU em Lisboa em 1932. Frequentou a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde concluiu o Curso de Escultura. É professor de desenho do Ensino Secundário. Recebeu em 1958 um subsídio da Fundação Gulbenkian para escultura.

Foi-lhe atribuído em 1962 o Prémio Soares dos Reis. Participou, entre outras, nas seguintes exposições: I Colectiva da Galeria Pórtico; I Salão dos Artistas de Hoje; Escultura e Desenho de Escultores; I Exposição de Artes Plásticas organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian; IV Exposição de Artes Plásticas no Convento dos Capuchos; 58.º e 59.º Salões da Primavera.

Foi premiado juntamente com o arquitecto Manuel Egreja no concurso para a decoração do maciço de amarração da Ponte sobre o Tejo. Esteve representado no Pavilhão Português da Exposição Comemorativa do IV Centenário do Rio de Janeiro. Está representado em diversas colecções particulares no País e nos Estados Unidos. Em 1967 expôs individualmente na Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A. Voltou a expor agora na Galeria Judite Dacruz.

A obra de investigação mais característica de Virgílio Domingues, nos últimos anos, deve a sua génese a uma raiz expressionista. Até há pouco, o seu comportamento agitado e torturado, de bom cunho oficinal, envolvia uma significação literária demasiado rebuscada. Evoluindo para uma forma mais globalmente resolvida e menos adjectivada, Domingues atingiu ùltimamente um cunho dramático e satírico de natureza muito pessoal, ocupando um lugar incomum nas tendências actuais da escultura portuguesa.



PERSO MUDA-SE

por Alexandre O'Neill

Um belo dia, Perso, para mudar, mudou de casa. Os vinte e cinco anos de concentracionário haviam-lhe dado o gosto, o vício da mudança. Mas pouco se mudara até então. É que as rendas, os transportes, tudo, tudo desaconselhava o largar da mansarda em que ele e Justa viviam. Porém mudar era mais forte que Perso. Justa opusera-se. Tinha as suas razões. Daí em diante — para trás e para diante e para diante e para trás — daí em diante seria obrigada a **rever** todo o seu mover-se de cega. «Vou para um espaço que não conheço. Primeiro que me habitue!». «Mas terás um quintal! E gatos, os gatos que quiseres!». A sobrinha não se conformava: «E as vozes? E os carros? Lá é campo. Estás a condenar-me ao silêncio!». Perso ainda pensou argumentar com o aumento do **espaço auditivo** que a mudança para o campo representaria para a cega, mas não disse nada. Disse só «No campo há flores, há mil perfumes variegados!». Depois, pensou que a palavra **variegadas** costuma andar associada, pela mão dos bons autores, à palavra **cores,** e calou-se. Justa remetera-se a um silêncio embezerrado. E a mudança, traste para aqui, traste para acolá, acabou por fazer-se. Justa não confiou a ninguém a gaiola do periquito. Com ela nos joelhos, passava as pontas dos dedos delicadamente pelas barras enquanto o carro ia deixando para trás os bons, os queridos ruídos da cidade. Perso, condoído, disse: «Vais gostar!». Do queixito da cega uma lágrima desprendeu-se, passou entre duas das barras da gaiola e foi cair em cima do periquito. Com as pressas, haviam-se esquecido de tapar a gaiola com um pano, e o periquito saltitava, mais inquieto com a mudança.

(Continua)

A gramática transformacional segu

por Eduardo Prado Coelho

PODERÍAMOS SUPOR que uma obra de ficção de Maria Teresa Horta seria um livro de gosto, de sensibilidade, de intuição. Mas talvez fosse mais difícil prever que se tratava de um livro de si mesmo inteligente, isto é, de um livro que se pensa, que é pensado, que faz pensar, isto é, de um livro rigorosamente dominado na totalidade dos seus efeitos. Ora assim acontece: «Ambas as mãos sobre o corpo» surpreende-nos pela vigilância da escrita, pela exactidão dos processos. Torna-se necessária uma enorme atenção para conseguir analisar a complexidade técnica deste livro sem travar a circulação de energia que o seu funcionamento produz. Vamos tentar.

Ambas as mãos sobre o corpo é um livro composto em três partes, tendo a primeira 16 curtos capítulos, a segunda 9, e a terceira 11. Os títulos desses capítulos designam realidades concretas («o vinho», «a mãe», «a cidade», «o jantar»), sentimentos («o desespero», «o medo»), situações («o torpor», «o exílio»), etc.... São todos eles substantivos comuns acompanhados de artigos definidos, e sempre no singular (excepto em «os outros», que, contudo funcionam como realidade singular). Em cada uma das três partes surge-nos um capítulo marginal que tem sempre a designação de «movimentos». Nas duas primeiras vezes, estes «movimentos» servem de transição para a parte seguinte, como se fossem notas em apêndice onde se propõem imagens fragmentárias do que anteriormente se narrou. Na terceira parte, a secção «movimentos» é intercalada no meio dos outros capítulos.

Desta organização poderíamos tirar várias conclusões. Por um lado, será necessário afastar a hipótese de estarmos perante um conjunto de narrativas ou de poemas em prosa. Se se tratasse de narrativas ou de poemas, justificar-se-ia a reserva que se pusesse quanto á monotonia e banalidade relativas dos textos reunidos. Porque o interesse maior surge precisamente da própria organização dessa «monotonia» no livro, da estratégia que deliberadamente a provoca.

O livro de Teresa Horta não é pois «um conjunto de curtas narrativas», mas uma narrativa cuja identidade se afirma no plano da ficção (existem os elementos dispersos duma «história») e no plano da narração (existe uma unidade de intenções e efeitos que seria absurdo ignorar).

Em segundo lugar, podemos observar que, em *Ambas as mãos sobre o corpo*, não existe um só nome próprio ou qualquer identificação temporal. O facto, apesar de corresponder a uma tendência da ficção contemporânea, merece, contudo, algum relevo. Com efeito, todo o texto do livro se sustenta sem qualquer suporte referencial no espaço ou no tempo. E, da responsabilidade da autora, apenas dois nomes aparecem no texto que este volume traz aos leitores: o da própria autora, Maria Teresa Horta, e o da dedicatória: «Ao Luís».

Em terceiro lugar, notemos que no livro não há quaisquer diálogos. Não quer isto dizer que o texto não apresente por vezes situações de fala. Mas acontece que essas falas nunca pertencem a um processo de diálogo. São, quando muito, restos obsessivamente repetidos, reelaborados ao nível fantasmático, de frases anteriormente proferidas, ou frases de diálogos passados que rompem fragmentàriamente em situações presentes, ou, ainda, enunciados que se inserem na narração e lhe alteram o sentido. Expliquemos este último caso: o livro de Teresa Horta, embora não contendo diálogos, poderá ser ele próprio considerado como uma longa fala dirigida a um interlocutor que, sem nunca a deter, a todo o tempo a polariza: interlocutor latente, que, pela sua presença emudecida, transforma a narração em diálogo, o livro em discurso orientado, redescoberta, encontro, reconhecimento, afirmação comum.

Quando Teresa Horta escreve (p. 97): «Apoiei-me mais ao teu ombro», tirei um copo da bandeja negra pousada sobre o móvel onde nos encostávamos e fiquei a olhar o líquido amarelo sem qualquer vontade de beber, tornei a apoiar-me ao seu ombro, com o copo gelado numa das mãos a outra esquecida perto da sua enquanto se moviam à nossa volta e nos falavam, «enquanto eu pensava apenas no porquê do teu maior silêncio hoje e tentava adivinhar no tom da tua voz a explicação ou o motivo atenta à tua mais pequena mudança de humor». — quando Teresa Horta escreve assim, nós pressentimos que este texto de diálogos apagados ou contidos se nos oferece como uma extensa e interminável fala que por vezes emerge, rompe a superfície de silêncio, e goteja levemente nas zonas em que a solidão é mais insuportável ou aguda: frases libertas, sufocadas, que logo se recolhem.

Outra variante do mesmo efeito encontra-se no que podemos designar por *subjectivação da narrativa*. A objectividade meticulosa da descrição vai-se atenuando, desfoca-se lentamente, através dos elementos que indicam ao leitor (ou melhor: ao interlocutor latente) as dúvidas, as incertezas, a insegurança do que se evoca, a indeterminação do que se narra. Assim: «O pescoço esguio, um pouco inclinado, sustenta uma cabeça pequena quase derrubada *parece que* devido ao peso dos cabelos negros, enrolados, abundantes, perto da nuca, *dando a impressão* constante de se irem desmoronar, soltar-se e correrem pelas costas: quentes, livres, numa alegria espontânea, até às ancas *ou mesmo* mais abaixo *já* nas coxas encobertas, *certamente* de pele tão branca como a do pescoço, quase mármore ou quase areia» (p. 48).

Mas talvez a característica mais saliente de *Ambas as mãos sobre o corpo* seja o estatuto ambíguo das cenas em que a sua ficção se desenvolve. Essas cenas são quase sempre destituídas de *função*, isto é, não estão lógicamente determinadas por tudo o que as antecede e por tudo o que lhes sucede. Consideremos, por exemplo, o capítulo «o jantar». Não se trata de um jantar determinado que assuma uma função específica no mecanismo da história. Mas também não podemos dizer que esse «jantar» seja índice revelador de elementos sociológicos ou psicológicos. Se podemos deduzir uma situação social ou económica elevada pela presença silenciosa dos criados que atravessam a cena, pouco mais se poderá concluir do capítulo em questão. Quer isto dizer que as cenas não participam quase nunca no desenvolvimento dum enredo, e que da sua sequência nenhuma lógica de causas e consequências se poderá (aparentemente) extrair. Pelo contrário, o livro aparece-nos como uma sucessão de planos fixos, ou filmados em câmara lenta, e desse afrouxar da teia narrativa resulta que a exposi-

Teresa Horta: um livro que se pensa

NOBREZA DE PORTUGAL E DO BRASIL

***

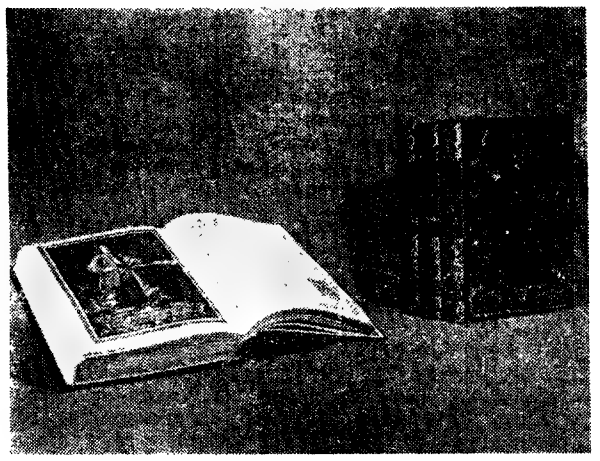
Resumo da história de Portugal e de Portugal no Mundo

***

Soberanos de Portugal e do Brasil e sua descendência

***

Famílias titulares de Portugal e do Brasil actualizadas



3 VOLUMES | LUXUOSAMENTE ILUSTRADOS E ENCADERNADOS

UMA EDIÇÃO DA

Editorial Enciclopédia, Lda.

Rua António Maria Cardoso, 33
Telef. 32 64 52 - 3 33 30
LISBOA

Queiram remeter-me sem compromisso da minha parte, as condições de venda dos 3 volumes que constituem a *Nobreza de Portugal e do Brasil* por pagamentos suaves: (D. L.)

Nome .....

Morada .....

Localidade .....

...undo Maria Teresa Horta

...lho

ção superficial dos factos se desagrega e deixa entrever uma motivação profunda, uma articulação primordial que, no espacejamento dos gestos e na descontinuidade das sequências, a pouco e pouco se constrói. Cada capítulo designa o acontecer do que o seu título designa: assim poderíamos transformar esses títulos-substantivos em títulos-verbos - no-infinito que indicassem o acontecimento no seu estado mais flutuante e puro: a «tarde» é «o-acontecer-do-que-acontece-na-tarde», o jantar é «o-acontecer-de-se-jantar» e o medo é «o-acontecer-de-se-ter-medo» como a cidade é «o-acontecer-de-se-viver-na-cidade». Cada capítulo é, não um elemento de índice ou uma função, mas um suporte de uma certa estruturação fantasmática que insistentemente se tece. Soltam-se destes quadros vários elementos obsessivos, alucinações recorrentes, iniludíveis pulsões que a pouco e pouco se organizam *na outra cena* deste livro. Exemplifiquemos: se na página 16 lemos: «e o tecto lá estava, de uma aridez plana, *lisa*», e na página 19 lemos: «a água a escorrer pelo seu corpo: *lisa*, macia», e na página 20 lemos: «o sol de chapa no corpo *liso*» — o que nos interessa não é já a relação episódica entre o nome e o adjectivo que o qualifica, mas o que da insistência desse adjectivo nos aparece como consistência duma certa obsessão: o predomínio da «qualidade de-ser-liso» como elemento duma estrutura fantasmática em elaboração. Poderíamos estender a análise indefinidamente, e detectar a recorrência de certas qualidades (o «macio», o «dormente», o «metálico», que surge relacionado com a moldura do espelho, o anel, as persianas, os brincos, etc.), ou de certas imagens (o «gemido», o cigarro esquecido, o vulto inclinado, a cabeça no ombro, o líquido no corpo, o entreabrir-se, etc.).

A transformação dos substantivos em verbos que regulam o próprio processo de enunciação no seu discorrer interminável leva-nos a explicar melhor como este livro se articula em dois planos distintos: o plano do que se enuncia, e que é o da descrição monótona e banal de certos actos e de certos lugares, *e o plano dessa enunciação*, cena onde o essencial acontece. Situamo-nos aqui ao *nível do fantasma*, isto é, ao nível em que o sujeito se projecta, se forma e se

Cont. na pág. 7

COISAS DE 20 DIAS

Folhetim-artístico de José-Augusto França

TORNO A ESCREVER, pacientemente, este folhetim — e é bem feito a penitência, que ninguém me mandou abusar do género literário para me divertir. Prosa entrando risonhamente pela psicopatologia da vida intelectual quotidiana lisboeta... — prosa de criar inimigos como bicho!

Sempre passei por pessoa difícil de fazer amigos — e ainda mais difícil sou na escolha dos meus inimigos. Tão difícil, exigindo deles tantas habilitações, literárias, psicológicas e morais, que acabo por não ter nenhum e chegar a esta situação, talvez única em Portugal, de vir a morrer sem inimigos! Bem sei que alguns cidadãos se dão como tal, mas é presunção deles, que como tal em boa justiça não os posso reconhecer.

Tenham eles paciência, não insistindo que, di-lo a dialéctica, às vezes a quantidade vira qualidade...

Ora, por isso mesmo, e para não pôr alguns deles ou de outros na falsa posição de se darem por inimigos meus, ponho de lado a primeira versão deste folhetim, lançada para as obras póstumas possíveis — e vou indo por este fora, mas com algum desconsolo. Ando de humor divertido — talvez por regressar de viagem e olhar as coisas sem a melancolia lisboeta, umas vezes fadista, outras contestatória.

«VINTE DIAS ESCALDANTES» (se chamava o outro folhetim) estive por fora, perdendo primícias, mas ganhando o recuo que me permite agora fazer dois folhetins de enfiada, e ao amável leitor ler um deles. O segundo — com as minhas desculpas.

Dois factos, então, nestes vinte dias que não abalaram o mundo: — um inquérito sobre a exposição «Mobil» e um protesto sobre a Exposição Raul Lino. Não foi por acaso (o acaso é ignorância de causas) que ambos os fenómenos coincidiram: há entre ambos parentesco cultural (a cultura é antropologia e ciência de costumes também) e, talvez, sobretudo, pessoal igualmente.

A «Mobil» foi o que foi, e se não foi melhor deve-se isso à falta de meia-dúzia de artistas, uns à míngua de obra, outros de disposição, outros, quiçá, por atitude, ou atitudes. A «Mobil» fez o que devia fazer para assegurar o êxito da sua iniciativa, e o júri, com uma heterogeneidade que não impediu seu funcionamento cordato, fez o que pôde. E, sobretudo, pôs pontos nos ii, pela primeira vez em Portugal; isto é, pôs em cima de cada artista premiado o ponto assinado por quem o premiava. Estou satisfeito em ter proposto a ideia, e os meus colegas do júri certamente contentes em a terem aceite. Marca isso (como a não hierarquia de prémios no caso da exposição do Banco P. Atlântico; como o patentear as actas do júri em ambos os casos) uma situação deontològicamente positiva no quadro das exposições de mecenato publicitário — que positivas são, também, no condicionalismo não só cultural da nossa sociedade.

Mas a exposição «Mobil» foi, ao que me dizem, e ainda não tive tempo de verificar, pretexto de ferozes ataques à AICA. Pobre AICA, que começou por não existir durante meia dúzia de anos, em Portugal, com satisfação de todos, e que agora, ao tomar iniciativas e assumir responsabilidades, vem lusitanamente incomodar uns tantos! Não tantos como isso — sequer quantitativamente.

EU não, não resisto a divertir-me (de uma versão de folhetim para outra...) em constatar uma curiosíssima coincidência, sem dúvida significativa das reacções da vida artística lisboeta. O facto é que, um de manhã e outro à tarde, em semelhantes periódicos, os maiores atacantes da AICA portuguesa são dois arquitectos, pintores e desenhadores! Dizem-me que são equivalentes como arquitectos (o que não será elogioso para nenhum deles), sei-os ambos medíocres como pintores — e não deixo de apreciar mais um do que outro, como desenhador, vendo sempre nele um excelente e impiedoso ilustrador humorístico. Não têm importância os nomes, e só é curioso o caso.

... Não verifiquei, também, se ambos assinaram um dos dois manifestos contra a exposição de Raul Lino.

CASO mais interessante, ainda, culturalmente, estes protestos que merecem longa reflexão, muito para além dum folhetim. Reflexão mais do que indignação. Por mim, recuso há muito indignar-me com os fenómenos da vida mental dos meus estimados compatriotas; às vezes, porém, admiro-me com eles, e, por mais sociólogo que pretenda ser, fico estupefacto. Foi isto que agora me sucedeu.

Cont. na pág. 7

prontuário das letras

A poesia, a poesia, a poesia

Poderíamos (mas seria injusto) encher este número do Prontuário com notícias e notas sobre poesia. É que quase tudo diz respeito a ela, o que nem sempre acontece. Aliás, para começar, uma novidade que o não é: a Portugália Editora lançou *Poesia IV*, de José Gomes Ferreira, um dos livros que se apresentam mais vendáveis no final do ano. Outro nome regressado é o de Armindo Rodrigues, o médico-escritor, estreado há 27 anos com *Voz arremessada ao caminho*, mas que entre 1954 e 1970 guardara ciosamente na gaveta a sua produção. Agora a S. E. C. publica-lhe a «Obra Poética», de que apareceu nas livrarias o II volume — *Sabor do tempo, Romanceiro e canções de um menino perdido e Itinerário privado*.

Continuamos com a poesia. De João Rui de Sousa, em edição da Galeria Panorama, chegou-nos *Meditação em Samos*. Não será preciso sublinhar o nome deste poeta: é um dos mais importantes da década de 60 e sobretudo um dos raros que, logo na obra de estreia *(A hipérbole da cidade)*, se mostrou senhor de uma dicção sem ganga. Outra notícia ainda: o novo livro de poemas de Flama Hasse Pais Brandão, *(Este) rosto*, está prestes a sair; na próxima terça-feira (18 horas) haverá uma leitura na Galeria 111.

A poesia, claro

Dos volumes (de poesia) registados há oito dias é de toda a justiça adiantar mais qualquer coisa sobre os *Cantares dos trovadores galego-portugueses*, escolhidos e adaptados por Natália Correia (Editorial Estampa). Numa leitura mesmo rápida parece-nos estar perante uma selecção inteligente e ousada, com o argumento adicional da *re-criação* da lírica trovadoresca para português dos nossos dias (tanto quanto possível). Surpresa maior: o denso conhecimento da controvertida poesia provençal que Natália Correia mostra na introdução. Eis, sem dúvida, um livro a recomendar.

No capítulo das novidades — Brecht. Um Brecht antologiado e traduzido por Arnaldo Saraiva, e estudado também (Editorial Presença, colecção Forma). E dois discos da «Decca» com poemas de Fernando Pessoa ditos por Sinde Filipe. Título geral: *Poesia de Fernando Pessoa* (colecção «A Voz e o Texto»). Apresentação de David Mourão-Ferreira

Portugal na «Que sais-je?»

Finalmente a colecção «Que sais-je?», das Presses Universitaires de France, descobriu a literatura portuguesa. O volume *(«La littérature portugaise»)* está já à venda em Lisboa e traz a assinatura de Claude-Henri Freches, professor da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Aix-Marselha.

Estudioso de temas portugueses, Freches tem incidido a sua atenção sobre Gil Vicente e Joaquim Nabuco de Araújo, por exemplo. O que desde já nos explica certas falhas na matéria mais moderna, vista com olho célere, superficial. Um exemplo entre vários: do surrealismo teria partido um ramo abjeccionista encabeçado por António Pedro e Mário Cesariny de Vasconcelos... Em 128 páginas muita coisa pode acontecer — até mesmo haver a mesma medida (ou nenhuma) para Jorge de Sena, David Mourão-Ferreira, Tomaz Kim, Natércia Freire e António Manuel Couto Viana. Avalie o leitor por si.

Lançamentos Sá da Costa

Registámos igualmente dois lançamentos da Livraria Sá da Costa Editora. Falam por si: *Conferências e outros escritos*, de Bento de Jesus Caraça, e *Ensaios de Geografia Humana e Regional — I*, de Orlando Ribeiro. Os temas são também eloquentes. De Bento de Jsus Caraça: as Universidades Populares e a cultura; a cultura integral do indivíduo — problema central do nosso tempo; a arte e a cultura popular; Rabindranath Tagore; aspectos do problema cultural português; a luta contra a guerra; crepúsculo da Europa; o humanismo e humanidades; Galileo e Newton; Romain Rolland; carta a António Sérgio — crítico; defesa. De Orlando Ribeiro (entre outros): primícias do ensino e da pesquisa; progresso e desigualdade; a Ásia impenetrável; problemas humanos em África: preconceitos e ressentimentos; entraves à ascensão social; o mundo para os homens: a planície em Portugal: duas soluções do problema agrário: problemas da população em Portugal: tendência da evolução demográfica: emigração.

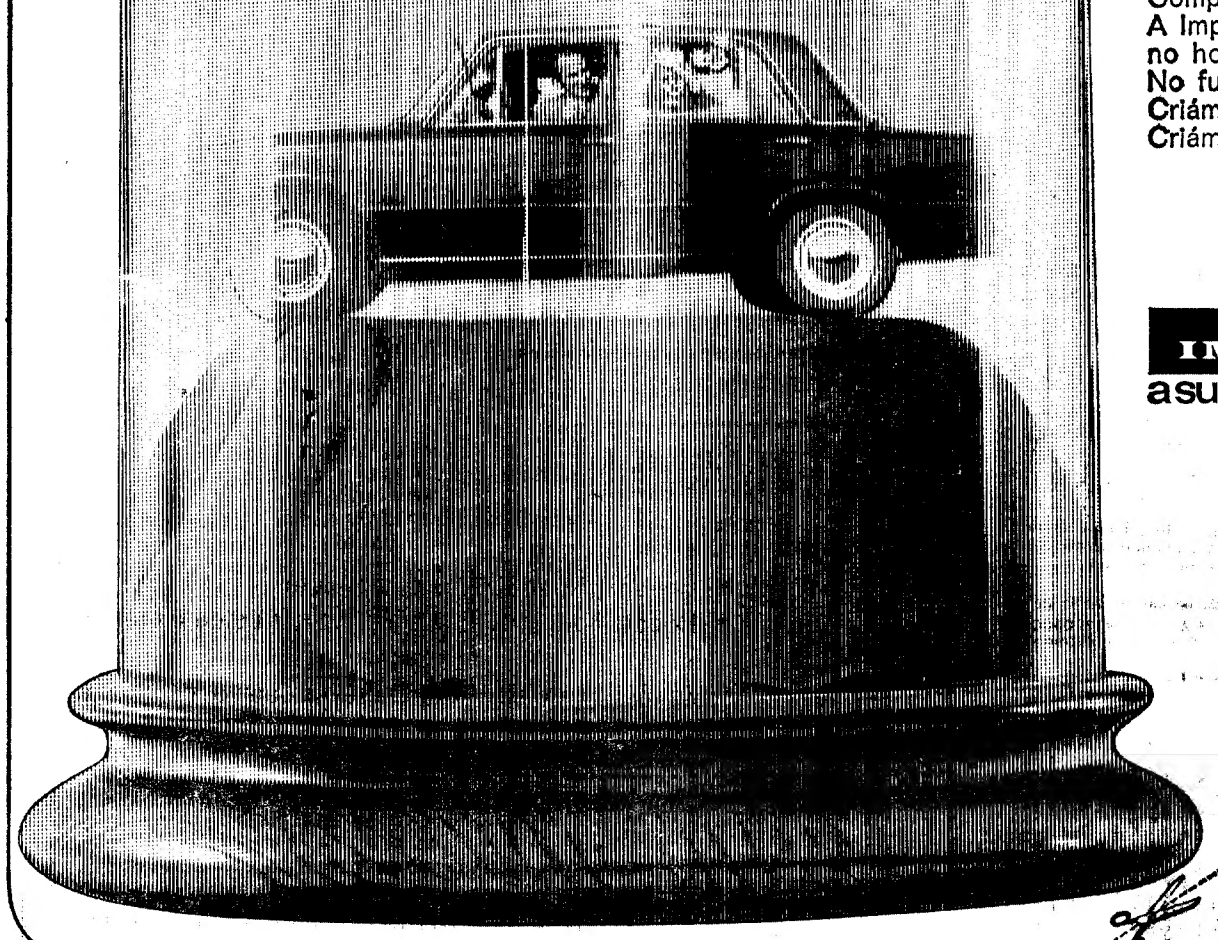
Bento de Jesus Caraça

A CANOA
O JORNAL DAS CRIANÇAS

Todas as 5.as feiras
Inscreva-se como assinante
Livraria Quadrante
Rua Luís Bivar, 85-C
Tel. 533766/534762
ou p/correio:
R. 31 de Janeiro, 80
FUNCHAL-MADEIRA

na IMPÉRIO

além do seguro do seu carro, dispõe agora de um seguro para si e também para a sua família



seguro do condutor ✤ chefe de família

A máquina poderá — ou não — destruir o homem.
Compete ao homem decidir.
A Império acredita na máquina porque acredita no homem.
No futuro do homem. No seu futuro.
Criámos um Seguro para si.
Criámos um Seguro para a família que Você criou.

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Rua Garrett, 62 - Lisboa
Rua Sá da Bandeira, 720, r/c. - Porto
Rua da Sofia, 92, 1.º - Coimbra

OFERTA GRÁTIS DE INFORMAÇÃO

Queiram informar-me acerca da melhor maneira não só de SEGURAR O MEU AUTOMÓVEL, MAS TAMBÉM A MINHA FAMÍLIA E EU PRÓPRIO, COM O SEGURO DO CONDUTOR - CHEFE DE FAMÍLIA.

Nome _____ Telef. _____
Rua _____
Local _____
Já é Segurado em Automóvel da Império? SIM NÃO

Rua Garrett, 62 - Lisboa

5-70

Coisas de 20 dias

Cont. da pág. 5

Protestar contra uma exposição retrospectiva da obra de um artista português, porquê? Por ele ainda ser vivo, por lhe invejarem os verdes 90 anos? Por preferirem as salas que a Fundação Gulbenkian pôs ao serviço de um estudo de carácter histórico, para outro fim igualmente histórico?

Mas não será verdade que o estudo monográfico (e não) da arquitectura portuguesa dos séculos XX, XIX, XVIII, XVII e XVI está por fazer?...

A exposição Lino podem (e devem) suceder exposições de Ventura Terra, de Marques da Silva, de Carlos Ramos — e de muitos outros, desde o J. P. Ávila e o J. L. Monteiro e o Bigaglia, até aos primeiros modernistas, alguns dos quais ainda felizmente vivos, como Cristino. Ter-se começado por Raul Lino, deve-se apenas a uma iniciativa particular — no meio de gente que não teve iniciativas similares em relação a outros arquitectos... E, tendo eu estudado o período de Oitocentos (prolongado, é claro, e significativamente, até à última guerra) parece-me ter sido metòdicamente positivo tal começo — na medida em que a obra de Raul Lino marca uma posição ideològicamente interessantíssima na arte nacional, nos dois primeiros decénios do século. E, também, com sinal inverso, sem dúvida (mas não menos interessante, de um ponto de vista de sociologia da cultura) muito depois desse período. Não ignoremos que em 1930 Raul Lino era considerado pelos arquitectos e todos os outros artistas modernistas como um *autor moderno* (ver catálogo do Salão dos Independentes, 1930).

Bem sei que uma nova geração, pelos anos 30 fora, teve rija e *necessária* polémica com ele. Mas essa mesma geração não estará hoje ultrapassada, e com ela, a querela desses anos já históricos? Será positivo reacendê-la, *em termos de acusação*, em 1970? Significativo é-o, com certeza — e penso eu que de uma espécie de saudosismo dos próprios homens de 30-40, na qual são arrastados, por falta de recuo possível, arquitectos jovens. E assim caímos num curioso paradoxo de se contestar uma determinada ideologia saudosista (a de Lino) em nome de saudosos valores ideológicos...

Outras razões haverá, é claro, expostas ou não — mas é para este paradoxo que eu gostaria de chamar a atenção dos interessados.

IGUALMENTE gostaria de lembrar que protestar contra uma retrospectiva (de Raul Lino, ou de Columbano, ou, como em breve aposto que acontecerá, de António Carneiro — outros reaccionários convictos; ah, esta geração de 90, que até absorveu a de 70!) não tem o menor sentido. Uma retrospectiva deve levar, sim, a estudar o que é mostrado e a sobre isso reflectir — calmamente, retrospectivamente, historicamente. A Exposição Raul Lino é a primeira exposição do género em Portugal; a Fundação Gulbenkian ofereceu, portanto, a primeira possibilidade de reflexão crítica neste domínio. *Protestar contra isso — porquê?* Protesta-se contra móbiles ocultos, intenções dolosas (a nomeação do Malta, anos atrás, por exemplo); perante uma retrospectiva estuda-se o caso, julga-se o sujeito. Tem, certamente, Raul Lino multa ponta por onde seja condenado; não só essas, porém. E poderão todos os signatários atirar-lhe pedras? Aquele que nunca pecou... Exceptuo, é claro, por inocência deles, os signatários que ainda não têm obra, mesmo que venham a tê-la.

Resta o estudo de Pedro Vieira de Almeida, particularmente visado pela contestação — texto discutível com certeza, e ainda bem. De qualquer modo, porém, repare-se que é *o primeiro estudo de longo fôlego crítico que em Portugal se faz sobre um arquitecto*. Que o exemplo pegue — é o que fica desejando o folhetinista.

O QUAL termina informando de que o seu folhetim do dia 26 não era, de modo algum, da resposta ao(s) abaixo-assinado(s) de que só agora, regressado, teve notícia. Entregue já em 6 no jornal, o mais que ele próprio pode supor é que alguma intuição (e alguma experiência) lhe guiara a pena.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Para um «teatro selvagem»

Cont. da pág. 1

convencional, ou, se se preferir, ilegal.

— Entende que, no momento presente, uma fundação pode contribuir para uma renovação da relação espectador - espectáculo ou que tem, necessàriamente, de fomentar experiências formais que apenas renovam técnicas, apesar de tudo, secundárias?

A. S — Referes-te, por exemplo, a fundações do tipo Gulbenkian? Não sei; em Espanha não temos experiências desse tipo. Para já, a *falta* de dinheiro — juntamente com os *excessos* de censura — é um dos nossos mais sérios problemas Claro que há que necessitar do menor dinheiro possível — fazer um teatro *austero*, por assim dizer — e estudar com cuidado qual a fonte económica aceitável e qual a que não é. E isso, evidentemente, não para fazer um laboratório teatral abstracto, mas para sair para a rua.

— A cena espanhola é pobre, a julgarmos pelo que está em cena nos teatros de Madrid: comédias de «boulevard», zarzuelas de raiz oitocentista e de propósitos falsamente populares. A que se deve atribuir este facto?

A. S. — O teatro espanhol é pobre.

— Crê que já está a nascer em Espanha um teatro de futuro? Isto é, um teatro que acompanhe a evolução socioeconómica espanhola? Caso afirmativo, quais as suas actuais manifestações?

A. S. — A possibilidade de um grande teatro espanhol passa por uma democratização da vida espanhola. Sem esse requisito prévio, tudo o que se faça (ou projecte) será pobre ou cairá estrangulado, é quase certo, antes de nascer. Tal é a nossa experiência. Portanto, de momento, há poucas coisas notáveis a assinalar... Algumas tentativas... algumas degolações. (Aqui está, por exemplo, a minha cabeça).

— A que deve atribuir-se a diferença que, apesar de tudo, existe entre a cena de Madrid e a cena de Barcelona, mais viva, mais vital e mais interessada?

A. S. — Em minha opinião, não há tal diferença Matizes, mas não diferenças essenciais...

— Se lhe fosse dado, no momento presente, renovar artificialmente o teatro espanhol, pondo-o em contacto com o teatro estrangeiro, quem começaria por enviar ao estrangeiro: actores, autores ou directores? A pergunta reveste-se de um interesse muito especial, porque as fundações tendem a pensar que renovar o teatro é renovar as técnicas de representação e a enviar ao estrangeiro actores que, apesar de tudo, têm de regressar para se reintegrarem num meio em que exercem uma influência muito relativa. Esta tendência das fundações não estará, bem vistas as coisas, de acordo com o único papel que elas podem desempenhar no momento presente?

A. S. — Os problemas do teatro espanhol (e, claro, da sociedade espanhola) não se podem obsevar, como já disse, «a partir do teatro», e muito menos «a partir do teatro estrangeiro». Eu insistiria muito numa prática teatral cujo momento estrangeiro» — contraste, etc. — fosse secundário. De outra forma, será mais difícil chegar a libertarmo-nos do colonialismo cultural que, como os outros (económicos, etc.), nos oprime.

— Verificou-se, nos últimos anos — dizemos «verificou-se», porque as tendências chegam á Península quando já começam a dar lugar a outras nos países de origem — uma tendência para considerar que se poderia renovar a função social do teatro atribuindo uma importância cada vez maior ao «gozo» ou ao «prazer» dos actores em cena. Julgou-se, por outras palavras, que, desde que se aumentasse o «prazer» de representação, o público acorreria aos teatros. Esta tendência está a desaparecer, sem que a chamada «crise» de teatro tivesse sido afectada, mas, na Península, ainda teremos que passar por ela. Que pensa, não apenas desta tendência, mas da sua utilidade na Península?

A. S. — Não creio que «tenhamos que passar» forçosamente por qualquer tendência. Observemos a nossa realidade, a ver o que se passa, a ver o que fazemos, a ver...

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

A gramática transformacional

Cont. da pág. 5

define na própria encenação que o seu discurso produz. O sujeito não chega a realizar uma acção ou a contemplar um espectáculo ou a enunciar um discurso: ele está incluído na sua própria acção, no seu próprio espectáculo, no seu próprio discurso. O fantasma está na génese primordial do sujeito que resulta da integração recíproca do seu corpo e dum discurso singular. Assim se explica melhor o sentimento de irrealidade que o texto provoca em nós (certas páginas lembram por vezes o filme de Resnais, *L'année dernière à Marienbad*) e, ao mesmo tempo, a impressão de profundamente vivido e incarnado, enraizado no mais íntimo de nós, que sempre nos acompanha durante a leitura.

Se aceitarmos que o essencial se joga noutra cena, lugar do imaginário e da incidência do simbólico, e não na visibilidade do real imediato que o discurso refere, podemos ver que aí, nessa instância segunda, nesse plano submerso, existe uma lógica narrativa mais inteligível. Será possível então ler este livro como aquele em que se conta *a história duma transformação*. Num primeiro momento, encontramos a predominância da relação ela-ele-os outros (eles), no que diz respeito aos pronomes; dos verbos no pretérito imperfeito e no presente do indicativo (com valor intemporal: o tempo da acção não coincide com o presente da enunciação), isto é, valorização do tempo do discurso em relação ao tempo da história (segundo os termos de Benveniste), ou do mundo comentado em relação ao mundo narrado (segundo os conceitos de Harald Weinrich); predomínio do estático em prejuízo do dinâmico; da elipse do sujeito e da ausência-a-si que o caracteriza; dominação do verbo «viver» no sentido passivo como elemento nuclear da estruturação fantasmática. No segundo momento, correspondendo em grande medida à terceira parte do livro, encontramos a predominância da relação eu-tu-nós, no que concerne os pronomes; dos verbos no pretérito perfeito, no presente do indicativo (coincidindo o presente da acção com o presente da enunciação) e do futuro; predomínio do dinâmico em prejuízo do estático; aparecimento do sujeito e da presença-a-si que o caracteriza agora; dominação do verbo «desejar», com a correspondente necessidade de um *outro* que sustenha o movimento do desejo, como elemento nuclear da encenação fantasmática. Em síntese, poderíamos dizer, e considerando que o tema central do livro é o da solidão, que este texto nos conta como se passa da solidão-pela-ausência, à solidão-pela-presença, ou como se passa da fuga-em-direcção-a-nós para a fuga-para-dentro-de-nós. E, se uma nota negativa permanece, que é a da solidão e da fuga, o livro ensina-nos a lição de assumir activa e plenamente esta dificuldade de ser em que a distância de nós a nós e o isolamento de nós para os outros subsistem mesmo na própria afirmação clara e lúcida do corpo e do desejo, da alegria e do amor.

EDUARDO PRADO COELHO

(Continua)

é fácil projectar com som!... ...com eumig®

eumig MARK-S-712

O novo e sensacional projector sonoro de baixo preço completo só Esc. 7.850$00

* Regulação automática do som
* Possibilidade de intercalar voz, música e efeitos sonoros, de forma simples, perfeita e segura
* Aumento ou diminuição progressiva da voz e da música
* Controle acústico das gravações
* Saída para altifalante suplementar

À venda nas boas casas da especialidade

Cortar este talão e remeter a
BELTRÃO COELHO, LDA
Rua Castilho, 1-A — LISBOA-1

Desejo receber grátis literatura sobre os novos projectores EUMIG
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

crónica crítica alexandre pinheiro torres

«JÁ SE PODE BRINCAR NA RELVA»: TÍTULO OPTIMISTA DO PRIMEIRO ROMANCE DE RUI DE BRITO

«JÁ SE PODE BRINCAR NA RELVA» é o quinto livro de Rui de Brito e o seu primeiro romance. Sou de opinião que o livro possui aquele mínimo de qualidades que o torna digno de o olharmos mais de perto, embora não merecedor senão de moderados encómios, mau grado as evidentemente generosas palavras de abertura de Alberto Ferreira.

Há que convir, por certo, que, em média, não se pode exigir muitíssimo mais de uma primeira tentativa, embora a nossa literatura — no campo da novelística — não seja falha de estreias muito mais felizes, como foi o caso recente de *A noite e o Riso* de Nuno de Bragança, magnífico livro para quem começa. Assentemos, todavia, que se trata de uma auspiciosa estreia, para usarmos (quanto mais não seja uma vez na vida e para fazermos o gosto ao dedo) de tão acaciana expressão jornalística. O que fará sorrir, malévolamente, o Leitor Distraído, que tanto precisa de se distrair.

Mas *Já se pode brincar na relva* levanta vários problemas e, se conseguir abordar alguns deles, dar-me-ei por satisfeito.

O primeiro que me dá na gana comentar é o que diz respeito a um desabafo do *eu* que fala no romance: «Creio que jamais escreverei o que quero» (pág. 124). Esta desopressão da alma (o livro de Rui de Brito é construído, em larga medida, por expressões sentimentais, desafrontamentos de um *ego*, cujos limites ele próprio, na sua tentativa de auto-análise jamais conseguira determinar, *handicap* de que, por vezes, se evidencia consciente) não se refere, se bem entendo, a uma *incapacidade* de escrever, mas à impossibilidade de que esse *eu* experimentará de equacionar o mundo — tal qual o vê — em termos de inteligibilidade militante. O *ego* apresentado por Rui de Brito vive numa sociedade absurda. Já se sabe que é *absurda* a sociedade em que vivemos. Anda-se, desde Dostoievski, a bater nesta tecla. Mas para um *eu* definir a sua situação no contexto de qualquer sociedade absurda (mesmo que o não fosse), ou fazer em função dele uma descrição dessa sociedade tal que a *originalize* a ela e *originalize* também o *eu* que observa, eis um desafio tremendo, um *challenge* com estatura de insuperável, que só não cria complexos aos escritores superdotados, que descobrem sempre uma abertura nova, uma fórmula diferente para a definição.

E para fazê-lo em relação a uma sociedade como a nossa (a sociedade portuguesa) não será necessária, ainda, uma enorme dose de coragem? Ora a coragem é coisa que pouco abunda nos escritores de qualquer latitude. Entre nós escasseia tremendamente. E escasseia tanto mais quanto mais se acredita que a coragem de nada serve ao *criador* literário. O que é preciso — eis o que se afirma no Chiado — é coragem para explodir em formas novas. Mas daremos algum dia o salto qualitativo que tornará possível a coragem que está na base do aparecimento da literatura *primária* (sem forma nova) de um Soljhenitzyne? Muito insisto eu neste incomodativo ponto!

A certa altura (pág. 27) Rui de Brito, ou melhor: o *ego* que fala no seu romance, pergunta: «E o que se deve escrever?» Pergunta curiosa a que respondemos do seguinte modo: «se não se pode escrever, afinal, o que se quer, nem se sabe o que se *deve* escrever, vamos escrever então aquilo que não queremos ou aquilo que não *devemos* escrever»?

Parece-me que, antes de prosseguir, será necessário estabelecer uma distinção entre Rui de Brito e o *eu* que fala em *Já se pode brincar na relva*. Porque o *eu* que nos fala neste romance é o de uma pessoa com a qual não simpatizamos, como não simpatizaríamos com Padre Amaro se o romance de Eça fosse escrito em função de um *eu* que coincidisse com o sedutor da filha da S. Joaneira. Mas teria sido possível a Eça despersonalizar-se a tal ponto que nos apresentasse o mundo tal como o Padre Amaro o via?

A questão que aqui mais interessa é que *nunca* seria possível considerar Amaro um *alter-ego* de Eça, enquanto seria perfeitamente possível, e sem grande escândalo, considerar o *eu* de

Rui de Brito: «Creio que jamais escreverei o que quero»

Já se pode brincar na relva um *alter-ego* de Rui de Brito. É evidente que o facto de um leitor não simpatizar com uma personagem, com o seu comportamento, a sua linguagem, a sua ideologia, não significa que essa personagem não seja uma grande criação romanesca. A ficção está cheia destes *heróis negativos (negativos* em função do leitor que aposta na *positividade)*. Ora, o *eu* do livro de Rui de Brito corresponde ao de uma personagem com poucos aspectos positivos. Isto parece-me claro. Mas não me parece menos claro que Rui de Brito a quis voluntária e expressamente assim. É Rui de Brito que faz com que expressamente a repilamos o *eu* da sua narrativa. Se esse *eu* for Rui de Brito será ainda Rui de Brito quem voluntàriamente *escolhe* que sintamos pouca adesão por aquilo que ele se representa? Neste caso, haveria sempre que reconhecer a lucidez do autor ao denunciar-se os seus aspectos sociais falhados, a fragilidade ideológica da sua contestação (lucidez que vai ao ponto de desmascarar as razões dessa fragilidade).

Mas que contesta o *eu* de Rui de Brito? O que ele contesta é a pequena-burguesia. Não da forma utilizada por Carlos de Oliveira em *Pequenos Burgueses*, não da forma por que ela é contestada em inúmeros livros da ficção portuguesa moderna, porque, afinal, todo o romance português, com poucas excepções, é uma contestação permanente da burguesia nacional. Já o dissemos: o *eu* de *Já se pode brincar na relva* contesta em tom de libelo, declamatòriamente, em diatribe ou apóstrofe (o que parecia já ter caído em desuso).

Esse *eu* irrompe, por ex.: «As famílias pequeno-burguesas bem instaladas são um tratado de açorda! A elas se deve a estatocracia e a burla dos jovens! (Alta burguesia não interessa a não ser como significado económico ou político)». Claro que este *eu* engloba, na pequena-burguesia, a própria classe média (poder-se-ia objectar, utilizando as rigorosas designações inglesas da linguagem sociológica, que a *lower middle-class* e a *middle-class* são extractos diferenciados pelas profissões, educação, *background*, aspirações, e, sobretudo, rendimentos, sem falar nas nuances ideológicas). Ora é contra a classe média dos «doutores», «donos de escritórios» (que, no romance, se adivinham financeiramente de pouca envergadura), «escritores» mesmo de esquerda (que também ataca pela vaidade com que estes exibem os «emblemas» da vitimização, etc.) que esse *eu-do-romance* se revolta.

Certo que se fala de uma ideologia *pequeno-burguesa* quando nos referimos ao burguês em geral, independentemente do seu ministrato (Gurvitch), mas a objecção que o Leitor pode apresentar a esse *eu* apresentado por Rui de Brito, pode ser deste género: mas então não há pequeno-burgueses mal instalados? Portugal é ou não é um país largamente caracterizado pela existência nele de uma larga camada de pequenos-burgueses muitíssimo mal instalados? Marciano, do livro atrás citado de Carlos de Oliveira, está ou não está mal provido de tudo? E não será também ele um tratado de açorda? Não se deverá, também a ele, a «estatocracia e a burla dos jovens?» E podemos perguntar ainda: a que estrato pertence, afinal, o *ego* que nos surge em *Já se pode brincar na relva*? Naturalmente que ao da pequena-burguesia, mas mal instalada. Trata-se do *ego* de um intelectual, ainda sem projecção, em que é fácil de adivinhar o despeito pelo anonimato em que vive, e a mesquinhez de perspectivas em relação aos outros nos quais não lobriga senão aspectos condenáveis, um jovem além disso profissionalmente frustrado e revoltado contra um patrão que se adivinha de pequena envergadura económica: um *ego* que, se revolta, portanto, contra os intelectuais já-com-projecção (denunciando nestes os jogos dos interesses, das capelinhas e o sistema do elogio mútuo) e contra todos os patrões-talvez-também-como-o-dele-de-pequena-envergadura-económica.

Talvez? Sim, porque esse *ego* ao falar no «tratado da açorda» que é a pequena-burguesia bem instalada, ao acusá-la de a ela se dever a «estatocracia e a burla dos jovens», exclui, como atrás se viu, a «alta-burguesia» que — diz ele — *não interessa a não ser como significado económico ou político*. Quer isto dizer que a alta-burguesia não é um tratado de açorda? Quer isto dizer que a ela nada se deve da «estatocracia» e da «burla dos jovens»?

E de um pequeno-burguês mal instaladó que acha que a alta-burguesia não é um tratado de açorda que outra coisa se deverá dizer dele se não que é outro tratado da açorda?

Ou dar-se-á o caso que este *ego* anda tão longe da alta-burguesia que até a esvazia de conteúdo, a abstractiza, a mitifica?

O interesse de *Já se pode brincar na relva* (o interesse precisamente que faz com que o livro mereça ser olhado de perto e lido por aquele raro Leitor que é optimista bastante para acreditar um pouco na minha opinião) está em que o seu autor se mostra suficientemente inteligente na apresentação do *eu problemático* do seu livro, que, repetimos, nos recusamos, em princípio, em considerar como *alter-ego* de Rui de Brito, por muito confessional que o romance se apresente. É que é o próprio Rui de Brito quem, com a máxima deliberação, nos mostra qual é, na verdade, a autêntica espessura da sua personagem: a sua inveja, a sua indiferença por tudo, o seu falso desprezo, os seus erros de óptica, a sua desumanidade, a sua mente despolitizada, o seu ódio tão pouco fértil (não dá ele quase sistemàticamente razão a uma crítica apenas estereotipada da sociedade que o cerca?), o seu fácil anarquismo, e, paradoxalmente (ou talvez não) a sua lucidez.

Documentem-se as principais destas características: a sua indiferença, o seu anarquismo:

«Para mim tudo é conveniente porque já aceitei todas as inconveniências da minha existência. É isso! (Sou indiferente por via da desmoralização!)», pág. 8, ou: *«Julgo ser melhor dormir. É isso que vou fazer: deitar-me e esperar. Esperar o quê (...) Isto é, sem dúvida, uma atitude plena de cobardia mas que me leva a uma indiferença quase feliz.»*

A consciência do seu anarquismo: *«Quanto a mim, acho que a revolução é necessária de vez em quando porque se deve conceder sempre uma oportunidade aos novos políticos para desgovernarem de uma forma diferente dos anteriores.»* Na verdade, este *eu* não acredita seja no que for: na política os homens só podem oferecer «desgoverno», tanto faz A como B. O melhor será nem A nem B. Ora este *eu* sabe (do lado de fora) que aqueles que o rodeiam o vêm tal como ele é, e como ele, no fim de contas, se vê a si próprio, o que é documentável pelo seguinte diálogo que trava com o escultor André que acaba de lhe terminar um busto:

«Gostas — pergunta ele. — Gostas, idiota?».

«Gosto — respondo-lhe. — És um grande escultor e uma revelação como psicólogo».

«Sabes como lhe vou chamar? Cabeça de anarquista!...».

Isto é suficiente para concluirmos que Rui de Brito apresenta um *eu* socialmente negativo. Se nos apresenta um *eu* que destrói o *eu* dos outros não deixa também esse próprio *eu* de se autodestruir.

Livro tremendamente pessimista onde há apenas uma nota de sinal contrário: a do título *Já se pode brincar na relva*.

Isso é que era bom!, não é verdade ó Leitor Distraído?

Cardiff, 10 de Novembro de 1970